

CEC 2020

*ANAIS DO VII CONGRESSO DE EXTENSÃO
E CULTURA DA UFPEL*



PR
Pró-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura



6ª SIIPE
SEMANA INTEGRADA
UFPEL 2020

▶ INOVAÇÃO ▶ ENSINO ▶ PESQUISA ▶ EXTENSÃO



VII CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL

ORGANIZAÇÃO

Comissão Científica VI CEC

*Francisca Ferreira Michelin
Felipe Fehlberg Hermann
João Fernando Igansi Nunes
Silvana de Fátima Bojanoski*

Equipe de apoio (acadêmicos)

*Bárbara dos Santos Kurz
Betina Dummer Uczak
Carlos Eduardo Vetromille Brito
Gianlucca de Mendonça Buzo
Guilherme Bueno Alcântara
Isabela Almeida Nogueira
Jéssica Cristina Alves
Joice Vieira Soares*

Equipes das salas virtuais

Debatedores

*Adriana Schuler Cavalli
Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos
Ana da Rosa Bandeira
Andréa Lacerda Bachettini
Annelise Montone
Carla Rodrigues Gastaud
Chris de Azevedo Ramil
Diego Lemos Ribeiro
Douver Michelin
Fabiane Borelli Grecco
Fabiane Tejada da Silveira
Franciele Costa Berni
Francisca Ferreira Michelin
Giselda Pereira
Giselle Molon Cecchini
Helenice Gonzalez de Lima
Jerri Teixeira Zanusso
Leticia Kirst Post
Luciana Bicca Dode
Michele Mandagara de Oliveira
Noris Mara Pacheco Martins Leal
Norlai Alves Azevedo
Paula Garcia Lima
Roberto Heiden
Sarah Maggitti Silva
Silvana Bojanoski
Stefanie Griebeler Oliveira
Teila Ceolin
Valdecir Carlos Ferri
Viter Magalhães Pinto*

Comissão Organizadora VI CEC

*Ana Carolina Oliveira Nogueira
Andréa Lacerda Bachettini
Cátia Aparecida Leite da Silva
Desirée Nobre Salasar
Elias Lisboa dos Santos
Jerri Teixeira Zanusso
Leticia Silva Dutra Zimmermann
Mateus Schmeckel Mota
Nádia Najára Krüger Alves
Norlai Alves Azevedo
Paula Garcia Lima
Rogéria Aparecida Cruz Guttier
Valdecir Carlos Ferri*

Mediadores

*Andréa Lacerda Bachettini
Desirée Nobre Salasar
Felipe Fehlberg Hermann
Francisca Ferreira Michelin
Silvana de Fátima Bojanoski
Valdecir Carlos Ferri*

Design Editorial

*Carlos Eduardo Vetromille Brito
Guilherme Bueno Alcântara*

Organizadores dos anais

*Francisca Ferreira Michelin
João Fernando Igansi Nunes
Mateus Schmeckel Mota
Paula Garcia Lima*



VII Congresso de Extensão e Cultura: um mundo transformado

Os Anais da sétima edição do Congresso de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas registram fortes e memoráveis decisões. A primeira delas — e a mais elementar — é a decisão sobre o evento acontecer integralmente no formato digital, porque assim o foi com toda a Semana Integrada de Inovação, Ensino, Pesquisa e Extensão. Ou era assim, ou não seria.

Quando começamos o trabalho de organização do CEC, sentíamos que as curvas da pandemia não nos poupariam. Continuaríamos, pela resistência do vírus, testando a nossa capacidade de enfrentar o isolamento, o distanciamento e o trabalho remoto. Optamos que o faríamos, porque já confiávamos na experiência acumulada nos meses de pandemia e já sabíamos que a tentativa apontava para o sucesso. Não desistir do evento já era, em si, um sucesso.

Transformamos ainda mais. Mudamos de linha: ao invés de manter a submissão de trabalhos nas oito áreas temáticas de extensão, avançamos para a proposição de temas transversais que trariam aos inscritos reflexões sobre os resultados atingidos. Queríamos pensar a extensão para além dos enunciados já conhecidos, tão empregados, tão protocolados, tão classificatórios que já pouco faziam sentido. Estabelecemos um seminário interno para entabular as novas propostas de temas, do qual advieram oito títulos, que expressam a nossa concepção de extensão e de presente.

O evento tornou-se digital, assim nenhuma inscrição foi paga. Não haveria os custos das atividades presenciais e, desse modo, não haveria por que cobrar. Desejávamos a gratuidade há um tempo.

Tê-la conseguido durante a pandemia tornou o momento ainda mais inclusivo. Nas edições anteriores, o pagamento da taxa permitia que o evento brindasse os inscritos com um conjunto de objetos (sacola, camiseta e caneca) com a marca da UFPel. Ao suprimir a presença e optar-se pela virtualidade, os objetos perderam sua função. Não os produzir permitiu que a taxa de inscrição deixasse de ser necessária. Foi uma boa decisão porque dela decorreu a possibilidade de atravessar fronteiras e convidar os extensionistas de todo o Brasil para participarem do evento.

Uma ação interna movida pelo colega da PREC, Mateus Schmeckel Mota, levou-nos a um resultado entusiasmante: o aumento do número de inscrições de trabalhos advindos de outras instituições, inclusive, de fora do Estado. Mateus empreendeu uma campanha de divulgação em outras universidades, dirigindo um convite personalizado para cada Pró-Reitoria de Extensão. Já nos primeiros dias de inscrição, a resposta foi sentida. Isso também reverberou no número de trabalhos submetidos que, ao contrário do que houve nos demais eventos desta SIIPE, aumentou em relação aos anos anteriores. Ficamos felizes, muito felizes. Isso nos provou o que já sabíamos: que a extensão é aberta, acolhedora e convidativa.

Não foram essas, apenas, as mudanças. No sistema digital, os agentes precisam estar esclarecidos de como será o processo. A consciência sobre esse esclarecimento decorre em necessidade de maior organização interna. Mateus assumiu essa função e tomou para si a tarefa de pensar nos detalhes que, no geral, apontam e respondem pelo sucesso ou fracasso do evento. A organização do CEC 2020 foi impecável e o resultado foi um transcurso sereno, seguro e agradável para todos. Ao final, foi Mateus que leu os nomes dos 30 apresentadores, cujos trabalhos tiveram destaques nas temáticas. Representou a equipe e representou o nosso evento. Sem dúvidas, todos se sentiram por ele representados.

Mas o CEC foi além. A mesma equipe que operou todo o processo de recepção dos trabalhos, inscrição de avaliadores (inclusive, externos à UFPel), organização dos destaques e das salas de debate também esteve em outras frentes da SIIPE. Coordenamos uma das palestras da SIIPE, a Revista Cultural e o Forcult, novidade máxima do nosso evento.

VII Congresso de Extensão e Cultura: um mundo transformado

O FORCULTSUL 2020 – Fórum Regional de Gestão Cultural das Instituições de Ensino Superior ocorreu exatamente no meio da SIIPE, dias 24 e 26 de novembro, integrado à programação do VII CEC. O evento paralelo, promovido pela Coordenação de Arte e Inclusão da PREC e organizado e presidido pelo colega João Fernando Igansi Nunes, reuniu os setores e agentes culturais das Instituições Públicas de Ensino Superior da Região Sul: Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Foram dias de debates essenciais, que abordaram as políticas culturais no âmbito acadêmico e discutiram os elementos basilares para futuras diretrizes de integração dos seus agentes, trabalhadores e público da Cultura. O evento, inédito no Sul do país, deu continuidade às discussões iniciadas no FORCULT Nacional, sobretudo, a proposição de um Corredor Cultural Nacional, a realização de pesquisas e indicadores, além de um mapeamento dos equipamentos culturais das Instituições de Ensino Superior (IES). João Fernando coroou, desse modo, o importante trabalho que vinha desenvolvendo com o Plano de Cultura da UFPel, também inédito e, igualmente voltado para o diálogo com outras instituições e ciente da necessidade de construir uma política cultural institucional. Foi merecido o reconhecimento que os participantes devotaram ao trabalho do nosso coordenador e à extensão da UFPel.

Também foi o Coordenador João Fernando que tomou para si a iniciativa de coordenar a Revista Cultural da VI SIIPE. Foram 25 espetáculos gravados em vídeo: música, dança, teatro e cinema, apresentados nos cinco dias da Semana. Sob a organização curatorial dos professores Leandro Maia, Giselle Cecchini e Cintia Langie, a Revista Cultural reuniu docentes, discentes, técnicos administrativos e comunidade externa na realização de espetáculos que manifestaram a diversidade qualificada das expressões artísticas da UFPel.

Ainda, o Coordenador João Fernando operou a terceira palestra da programação noturna da SIIPE, convidando e compartilhando uma hora de diálogo cultural com a artista e intelectual Giselle Beiguelman, livre docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Giselle contemplou a temática da SIIPE falando sobre pandemia, cidade e cultura, apresentando seus trabalhos recentes com os quais fez da cidade o palco para profundas reflexões de uma crise que transcende a grave questão sanitária para a esfera da desvalorização da vida no país.

E, por fim, destaco a contribuição da equipe da PREC, liderada pelas colegas Ana Carolina Oliveira Nogueira e Silvana de Fátima Bojanoski, que conduziram do início ao fim todo o processo do Edital que selecionou propostas de oficinas e, depois, as operacionalizou, desde a inscrição até sua realização efetiva. Foram, ao todo, 15 oficinas, com temas inéditos e profundamente sociais, muito identificadas com as diretrizes da extensão universitária e que foram capazes de reunir um público amplo e diverso.

Finalizo esta apresentação dos Anais do VI Congresso de Extensão e Cultura celebrando o trabalho de equipe. A pandemia, que nos isolou em nossas casas, não conseguiu impedir-nos de trabalhar conjuntamente. Não consegui evitar o nosso esforço — e sucesso — em buscar outros diálogos, em abrir as portas simbólicas do evento para outros, além do nosso público local. Não diminuiu a nossa vontade em propor soluções, em reunir pessoas, em pensar e debater, em avançar e continuar existindo e operando sobre a realidade.

Em nome da atual equipe da PREC, que finaliza a gestão 2017-2020, agradeço as pessoas que se juntaram a esse trabalho de organização e fizeram possível o evento com a quantidade de satisfação e alegria que rendeu a todos nós: os muitos discentes que atuaram junto com a equipe (imprescindíveis), os muitos colegas que se propuseram e atuaram na seleção dos destaques e nas salas dos debates, os colegas de outras instituições que aceitaram nosso convite para integrar o evento, os muitos apoiadores de diferentes formas que estiveram ao nosso lado.

Assim, com todas essas pessoas, transformamos o VII CEC em celebração, em reunião e em superação.

Uma salva de palmas aos valores humanos que nos reúnem e motivam.

Francisca Ferreira Michelin

Pró-Reitora de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas

Gestão 2017-2020

Dados de catalogação na fonte:
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901
Biblioteca de Ciência & Tecnologia - UFPel

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (7. : 2020 : Pelotas)
Anais do... [recurso eletrônico] / 7. Congresso de Extensão e Cultura ; org. Francisca Ferreira Michelin... [et al.]. – Pelotas : Ed. da UFPel, 2020. – 2188 p. : il.

ISSN: 2359-6686

Modo de acesso:

<http://wp.ufpel.edu.br/congressoextensao/anais/anais-2020>

1. Extensão. 2. Cultura. 3. Museus. I. Michelin, Francisca Ferreira. II. Nunes, João Fernando Igansi. III. Mota, Mateus Schmeckel. IV. Lima, Paula Garcia. V. Título.

CDD: 378.1554

SUMÁRIO

PROJETO DE ATENDIMENTO A PACIENTES PARCIALMENTE EDENTADOS (PREAPPE): RELATO DE EXPERIÊNCIA

GUILHERME ESPINOSA DUTRA¹; FELIPE CORRÊA MARTINS²; GUILHERME BRIÃO CAMACHO³; RENATO FABRÍCIO DE ANDRADE WALDEMARIN

1

RELATO DA FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORES DO ENSINO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE PELOTAS

RENATA SILVA E SILVA¹; LUCIANA CORDEIRO²

5

“EU NÃO SEI MAIS O QUE DIZER PARA AS PESSOAS”. RESULTADOS PRELIMINARES DE PROCESSO EDUCATIVO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

MARIA KLARA CHAVES MOTTA DA COSTA¹; LUCIANA CORDEIRO²

9

SERVIÇO CENTRAL DE RADIOLOGIA: UMA EXTENSÃO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA A SERVIÇO DA COMUNIDADE DA ZONA SUL

GIULIA GONÇALVES DIAS¹; MELISSA FERES DAMIAN², ELAINE DE FÁTIMA ZANCHIN BALDISERA³, CAROLINE DE OLIVEIRA LANGLOIS⁴

13

PROJETO DE EXTENSÃO: COMPREENSÃO DE SI MESMO, DO OUTRO E DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS COMO AÇÃO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

CAROLINE SILVA DOS SANTOS¹; HELENARA PLASZEWSKI²

16

LIGA ACADÊMICA DE CIRURGIA E TRAUMATOLOGIA BUCOMAXILOFACIAL DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UFPEL

NADINE BARBOSA FERREIRA¹; OTACÍLIO LUIZ CHAGAS JÚNIOR²; MARCOS ANTÔNIO TORRIANI³; LETÍCIA KIRST POST⁴; LUCAS JARDIM DA SILVA⁵, CRISTINA BRAGA XAVIER⁶

20

EDUCAÇÃO PERMANENTE EM CUIDADOS PÓS ALTA HOSPITALAR PARA TRABALHADORES DA SAÚDE: UM PROJETO DE EXTENSÃO

CAROLINE SCAPIN FACCO¹; KAREN CRISTIANE PEREIRA DE MORAIS²; ROSÂNGELA MARRION DA SILVA

23

FORMAÇÃO EM ARTES: A IMPORTÂNCIA DE RECONHECER AS SUAS REFERÊNCIAS

KARINA DO NASCIMENTO SOUSA LIMA¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA

26

SUMÁRIO

CURSO DE EXTENSÃO EM SERVIÇO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA VIRTUAL E O PAPEL DO TUTOR NO CONTEXTO DE QUARENTENA.

JULIENE LOPES COSTA 1 ; CLEISSON SCHOSSLER GARCIA 2 ; RITA DE CASSIA MOREM COS-SIO RODRIGUEZ

30

EMPREENDEDORISMO SOCIAL, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO “GEOGRAFIA EM COMUNIDADE”

RAIANE SANTANA COSTA 1; LORENA SIMÕES DE ÁVILA 2; DOUGLAS SATHLER3

34

CURSO CURRÍCULO LATTES: UMA ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DURANTE A PANDEMIA

GERALDO OLIVEIRA DA SILVA1; ALEXANDRE HENZEL BARCELOS2; LÚCIA RENATA DOS SANTOS SILVEIRA3; RODRIGO MARQUES QUEIROGA4; RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS5; ROSE ADRIANA ANDRADE DE MIRANDA

38

GRUPO LAÇOS – PROJETO DE FORMAÇÃO EM DANÇA

IZABELA LUCCHESI GAVIOLI1; LÉLIO SANTOS DA SILVA1; CAMILA COSTAMILAN SCHLICHTING1; CONSUELO VALLANDRO BARBO1; KAROLINE MASIERO DA SILVA1; PIETRA EMANUELE DE SOUZA MAGALHÃES1

42

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE BIOLOGIA E QUÍMICA ATRAVÉS DE UM CURSO DE EXTENSÃO

Matheus Pires Miranda1; Heiddy Márquez Alvarez 2

46

UMA REFLEXÃO SOBRE O IMPACTO E IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO ARQUEOLOGIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS

JULIANE DE OLIVEIRA KRÜGER1; RAFAEL GUEDES MILHEIRA2

50

AS PRÁTICAS E A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO CUIDADO AOS TRABALHADORES DO CENTRO REFERENCIAL EM SAÚDE

JENNEFER EMILY MARAIA SOARES1; ROSANE MARIA ANDRADE VASCONCELOS2; LENARA LIMA FIUZA2 ; WELLISON RODRIGO ALVES FERNANDES2 PAOLA SOUZA SANTOS2; DIONATAN COSTA RODRIGUES3

54

SUMÁRIO

CADA INDIVÍDUO É INREPETÍVEL: REVELAÇÕES EM UMA AUTOBIOGRAFIA

LUZIA HELENA BRANDT MARTINS¹; ESTEFÂNIA ALVES KONRAD²; CRISTINA MARIA ROSA

57

LEITURA LITERÁRIA DURANTE A PANDEMIA ATRAVÉS DE PLATAFORMAS DE STREAMING

ALISSON CASTRO BATISTA 1 ; CRISTINA MARIA ROSA

61

O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE ALEMÃO NO CURSO DE LÍNGUAS DA UFPEL

Cleice Dalla Nora; Helena dos Santos Kieling; Bernardo Kolling Limberger

64

EXTENSÃO: CONCEITO E PERSPECTIVAS NA UNICAMP

GIOVANNA MARIA SANTOS SCHEAVOLIN¹; MURIEL DE OLIVEIRA GAVIRA²

69

A REDE DE MUSEUS DA UFPEL NA 13ª PRIMAVERA DOS MUSEUS: ATIVIDADES EXTENSIONISTAS COMO FERRAMENTAS DE APROXIMAÇÃO ENTRE MUSEUS E COMUNIDADE

ROGER FELIPE ROCHA VILELA¹; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI²; SILVANA DE FÁTIMA BOJANOSKI³

73

GARIMPANDO O COTIDIANO E HUMANIZANDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

JÚLIA CAMPOS DA COSTA PEREIRA¹; LETÍCIA PERÍGOLO JORGE²; INGRID PRISCILA ALVES DE MORAIS³; JOSIANE APARECIDA LIMA⁴; YURI ELIAS GASPAR⁵; ROBERTA VASCONCELOS LEITE

77

SPEAKING

ISIS FELTRIN STEINER¹; NICOLLE LIMA BANDEIRA²; NATHAN RODRIGUES DA SILVA³; FORLAN LA ROSA ALMEIDA⁴

81

PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM MOTRICIDADE OROFACIAL NA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Christine Grellmann Schumacher; Adeline Suzanne Zingler; Daisyéli Dias Mesquita; Arielly Freitas Moura; Manoela Gomes; Geovana de Paula Bolzan

85

SUMÁRIO

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA AÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ALESSANDRA PEREIRA DE SOUZA¹; CAIQUE SOVERAL FULCO DE SANTANA²; CÍNTIA RODRIGUEZ BARROS²; LUÍS HENRIQUE OLIVEIRA DE MOURA²; TATIANE DA SILVA ARAÚJO BRAGA²; DINARTE ALEXANDRE PRIETTO BALLESTER³

89

FORMAÇÃO DE JUVENTUDES NO SEMIÁRIDO MINEIRO: METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS E DESENVOLVIMENTO REGIONAL.

MARIA SEBASTIANA CARMINDO DA SILVA¹; ADRIANO REIS CARDOSOMOREIRA²; ALINE WEBER SULZBACHER³, IVANA CRISTINA LOVO⁴, NATÁLIA FÁRIA DE MOURA

93

HISALES ON-LINE: TECENDO SABERES EM REDE

GICELE DUTRA DE FREITAS¹; VANIA GRIM THIES²

97

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CAPACITAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO PARA PRECEPTORES DO CURSO DE ENFERMAGEM: UMA EXTENSÃO PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO MATO GROSSO

ETIENNY DE BRITO DIAS FERNANDES¹; GUILHERME NASCIMENTO BEZERRA²; CAMILA FORTES DOSSI²; RAFAELA DE ALENCAR SALES²; RODRIGO LUIZ MACIEL²; FABIANA APARECIDA DA SILVA³

101

REINVENTANDO UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA PANDEMIA DA COVID-19: SAÚDE MENTAL NA ESCOLA

LUIZA MAINARDI RIBAS¹; BEATRIZ FLORIAM FOLTRAN²; ISABELA SANTIAGO ROSA PIZANI³; BRUNO BEZERRA SILVA⁴; FELIPE BARBOSA BUTZE⁵; DINARTE ALEXANDRE PRIETTO BALLESTER⁶

105

OFICINAS EXPRESSIVAS NO CAPS: ARTE COMO METODOLOGIA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL

HIZABELLA DE ANDRADE BARROS CRUZ¹; MARIA CLARA CARNEIRO BASTOS²; CAROLINE MARTINS BASTOS LIMA³; ROBERTA LIMA MACHADO DE SOUZA ARAÚJO⁴; AMANDA LEITE NOVAES⁵

109

AÇÕES FORMATIVAS INTEGRADAS: O HISTÓRICO DO PROGRAMA NO MUNICÍPIO DE PATOS DE MINAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE.

HELEN SOARES VALENÇA FERREIRA¹; FÁBIO SILVA BORGES²; SABRINA NUNES VIEIRA

113

EVOLUÇÃO DO BOLETIM DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL CONSERVAÇÃO E RESTAURO – PET-CR

ANA CAROLINA FERNANDES DA SILVA¹; CLARA RIBEIRO DO VALE TEIXEIRA²; FREDERICO SAMPAIO³; RENATA ALMEIDA TELES⁴; DANIELE BALTZ DA FONSECA⁵

117

SUMÁRIO

PROJETOS INTEGRADORES CENG

LETÍCIA BRANDÃO CALDAS¹; LARISSA ALDRIGHI DA SILVA²; LISMARA CARVALHO MARQUES³, DENISE DOS SANTOS VIEIRA⁴, DIULIANA LEANDRO⁵

121

PROJETO DE EXTENSÃO VEM SER RUGBY EM 2020: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

CIANA ALVES GOICOCHEA¹; CAMILA BORGES MULLER²; AMANDA FRANCO DA SILVA³; VIVIAN HERNANDEZ BOTELHO⁴; ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO⁴

125

HISTÓRICO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS UM ESTUDO DE CASO

THAÍS NOBLE RODRIGUES¹; Marcos Kommling Centeno²; Henrique Peglow da Silva³; João Gabriel Ruppenthal⁴; Thalia Strellov⁵; Prof. Dr. Maurizio Silveira Quadro

129

AFETIVO E ACOLHEDOR: O PÁTIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA

VALDOIR SIMÕES CAMPELO¹; CHAYANE SILVA, MARTA GASTAL ESTEFÂNIA KONRAD²; CRISTINA MARIA ROSA³

133

PROJETO DE ATENDIMENTO A PACIENTES PARCIALMENTE EDENTADOS (PREAPPE): RELATO DE EXPERIÊNCIA

GUILHERME ESPINOSA DUTRA¹; FELIPE CORRÊA MARTINS
²; GUILHERME BRIÃO CAMACHO³; RENATO FABRÍCIO DE ANDRADE
WALDEMARIN⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – guilherrmedutra@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – felipecorrearmartins@hotmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – charrua@ufpel.edu.br

⁴ Universidade Federal de Pelotas – waldemarin@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A perda dentária está diretamente atrelada as funções básicas de sobrevivência dos seres humanos e sobre sua qualidade de vida, tendo influência negativa no processo mastigatório e por consequência na nutrição. Somando-se a isso afetam a fonação e a estética, gerando prejuízos a autoestima e a integração social (AGOSTINHO, 2015; MOREIRA et al., 2011). Por outro lado, levando em consideração os efeitos específicos sobre o sistema estomatognático, a ausência parcial ou total dos elementos dentários pode acarretar uma significativa deterioração do próprio sistema, resultando em possíveis alterações nas articulações temporomandibulares de forma sintomática ou assintomática (BOSCATO et al., 2016). O censo de saúde bucal (SB Brasil 2010), afirma que entorno de 68% da população adulta necessita o restabelecimento de pelo menos um dente perdido (RONCALLI et al., 2012).

Levando em consideração a influência do edentulismo na vida da população, evidencia-se a necessidade da readequação do sistema estomatognático, oferecendo assim saúde e qualidade de vida. Por isso, o Projeto de Atendimento Especial a Pacientes Parcialmente Edentados (PRAEPPE) possibilita aos estudantes de odontologia a aquisição de conhecimentos na área de readequação do sistema estomatognático através de próteses dentárias e oferece atendimento ao público nestas demandas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência das ações realizadas pelo Projeto de Atendimento a Pacientes Parcialmente Edentados (PREAPPE). O presente projeto objetiva ofertar aos estudantes de odontologia aprendizado na confecção de novas próteses, na identificação da necessidade e na execução de manutenção e reparo em prótese dentária, além de oferecer atendimento ao público nestas demandas. Os pacientes chegam por livre demanda, oriundos de outras disciplinas ou referenciados via SUS. No primeiro atendimento é gerado um prontuário próprio, feita a avaliação através de exames e posteriormente planejada a resolução imediata ou mediata do caso. As ações são bissemanais, em turnos diferentes, a fim de possibilitar maior acesso a alunos e pacientes. Atuam como operadores estudantes aprovados na primeira disciplina clínica de prótese dentária da faculdade e, como auxiliares, alunos de todos os semestres letivos.

A mensuração dos resultados alcançados pelo projeto é obtida de duas maneiras, sendo uma delas realizada junto ao paciente após o final do tratamento levando em consideração a satisfação do mesmo com a atenção recebida durante o tratamento e o quanto se sente satisfeito com o resultado final do tratamento protético. Outra forma

que o projeto obtém seus resultados é através de avaliações junto aos estudantes que atuaram no projeto tanto como operadores quanto auxiliares. Essa avaliação ocorre ao final de cada ano letivo, e leva em consideração como foi a atuação dos discentes durante suas trajetórias no projeto, contribuindo com possíveis sugestões para futuras melhorias do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A extensão é instrumento de extrema relevância para que a Universidade articule ações de pesquisa e ensino com a prestação de serviços à sociedade SOUSA (2000). No que tange ao aprimoramento das atividades clínicas realizadas pelos os alunos o projeto supre uma lacuna na formação prática destes estudantes, levando em consideração a melhor instrução ofertadas pelos professores tendo em vista que a proporção aluno/professor é bem adequada, bem como os casos variam em relação à experiência clínica do estudante. Corroborando com isso, Cavalcanti (2010) afirma que as atividades curriculares são consideradas insuficientes para o exercício profissional e em virtude disso há grande valorização dos estágios durante o período da graduação. As atividades realizadas no projeto de extensão buscam atender a uma demanda social específica, melhorando o ensino e, conseqüentemente, estimulando os alunos em sua formação possibilitando futuramente uma modificação da realidade social através de profissionais com maiores habilidades técnico-científicas e humanísticas. Assim, cria-se um elo permanente entre a universidade e diversos setores da sociedade, pois a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade e recebe em troca a possibilidade de formar alunos com excelência capazes de reconhecer as demandas sociais sobre suas reais necessidades, seus anseios e aspirações. (Moimaz, 2011)

A média de atendimentos no projeto se aproxima de 50 casos ao ano, tendo se mostrado produtiva e relevante levando em consideração as peculiaridades que envolvem o tratamento protético e a curva de aprendizagem dos alunos. Além dos procedimentos técnicos realizados, os extensionistas orientam os pacientes sobre cuidados específicos com as próteses dentárias, a importância das consultas de retorno entre outros aspectos visando a educação em saúde, que de acordo com a literatura se mostra de grande valia promovendo a saúde através de informações compartilhadas e evitando possíveis intercorrências futuras (PITZ; MATSUCHITA, 2015). A manutenção da saúde bucal e o não surgimento de novas alterações somente será possível com a colaboração do paciente, apoiado por uma equipe de saúde bucal preparada para, além de educá-lo, conscientizá-lo sobre a importância de seu engajamento e da manutenção de seu interesse por uma condição bucal adequada a saúde no seu mais amplo conceito. Envelhecer e manter a qualidade de vida, com saúde geral e bucal, será o grande desafio a ser alcançado neste século. Tratar desses pacientes representará a manutenção e o aprimoramento da qualidade de vida dessas pessoas e um grande aprendizado para os futuros profissionais (Moimaz, 2011).

Portanto, na busca de uma transformação da realidade social e na produção de práticas de integralidade em saúde, não basta justapor saberes, sendo necessário também agir (Silva et al., 2010).

O desenvolvimento das atividades acadêmicas propostas pelo projeto ocorre com qualidade e excelência, contribuindo para a formação integral dos estudantes, desenvolvendo o espírito crítico nos alunos, bem como atuação ética em uma área importante como a da saúde. O projeto permite que os alunos desenvolvam a

criatividade ao propor soluções aos problemas clínicos presentes (Araújo, 2013). Segundo Volpato (2010), devemos formar mentes questionadoras e criativas, com perfil empreendedor e habilidades técnicas que viabilizem um futuro ético e promissor para o profissional e para a sociedade.

4. CONCLUSÕES

No presente trabalho foi possível concluir a importância do projeto de extensão para a evolução dos alunos dentro da universidade, levando os mesmos a terem mais horas práticas, com isso tendo mais confiança para o exercício da profissão após a graduação, além de fornecer serviços de saúde a população em geral de forma gratuita através do SUS, restabelecendo assim a saúde oral, devolvendo a funcionalidade do sistema mastigatório e estética quando necessário, sendo esses serviços direito de qualquer cidadão e dever da Universidade no âmbito da extensão universitária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, ACMG. CAMPOS, ML. SILVEIRA, JLGC. Edentulismo, uso de prótese e autopercepção de saúde. **Revista de Odontologia da UNESP**, São Paulo, v.44, n. 2, p. 74-79, 2015.

BOSCATO, N.; SCHUCH, H.S.; GRASEL, C.E.; GOETTEMS. M.L. Differences of oral health conditions between adults and older adults: A census in a Southern Brazilian city. **Geriatric & Gerodontology International**, Japão, v.16, n.9, p.1014-1020, 2016.

CAVALCANTI, Y. W., CARTAXO, R. D. O., & PADILHA, W. W. N. Educação odontológica e sistema de saúde brasileiro: práticas e percepções de estudantes de graduação. **Arquivos em odontologia**, João Pessoa, v. 46, n. 4, p. 224-231, 2010.

MOREIRA, R.S.; NICO, L.S.; TOMITA, N.E. O risco espacial e fatores associados ao edentulismo em idosos em município do Sudeste do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Recife, v.27, n.10, p.2041-54, 2011.

PITZ, A.; MATSUCHITA, H. L. P. Importância da Educação em Saúde na Terceira Idade. **Uniciências**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 161-168, 2015.

RONCALLI, A. G., SILVA, N. N. D., NASCIMENTO, A. C., FREITAS, C. H. S. D. M., CASOTTI, E., PERES, K. G., ... & VETTORE, M. V. Aspectos metodológicos do Projeto SBBrazil 2010 de interesse para inquéritos nacionais de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Natal, v. 28, p. s40-s57, 2012.

SB BRASIL 2010. **Pesquisa Nacional de Saúde Bucal – Resultados Parciais**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, 2012. Acessado em 03 set 2020. Online. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_nacional_saude_bucal.pdf.
SOUSA, A. L. L. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea Editora, 2000.

MOIMAZ, S. A. S., GARBIN, C. A. S., SILVA, M. M., JOAQUIM, R. C., & SALIBA, N. A. Projeto Sempre Sorrindo: 10 anos de atenção ao idoso institucionalizado. **UFES. Revista de Odontologia**, Espírito Santo, p. 46-51, 2011.

VOLPATO, G. L. **Dicas para redação científica**. São Paulo: Acadêmica & Scripta, 2006.

RAMOS, F. R. S. Integralidade em saúde: revisão de literatura. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Florianópolis. v. 9, n. 3, p. 585-592, 2010

DE ARAÚJO, R. M. FEITOSA, F. A. Articulando o ensino de graduação em Odontologia com a extensão universitária. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 115-124, 2013.

RELATO DA FORMAÇÃO CRÍTICA DE PROFESSORAS DO ENSINO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DE PELOTAS

RENATA SILVA E SILVA¹; LUCIANA CORDEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renatassilva.to@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucordeiro.to@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir da atuação do Laboratório de Práticas Emancipatórias e Territoriais (LAPET) no bairro Dunas, em Pelotas, Rio Grande do Sul, uma colaboração entre o LAPET e a escola municipal de ensino infantil (EMEI) do bairro foi estabelecida. Ação de extensão nessa EMEI, com professoras do ensino infantil, foi realizada no formato de oficinas, com o intuito de instrumentalizar as trabalhadoras, debatendo temáticas relacionadas ao cotidiano escolar e aos atravessamentos das suas práticas, visando transformá-las (ALMEIDA et al, 2020).

Essa prática se faz necessária, uma vez que o neoliberalismo ataca as políticas sociais, inclusive aquelas voltadas à educação, propondo que o Estado se limite a oferecer políticas compensatórias como proposta de contenção da pobreza. Assumindo discurso a favor da liberdade dos indivíduos, se isenta da responsabilidade de atuar a favor da igualdade e justiça social, deslocando a responsabilidade para o cidadão/trabalhador (ARCE, 2001).

Enxergando a educação como mercadoria, não mais como direito, o Estado investe minimamente no aspecto financeiro, sendo o responsável, dentre outros quesitos, por definir currículos e a formação de professores. Para tanto, se esmera na funcionalidade e meritocracia, nos valores neoliberais, além de valorizar o tecnicismo e a mera reprodução de informações utilitárias. Como resultado da adoção de tal postura neoliberal, o professor não encontra elementos para contribuir para a formação de alunos críticos, apropriados de bens culturais ou capazes de superar a ordem vigente e almejar transformações sociais (ARCE, 2001).

Na educação infantil isso não é diferente; o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil do MEC (RCNEI,1998), que se baseia nas necessidades básicas de aprendizagem e na formação inicial em serviço dos professores, oferece instruções de como os professores devem desenvolver seu trabalho, por meio de guias e manuais. Além de desprezar a produção de conhecimento no campo da pedagogia, o documento deixa evidente os ideais cognitivistas no atendimento às crianças e o entendimento da função conteudista da escola (ARCE, 2001).

Adotando lógica contrária a essa, advoga-se ser preciso garantir a formação de alunos como sujeitos sócio-históricos e, para isso, propõe-se problematizar a falta de acesso a bens culturais no cotidiano escolar. Paro (2001) comenta a necessidade de haver professores democráticos; afirma que uma personalidade democrática é formada exercendo e praticando a democracia desde os primeiros anos escolares, nas relações sociais e experiências vividas na escola. A realidade, no entanto, se pauta em professores que reproduzem o que aprenderam com os seus professores quando crianças, e assim, seus alunos serão esses mesmos profissionais amanhã. Diante disso, Paro (2011) propõe como solução imediata, uma formação continuada dos professores que já estão na escola.

Partindo dessas considerações, o objetivo deste estudo é descrever o processo formativo crítico desenvolvido com trabalhadoras do ensino infantil, em uma EMEI, em prática extensionista.

2. METODOLOGIA

Foram realizadas 6 oficinas com professoras de uma EMEI do bairro Dunas, em Pelotas. Esse processo formativo teve como objetivo refletir sobre o cotidiano escolar e sobre o processo de trabalho de professoras do ensino infantil, instrumentalizando-as para a produção de novas práticas. A proposta partiu das demandas trazidas pela escola no primeiro encontro formal entre membros do LAPET e trabalhadoras da escola, conforme descrito em outro trabalho (ALMEIDA et al, 2020). Para os encontros utilizou-se como método as oficinas emancipatórias, uma vez que se compreende que o processo coletivo facilita a promoção de análise crítica do cotidiano de trabalho (SOARES et al, 2018).

Após cada oficina, com duração média de 2 horas, os alunos debatiam com a professora responsável a fim de pensar a proposta para o próximo encontro. Dessa forma, os temas discutidos nas oficinas não foram definidos previamente, sendo construídos a partir dos encontros anteriores, isto é das necessidades identificadas no próprio grupo de professoras. Além disso, impressões sobre a escola e o cotidiano escolar, a partir das visitas à EMEI e das oficinas, foram registradas em um diário de campo, onde foram registrados os temas discutidos e as dinâmicas captadas nas oficinas, além de reflexões e sentimentos manifestados pelas participantes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a pactuação das oficinas com a escola e com as professoras participantes, a equipe de extensão se reuniu para decidir o primeiro tema a ser debatido, bem como a estratégia a ser utilizada. Decidiu-se pelo tema da construção da categoria infância e as concepções de infância das participantes. As alunas responsáveis pelo grupo introduziram o tema a partir da perspectiva histórico-cultural da infância (JARDIM, 2003). Em seguida, foi sugerido que as professoras expressassem suas concepções de infância em forma de desenho, para que, junto à exposição das alunas sobre o tema, fomentasse debate. Os desenhos retrataram uma infância idealizada, com liberdade e segurança ao brincar na rua e com a certeza de ter uma casa com aconchego. A fim de contrapor tal compreensão, o documentário “A invenção da infância”, que traz crianças, de diferentes classes sociais e formas de viver a infância, foi exibido. Avaliou-se que o encontro trouxe importantes reflexões, e as professoras refletiram sobre a ideia de ser criança não ser, necessariamente, ter infância.

A segunda oficina questionou a função da escola e o papel que a educação e a escola pública têm na vida das crianças que a frequentam. Como estratégia, realizou-se um jogo educativo inspirado em experiências anteriores com jovens (YONEKURA, SOARES, 2010). O jogo propõe que os participantes se posicionem favoráveis ou contrários a uma expressão ou frase valorativa e façam a defesa de seus posicionamentos, podendo, inclusive, refazer suas opiniões a partir do debate instaurado. Nessa oficina evidenciou-se o cuidar e o educar como indissociáveis na educação infantil, retomando o conceito mais geral de educação como apropriação da cultura. Entendendo cultura como toda criação humana, sua apropriação faz dos

alunos sujeitos humanos-históricos, sendo o papel da escola, garantir a apropriação dos bens culturais, tornando a criança ativa no seu processo formativo e permitindo a construção de uma personalidade democrática. (PARO, 2000, 2011).

Na terceira oficina, o tema função da escola se desdobrou; discutiu-se o acesso à escola como direito e o desvelamento do papel do Estado, com o intuito de refletir sobre as práticas escolares. Nessa oficina aprofundou-se na compreensão da escola como instituição reprodutora de desigualdades. Bourdieu entende que a escola parte da premissa de equidade entre os alunos, determinando que estes têm os mesmos direitos e deveres, ignorando as diferenças de classe e desigualdades de capital econômico, social e cultural dos alunos, permitindo, assim, que os privilegiados sejam favorecidos e os desfavorecidos se mantenham assim. Para este último grupo, a cultura escolar acaba sendo estranha quando comparada à cultura familiar, o que dificulta a apropriação da mesma, e conseqüentemente, a permanência e sucesso escolar (NOGUEIRA, NOGUEIRA, 2002).

Além disso, as professoras problematizaram a função da escola de proteger os alunos, de civilizá-los e prepará-los para o trabalho. Discutiu-se também as condições de trabalho do professor; diversas dificuldades em relação ao serviço, tais como a desvalorização desse trabalhador, seus baixos salários, além dos problemas entre a equipe e a direção daquela escola em particular.

No próximo encontro discutiu-se sobre os determinantes das práticas pedagógicas e do cotidiano escolar. A partir da leitura conjunta de “Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo” (ARCE, 2001), a influência do neoliberalismo nas políticas de formação dos professores, e como tais políticas estão descaracterizando o professor como profissional foram trazidas à tona. Comentou-se a visão do professor como técnico que tem como função apenas repassar conhecimentos e conteúdos, sem teorização nem incentivo à criticidade, claramente educando crianças para serem trabalhadores alienados. As professoras mencionaram que o sujeito reflexivo pode ser visto como um problema, já que questiona a realidade, e comentaram que os alunos com 5 anos já apresentam interesse em refletir sobre o mundo e suas histórias. Além disso, rapidamente traduziram a receita neoliberal atravessando o cotidiano escolar, exemplificando com a falta de verba e estrutura escolar, que recai no professor, o qual trabalha sem instrumentos adequados à sua prática.

Já no final do processo formativo, na quinta e última oficina, resgatou-se os encontros anteriores elencando tópicos, com o intuito de agrupá-los em categorias, referente aos temas trabalhados. Tal sistematização favoreceu novo debate. Nesse dia em específico, o grupo contou com a coordenadora pedagógica da escola. Temas considerados de difícil abordagem pelas professoras, como a sexualização precoce e as armas de fogo presente nas brincadeiras das crianças foram retomados, demonstrando receio acerca da relação dos alunos com armas e com a polícia. No último encontro, em uma roda de conversa, o grupo debateu e avaliou todo o processo formativo, além de conversar sobre as próximas ações na EMEI. Utilizou-se um instrumento de avaliação, que seria aplicado durante todos os encontros, mas que as professoras decidiram usar no último para ajudar a avaliar o processo.

No início, as professoras se preocupavam em deixar seus alunos sozinhos com as auxiliares durante o período das oficinas, e conforme os encontros foram acontecendo essa preocupação diminuiu, já que as oficinas se tornaram um espaço de debate importante. As professoras valorizavam aquele momento de discussão e reconheciam sua potência.

4. CONCLUSÕES

As oficinas na EMEI consistiram em um espaço de educação continuada, apoiando as práticas na educação infantil com debates e reflexões pertinentes à realidade local. Os encontros, facilitados pelo método das oficinas emancipatórias, permitiram discussões para além da educação técnica em um espaço de confiança, visando a transformação social.

O quadro de oficinas realizado na EMEI se configura como inovação metodológica, podendo ser replicado em outras formações, ou adaptado para outros contextos e necessidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.E.R.G. et al. Programa comunidade de práticas emancipatórias: Construindo redes de colaboração intersetorial e transformação social pela práxis. In: Michelon, F.F.; BANDEIRA, A.R. **A extensão universitária nos 50 anos da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2020. p.310-324.

ARCE, A. Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. **Educação & Sociedade**, ano XXII, nº 74, Abril/2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

JARDIM, C.S. A construção do conceito de infância. In: JARDIM, C.S. **Brincar: um Campo de Subjetivação na Infância**. São Paulo: Annablume, 2003. Cap.1, p.13-30.

NOGUEIRA, C.M.M; NOGUEIRA, M.A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n o 78, abril/2002

PARO, V. O currículo do ensino fundamental como tema de política pública: a cultura como conteúdo central. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 485-508, jul./set. 2011.

PARO, V. **Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino**. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/0528t.PDF> Acesso em 05 set. 2020.

SOARES, C.B. *et al.* Oficinas emancipatórias como intervenção em saúde do(a) trabalhador(a). **Rev Bras Saude Ocup** 2018;43(supl 1):e7s.

YONEKURA, T.; SOARES, C.B. O jogo educativo como estratégia de sensibilização para coleta de dados com adolescentes. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 18(5):[07 telas], set-out 2010.

“EU NÃO SEI MAIS O QUE DIZER PARA AS PESSOAS”. Resultados preliminares de processo educativo na atenção primária à saúde com agentes comunitários de saúde

MARIA KLARA CHAVES MOTTA DA COSTA¹; LUCIANA CORDEIRO²

¹Universidade Federal de Pelotas – mariaklarachvs@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas– lucordeiro.to@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A educação em saúde é um dos principais instrumentos de trabalho na Atenção Primária à Saúde (APS). Um recurso útil e bastante utilizado nos processos educativos são os materiais educativos. Estes estão majoritariamente pautados na educação em saúde tradicional, que dissemina a lógica dominante no sentido de impor a obediência e a adoção de “comportamentos saudáveis” pela população. “O processo ensino aprendizagem termina por reproduzir o sentido hegemônico e conservador da relação trabalho e educação” (MOROSINI, 2010, p.141).

Dentre outros instrumentos de trabalho, o Agente Comunitário de Saúde (ACS) utiliza a educação em saúde em sua prática cotidiana. É o profissional responsável por facilitar o contato entre a população e a equipe da Atenção Primária à Saúde (APS). O ACS é o membro da equipe que reside no território adstrito à unidade básica de saúde (UBS), isto é, é o trabalhador mais próximo da população e que tem maior probabilidade de criar vínculos com esta (BRASIL, 2017).

De acordo com a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) de 2012, são atribuições do ACS mapear as famílias e indivíduos de determinada área e cadastrá-los, manter os dados atualizados e estar sempre em contato com essa população, oferecendo atividades de promoção e prevenção em saúde. Ademais, o ACS organiza ações com o intuito de viabilizar a integração entre a comunidade e os profissionais da UBS, realiza orientações e visitas domiciliares, que são programadas de acordo com a necessidade de cada um (BRASIL, 2012).

MOROSINI (2010) aponta a naturalização do processo de trabalho do ACS, e para a reiteração das práticas cotidianas instituídas. Advoga-se que ainda que as dimensões técnica e da assistência social do trabalho do ACS estejam presentes no cotidiano do trabalho, a dimensão política, isto é, a dimensão de organização da população para discussão dos desgastes e fortalecimentos da vida no território, não é contemplada (CHIESA, FRACOLLI, 2004). Devido grande parte das concepções de educação em saúde na APS ser baseada na saúde pública tradicional, há um distanciamento de proposta emancipatória no sentido da construção de novas formas de organização e produção da humanidade. (MOROSINI, 2010, p.141).

Compreendendo a formação precária dos ACS e a alta demanda pela realização de tarefas sem refletir sobre o trabalho, o projeto de extensão *Produção de processos educativos emancipatórios na atenção primária à saúde* tem intenção de desenvolver processos educativos que subsidiem práticas emancipatórias em saúde, sobretudo na APS. Dessa forma, este trabalho pretende compreender a realidade das ACS de uma UBS do município de Pelotas relativa à educação permanente, com intenção de instrumentalizá-las para a produção de práticas humanizadoras.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado em duas etapas. A primeira consistiu em busca extensiva de materiais de educação em saúde (cartilhas, cadernos, folhetos, etc) voltados para a APS em buscadores online e sites do Ministério da Saúde. Em seguida, esses materiais foram classificados por temas e por população alvo de acordo com o ciclo de vida. Por exemplo, o tema de saúde do adulto contempla materiais sobre hipertensão, tuberculose, diabetes, AIDS, etc.

Na segunda etapa, as ACS de uma UBS do município de Pelotas foram contatadas para que indicassem tema de preferência para aprofundar seus conhecimentos. Depois, o material referente ao tema escolhido foi disponibilizado em um computador emprestado às participantes. Além do material, as trabalhadoras receberam um roteiro para guiar a leitura, contendo questões que direcionam a leitura e provocam algumas reflexões iniciais. Em data e horário agendado, via plataforma online (Webconf), as ACS contextualizaram a realidade acerca dos processos formativos para o trabalho e avaliaram o material, expondo suas impressões em sua forma e conteúdo, suas afetações, bem como a utilidade dos conhecimentos adquiridos em suas práticas profissionais; os resultados estão sintetizados a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cinco ACS aceitaram participar do projeto. O tema que as participantes escolheram para aprofundar-se foi saúde mental. Segundo as trabalhadoras, essa necessidade ficou ainda mais evidente com o advento da pandemia de coronavírus, que trouxe mais insegurança para todas as pessoas. Assim, selecionou-se a cartilha “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19 - Recomendações Gerais”, produzida pelo Ministério da Saúde e Fundação Oswaldo Cruz (2020) para que elas avaliassem. O material foi lido previamente ao encontro virtual com as extensionistas envolvidas no projeto, que teve duração média de uma hora com cada participante. As participantes reiteraram suas apreensões relativas ao momento atual, principalmente por serem trabalhadoras essenciais. Relataram sentir-se inseguras por colocarem tanto seus familiares, como elas mesmas em risco.

Sem apoio institucional e do Estado, o sentimento de desproteção aumentou muito durante a pandemia, que agravou ou evidenciou os os problemas enfrentados cotidianamente pelas ACS.

Em relação à educação permanente, as participantes denunciaram a ausência de espaços de formação e de discussão sobre o trabalho. Os materiais educativos que recebem da secretaria de saúde não respondem às necessidades encontradas na prática e não são adequados à realidade das trabalhadoras. Exemplo disso foi o rápido treinamento a que foram submetidas no início da pandemia, sem que pudessem expor suas apreensões. Relataram, ainda, que apesar dos fluxos e grupos costumeiros da UBS terem sofrido alterações, a fim de evitar possível contágio de coronavírus, o intenso movimento de pessoas na unidade se manteve, sem qualquer procedimento de desinfecção extra. A usual escassez de equipamentos de proteção individual também se manteve; no entanto, a indignação frente a isso aumentou, dada a potencial gravidade das complicações do COVID-19.

Outras situações que reforçam o sentimento de desproteção e desvalorização das trabalhadoras foram a impossibilidade de terem acesso a testes rápidos de COVID-19, mesmo depois de duas ACS terem sido diagnosticadas com o vírus; e a cobrança excessiva pela realização de atividades consideradas como prioritárias pelo

município, já que poderiam garantir o orçamento repassado pela federação. Nem mesmo o adoecimento e afastamento de algumas trabalhadoras foi capaz de mobilizar humanidade na gestão.

O apoio no trabalho costuma vir das próprias colegas. Por sentirem-se oprimidas diante da relação hierárquica a que são submetidas e, ao mesmo tempo, servirem de anteparo para todos os tipos de problemas da população (CORDEIRO, 2013), a classe de trabalhadoras se une, se protege e se cuida. Contudo, a pandemia foi responsável também pela dissolução dessa rede, desse ponto de fortalecimento, deixando as ACS ainda mais solitárias, estando à própria sorte para lidar com questões pessoais e relativas ao trabalho, sobretudo acerca da demanda dos usuários.

Diante de tanto sentimento de desproteção, as ACS se vêem sem saber o que dizer para as pessoas que atendem, configurando o esvaziamento das dimensões técnica e política do trabalho (CHIESA, FRACOLLI, 2004). Sem terem quaisquer instrumentos de trabalho, nos dias de absoluta falta de esperança, relatam se apegar à ilusões de dias melhores, ainda que percebam a população temerosa, com sintomas ansiosos, com alteração da pressão arterial e consumindo mais álcool.

A cartilha compartilhada com as ACS facilitou a identificação de sintomas considerados comuns no presente momento, como alteração do sono e do apetite, irritabilidade, angústia, tristeza, pensamentos recorrentes de morte, etc (BRASIL, 2020). Ainda que haja alguns termos técnicos colocados na cartilha, as participantes consideraram a linguagem do material acessível a profissionais da saúde, e as informações úteis para elas mesmas e para o trabalho. Apesar disso, concordaram que o texto poderia ser mais explicativo e ilustrado, o que garantiria acesso a maior número usuários da UBS.

Nos próximos encontros a cartilha será escrutinada junto às ACS, analisando as adaptações que seriam necessárias, não somente para acessibilizar a cartilha à população, mas também para informar as práticas críticas destas profissionais, visando a retomada das dimensões técnica e política do trabalho, humanizando-as.

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho sistematizou resultados preliminares do projeto de extensão que se propõe a realizar processo educativo com ACS. Os relatos das participantes mostraram que a ausência de educação permanente impacta não apenas na produção de conhecimentos técnicos a serem disseminados, como na capacidade de humanização das trabalhadoras, desfavorecendo o potencial de transformação social do trabalho na APS.

Ao entrar em contato com material educativo sobre saúde mental na pandemia, as ACS refletiram sobre a precarização do trabalho e a falta de instrumentos para desenvolver suas práticas de educação em saúde, seja na dimensão técnica ou na dimensão política.

Esses resultados mostram-se promissores em relação à superação da mera reprodução de informações sobre biossegurança na pandemia, alcançando efeitos práticos e até imediatos sobre a realidade do trabalho educativo do ACS, propiciados pela facilitação de espaços de reflexão a partir da concretude.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAND, C.I.; ANTUNES, R.M.; FONTANA, R.T. Satisfações e insatisfações no trabalho do agente comunitário de saúde. **Cogitare Enferm**, v.15, n.1, p.40-47, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica** / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: 2012.

BRASIL. **Agente Comunitário de Saúde**. Ministério da Saúde, Brasília, 22 nov. 2017. Acessado em 21 jul. 2020. Online. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/acoes-e-programas/saude-da-familia/agente-comunitario-de-saude>.

BRASIL. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19 - Recomendações Gerais**. Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Brasília, 06 abr. 2020. Acessado em 10 set. 2020. Online. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/documento/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19>.

CHIESA, A.M.; FRACOLLI, L.A. O trabalho dos agentes comunitários de saúde nas grandes cidades: análise do seu potencial na perspectiva da promoção da saúde. **Rev Bras de Saúde da Fam**, v.2, p.42-49, 2004.

CORDEIRO, L. **Formação de agentes comunitários de saúde para o desenvolvimento de práticas relativas às drogas na atenção primária à saúde**. Dissertação (Mestrado em Cuidado em Saúde). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2013.

MOROSINI, M.V. **Educação e trabalho em disputa do SUS: a política de formação dos agentes comunitários de saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

SERVIÇO CENTRAL DE RADIOLOGIA: UMA EXTENSÃO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA A SERVIÇO DA COMUNIDADE DA ZONA SUL

GIULIA GONÇALVES DIAS¹; MELISSA FERES DAMIAN², ELAINE DE FÁTIMA ZANCHIN BALDISSERA³, CAROLINE DE OLIVEIRA LANGLOIS⁴.

¹Faculdade de Odontologia, UFPel – giuliagdias05@gmail.com

²Departamento de Semiologia e Clínica, Faculdade de Odontologia da UFPel – melissaferesdamian@gmail.com

³Departamento de Semiologia e Clínica, Faculdade de Odontologia da UFPel – elainebaldissera@gmail.com

⁴Departamento de Semiologia e Clínica, Faculdade de Odontologia da UFPel – caroline.o.langlois@gmail.com

1. INTRODUÇÃO.

Durante o atendimento de pacientes em Odontologia, o exame radiográfico tem grande importância como complemento ao diagnóstico (WHAITES, 2009). Em virtude da importância destes exames, a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas (FO-UFPel) oferece um projeto de extensão chamado “Serviço Central de Radiologia” (SCR), que desde 1957 até 2019 vinha funcionando de forma ininterrupta e gratuita. Atualmente, tanto pela pandemia causada pela Covid-19, quanto em virtude de problemas estruturais, o serviço infelizmente encontra-se fechado temporariamente. O andamento do projeto depende da compra de equipamentos de proteção individual obrigatórios para oportunizar um atendimento seguro, bem como de uma série de restauros locais para conter infiltrações e ampliar o seu atendimento. O setor se caracteriza como extensão, pois nele são prestados atendimentos à população, possibilitando a aproximação da Universidade com a comunidade (MANCHUR; SURIANI; CUNHA, 2013).

Inicialmente, o Serviço Central de Radiologia surgiu para atender a demanda interna de pacientes da FO-UFPEL que precisavam de exames por imagem. Porém, a partir de 2010, por meio de contratualização com a Prefeitura Municipal de Pelotas, passou a atender também pacientes encaminhados por cirurgiões dentistas (CD’s) dos Centros de Especialidade Odontológicas (CEO), das Unidades Básicas de Saúde (UBS) da cidade de Pelotas-RS e também da Zona Sul do Rio Grande do Sul. Essa pactuação ampliou as atividades do SCR no âmbito do SUS. Os procedimentos realizados nos pacientes encaminhados vão desde radiografias intrabucais (exames radiográficos realizados no interior da cavidade bucal) (IANNUCCI; JANSEN, 2010), até radiografias extrabucais (radiografias realizadas da cabeça do paciente) (WHITE; PHAROAH, 2015). Apenas pacientes atendidos em serviços públicos de saúde são alvo do projeto. Requisições de exames de dentistas particulares não são aceitas.

O intuito deste trabalho é apresentar a atuação do Serviço Central de Radiologia e demonstrar a sua importância para a formação acadêmica dos futuros CD’s, e para a população da Pelotas-RS e região Sul do estado.

2. METODOLOGIA.

Para a metodologia deste trabalho, será apresentado um detalhado relato de como é realizado o atendimento aos pacientes que chegam ao Serviço Central de Radiologia até a sua saída já com os exames por imagem em mãos, buscando sempre atingir um atendimento humanizado e acolhedor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente os profissionais que atuam diretamente no serviço são 3 docentes radiologistas, 4 técnicos em Radiologia e 1 discente do curso de Odontologia, sendo esta bolsista pelo Programa de Bolsas Acadêmicas – Modalidade Iniciação à Extensão e Cultura. O bolsista desempenha diversas funções no projeto, são elas: receber e atender pacientes, bem como realizar exames radiográficos, sempre sob a supervisão do professor orientador, conferir exames radiográficos, comparando com as requisições dos mesmos, além de montar, identificar, datar, registrar a saída de todas as radiografias em um banco de dados do projeto. Cerca de 90 discentes da disciplina “Unidade de Diagnóstico Estomatologia I”, do Curso de Odontologia da FO UFPEL também participam todos os anos da rotina do SCR. Estes alunos são introduzidos às técnicas radiográficas por meio do atendimento destes pacientes durante a disciplina de UDE I (Unidade de Diagnóstico Estomatológico I). O projeto ainda acumula um banco de imagens digitais, os quais dão oportunidade aos discentes de desenvolverem projetos de pesquisa, através do levantamento das informações geradas no serviço. O projeto também colabora com outros projetos de pesquisa e de extensão de várias áreas (cirurgia, prótese, materiais dentários etc...), realizando radiografias em pacientes, bem como já ofereceu espaço para projetos de ensino na área de Radiologia.

O Serviço Central de Radiologia possui requisição própria para solicitação de exames radiográficos intra e extrabucais e por meio dela os pacientes são agendados presencialmente ou por telefone. Ao chegar no setor, eles são registrados em planilha do programa Microsoft Excel 2013 (Excel for Windows 7, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil). O serviço não conta com uma sala de espera adequada e específica para a área de radiologia. Ao serem chamados pelos técnicos em radiologia ou por discentes para atendimento, os pacientes são encaminhados aos seus locais de exame. A estrutura do serviço conta com 4 boxes com aparelhos radiográficos intrabucais e duas salas onde encontra-se os aparelhos extrabucais. Após a execução do exame, as radiografias de pacientes encaminhados de UBSs são entregues aos mesmos após o atendimento para que estas sejam levadas aos Cirurgião dentista, já pacientes encaminhados de CEOs, terão seus exames enviados para a Central de Regulação da Prefeitura Municipal de Pelotas para posterior avaliação. Já os exames solicitados pelas disciplinas ou projetos da própria Faculdade são enviados ao setor de arquivo, para serem anexados aos prontuários dos pacientes, evitando assim extravios do exame.

Em 2017, em trabalho publicado por Deamici et al., demonstraram que ao longo de seis décadas, foram atendidos no SCR um total de 127.700 pacientes.

Mesmo apresentando algumas décadas com falhas de registro de pacientes no setor nestes 60 anos, o número de radiografias odontológicas realizadas foi bastante alto, chegando a 360.882 radiografias. Desta forma, é possível perceber que o Serviço Central de Radiologia é uma referência tanto para realização de radiografias intrabucais quanto extrabucais. Estes exames radiográficos quando realizados em clínicas particulares têm um alto custo, e muitas vezes estão fora do alcance da população que é atendida em serviços públicos. Isto demonstra a importância de haver um Serviço de Extensão que atenda tanto a comunidade interna quanto externa à FO-UFPEL, permitindo, segundo MANCHUR; SURIANI E CUNHA (2013), uma maior aproximação da comunidade externa com a Universidade e, ainda, colabora para a formação integral do acadêmico em Odontologia.

4. CONCLUSÕES.

A partir do exposto, percebe-se ser de extrema importância o trabalho desenvolvido pelo SCR perante a comunidade pelotense, pois trata-se de um serviço especializado que colabora para um melhor diagnóstico dos pacientes Odontológicos oriundos da rede pública de saúde municipal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

IANNUCCI JM, JANSEN L. **Radiografia Odontológica: Princípios e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Santos, 2010.

MANCHUR J, SURIANI ALA, CUNHA MC. **A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas**. Ponta Grossa, v.9, n.2, p.334-341, 2013.

DEAMICI et al. **Atendimentos do serviço central de radiologia da faculdade de odontologia ufpel entre julho de 2017 e junho de 2018**. Anais da SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 3., 2017, Pelotas.

WHAITES E. **Princípios de Radiologia Odontológica**. 4 ed, Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

WHITE SC, PHAROAH MJ. **Radiologia Oral: Princípios e Interpretação**. 7 ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2015.

PROJETO DE EXTENSÃO: COMPREENSÃO DE SI MESMO, DO OUTRO E DA SOCIEDADE EM QUE VIVEMOS COMO AÇÃO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

CAROLINE SILVA DOS SANTOS¹; HELENARA PLASZEWSKI²

¹Universidade Federal de Pelotas – carol22ssantos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – helenara.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

É preciso enfatizar a necessidade da salutar integração entre os conhecimentos acadêmicos com os populares, desafiando o aluno a vivenciar novas experiências e a pensar no próximo, bem como fazendo-o refletir como atuar de forma mais consciente na comunidade. Nessas concepções, pressupomos o conceito de extensão universitária (FORPROEX, 1987, p.11):

é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da praxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social.

Dessa forma, significa que o aluno não vai impor o seu conhecimento acadêmico como uma verdade absoluta na realidade em que ele está inserido. A extensão universitária gera a troca do conhecimento entre os acadêmicos e a comunidade, como defendia Freire (2006, p.36): “O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações.”

Portanto, devemos considerar que é preciso estarmos abertos à troca de experiências, dispostos a aprender com o outro, promover o diálogo, respeitar as diferenças, acreditar na capacidade do outro e comemorar seus avanços.

Assim é fazer extensão, por meio de projetos ou programas como preconizava Freire (2006) sendo a comunicação diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados, entrelaçando saberes e fazeres educativos.

Como podemos ver no projeto de extensionista intitulado: Compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade em que vivemos: por um trabalho de integridade, valores, vivências e auxílio educativo na atenção a crianças do Instituto Nossa Senhora da Conceição, que completará quatro anos em dezembro, sendo um

grande espaço de conhecimento, vivenciando realidades que não temos em sala de aula, experiências que vão nos ajudar durante a nossa formação e na nossa construção como educador/a.

A extensão universitária promove, provoca, estimula, questiona e leva o indivíduo perguntar a si mesmo, a questionar se os padrões e conceitos que a sociedade impõe estão realmente certos. Se devemos compreender certos conceitos e saberes como uma verdade absoluta e se podemos fazer algo para mudar a realidade em que vivemos.

Vivemos em uma sociedade onde existem muitas diferenças, que acaba algumas vezes provocando uma grande exclusão social. A extensão oportuniza o extensionista a compreender essas diferenças, promovendo através das ações a inclusão social.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão “Compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade em que vivemos: por um trabalho de integridade, valores, vivências e auxílio educativo na atenção a crianças do Instituto Nossa Senhora da Conceição”, se estrutura numa instituição beneficente através de oficinas para 75 meninas com diferentes idades de 6 a 12 anos no Instituto Nossa Senhora da Conceição da cidade de pelotas.

O foco das oficinas é abordar diferentes áreas do conhecimento para estimular, provocar e fazer as meninas refletir temáticas que vivemos no cotidiano, que tem um grande impacto na nossa sociedade e que muitas vezes não são problematizados.

A oficina leva as meninas do instituto e aos acadêmicos compreenderem temas que estão presentes em nosso redor, compreenderem a si mesmo e ter um momento a mais de aprendizagem. “As oficinas pedagógicas, além de serem espaços propícios para a reflexão e aprendizagem sobre a prática pedagógica, constituem-se em uma estratégia de trabalho em grupo voltada para a busca de uma autocompreensão” (ANTUNES, 2012, p.37).

O projeto estrutura-se em três etapas: 1ª Etapa: ocorre um encontro de formação pedagógica na universidade, momento no qual o professor responsável pela oficina aborda a importância do tema e constrói com os acadêmicos a oficina. A intencionalidade é de qualificar os processos formativos dos futuros educadores envolvidos nesse trabalho; 2ª Etapa: Concluída a primeira fase (momento de formação), desenvolve-se a oficina no instituto, sendo uma hora de trabalho em cada uma das três turmas; 3ª Etapa: Após a realização da oficina, o participante vai avaliar o processo como um todo e suas aprendizagens.

Nesse momento de pandemia Covid-19 que estamos vivendo, não podendo haver aglomerações, as atividades presenciais estão suspensas, o projeto de extensão esta sendo feito através do trabalho remoto. A Universidade Federal de Pelotas disponibilizou para professores e alunos uma plataforma digital, nessa plataforma o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) ocorre os encontros de formação pedagógica, são três momentos: 1ª momento ocorre uma roda de diálogo por meio de web conferência entre os professores e os alunos que participam do projeto; 2ª momento: a oficina é gravada e enviada para as meninas do instituto; 3ª momento: ocorre o feedback da oficina, através do registro no diário virtual de

aprendizagem com a pergunta problematizadora para que os participantes reflitam e escrevam a respeito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto ainda está em andamento, mas tem sinalizado que podemos através do projeto de extensão proporcionar para as meninas do instituto momentos de reflexões e aprendizagens. Para nós acadêmicos nos leva a pensar que a extensão universitária pode contribuir para a melhora da realidade da comunidade e ter troca de conhecimentos entre acadêmico e popular, “A Extensão Universitária deve ser entendida como o processo pelo qual alunos e professores trabalham juntamente com a comunidade, a fim de melhorar sua qualidade de vida” (FOREXT, 2013), pois na extensão existem muitas oportunidades de autoconhecimento, auto-aprendizagem e principalmente com o objetivo de transformação social e pessoal.

4. CONCLUSÕES

O projeto se reinventou nesse momento de pandemia para atender a todos participantes. Segundo as meninas do instituto Nossa Senhora da Conceição, o projeto tem promovido momentos de muitas aprendizagens, autoconhecimento, novos saberes e vivenciar experiências novas. Da mesma forma, para os acadêmicos destacam que o projeto tem possibilitado conhecer realidades diferentes, conhecer a si mesmo e conhecer a realidade do outro.

Portanto, observa-se que o projeto tem oportunizado a troca de saberes que o acadêmico tem como aprendizado na universidade para fora do ambiente acadêmico através da extensão e ao mesmo tempo leva todas essas experiências da extensão para dentro da sala de aula. E para as meninas do instituto são momentos de participar de atividades dialógicas, lúdicas, mágicas, prazerosas e movimentadas, enfim reflexão sobre diversas temáticas.

Por tudo, a extensão integra a universidade com a comunidade cumprindo seu papel social de transformação, ao promover de forma indissociável o processo educativo, cultural e científico. Assim sendo, o projeto de extensão tem contribuído para a qualificação dos processos acadêmico-formativos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, D. D. **Oficinas pedagógicas de trabalho cooperativo: uma proposta de motivação docente.** 2012. 168f. Tese (Doutorado em Educação). Curso de Pós-Graduação em Educação - Faculdade de Educação - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 13ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.



I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Acesso em: 08 set. 2020. Online. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-doFORPROEX.pdf>

FOREXT. Extensão nas instituições comunitárias de ensino superior: Referenciais para a construção de uma Política Nacional de Extensão nas ICES. In: XX Encontro Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições Comunitárias, 2013, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2013. Acesso em: 08 setem. 2020. Online. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/downloads/2585.pdf>

LIGA ACADÊMICA DE CIRURGIA E TRAUMATOLOGIA BUCOMAXILOFACIAL DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA DA UFPEL

NADINE BARBOSA FERREIRA¹; OTACÍLIO LUIZ CHAGAS JÚNIOR²; MARCOS
ANTÔNIO TORRIANI³; LETÍCIA KIRST POST⁴; LUCAS JARDIM DA SILVA⁵,
CRISTINA BRAGA XAVIER⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – ffnadine@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – otaciliochagasjr@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marcostorriani@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – letipel@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – contato.lucassilva12@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas – cristinabxavier@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ligas acadêmicas são definidas como atividades extracurriculares coordenadas por estudantes com a tutoria e participação de docentes, tendo também a participação de pesquisadores e profissionais de saúde. Os integrantes almejam contribuir com suas experiências, explorar e aprofundar o conhecimento sobre um determinado tema (DE MELO; BERRY; SOUZA, 2019). Neste sentido, a Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial têm inúmeras particularidades dentre as especialidades odontológicas e requer treinamento específico e contínuo, bem como atualização constante e prática diária. Segundo o Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-maxilofacial, o cirurgião buco-maxilo facial é um profissional da odontologia que tem pós-graduação realizada em ambiente hospitalar, por um período que varia de dois a quatro anos de dedicação exclusiva. Sua atuação abrange traumas de face, tratatamento de doenças da boca, correção das anomalias faciais podendo também atuar na implantodontia. A residência em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo Facial (CTBMF) do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (HE-UFPEl) tem parte de suas atividades práticas realizadas a nível ambulatorial, na Faculdade de Odontologia da UFPEl (FO-UFPEl), prestando atendimento à comunidade através do Sistema Único de Saúde sendo os pacientes referenciados tanto para o HE-UFPEl quanto para a FO-UFPEl.

As ligas acadêmicas passaram a ser uma opção adotada pelos acadêmicos para constituir um currículo diferenciado e são formadas por estudantes, geralmente, do mesmo curso, onde ocorre o aprofundamento do aprendizado (HAMAMOTO, 2011). O uso crescente dessa ferramenta educacional teve contribuição das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), resolução CNE/CES de 2010, que recomendam a realização de atividades complementares que contribuam para o ganho de conhecimento do estudante, de forma independente, sendo presencial ou à distancia (DE MELO; BERRY; SOUZA, 2019).

Com intuito de aproximar o graduando em odontologia da especialidade de CTBMF, de ampliar a cobertura do Serviço à comunidade e ainda fornecer os benefícios gerados pela participação do graduando em uma liga acadêmica, foi criada a Liga Acadêmica de Cirurgia e Traumatologia Bucomaxilofacial da UFPEl (LACTBMF UFPEL).

2. METODOLOGIA

O projeto tem caráter voluntário sendo realizada seleção composta de prova teórico-prática, entrevista e avaliação de currículo Lattes. Os estudantes selecionados atribuem função de auxiliar no acolhimento dos pacientes, no preparo pré-cirúrgico e organização de documentação (prontuários, radiografias, receituários e fotografias). Os estudantes que já tenham concluído o 7º semestre podem também auxiliar ou instrumentar procedimentos cirúrgicos cuja complexidade assim possibilite. São realizados também encontros teóricos, onde os membros da liga apresentam temas recorrentes nas provas de residência em CTBMF. Há ainda a possibilidade do membro da liga assistir à cirurgias de maior porte, como traumas, patologias e cirurgia ortognática, realizadas pelos residentes e professores no HE-UFPEL.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença de alunos da graduação acompanhando os atendimentos feitos pelos residentes em CTBMF permite um maior fluxo de pacientes, prestando um serviço cada vez mais eficiente para a população além de proporcionar aos alunos de graduação a vivência da prática clínica diária de uma das especialidades odontológicas as quais podem ser de escolha do estudante após o término da graduação. A partir da LACTBMF UFPEL, é possível beneficiar a comunidade que busca atendimento na FO/UFPEL com um serviço mais eficiente. A estimativa de aumento no número de atendimentos realizados com a ajuda dos alunos extensionistas tem se confirmado em 20%. Isso significa que a Universidade consegue repassar para a comunidade que necessita um volume maior de atendimentos e de forma mais efetiva.

A contribuição para a formação integral do aluno de graduação em odontologia que participa da liga acadêmica também permeia a formação como cidadão a partir do momento em que, os alunos de graduação, passam a fazer parte do acolhimento e momentos pré-operatórios de pacientes com diferentes situações psicológicas e sociais. Estes são fatores importantes, que proporcionam ao acadêmico maior contato com a sociedade e/ou comunidade promovendo saúde e transformação social, desenvolvendo os conhecimentos teórico-práticos com intuito benéfico para a população, ampliação do senso crítico e do raciocínio científico (DE QUEIROZ et al., 2014).

A existência e participação na liga acadêmica não se limita apenas em aprofundar o conhecimento, procurando agregar valores à formação acadêmica e pessoal, representando uma contribuição para a sociedade (TORRES et al., 2008). As Ligas Acadêmicas assumem na atualidade um papel de relevância, uma vez que têm importante função no processo de formação do estudante da área da saúde (CINTRA et al, 2014). Diante do exposto, é fundamental compreender que este aprendizado proporcionado pela Liga Acadêmica, quando aplicado à área da saúde, auxilia no convívio e no trabalho com equipes multidisciplinares, transformando o saber dos estudantes, ampliando as experiências acadêmicas (CARNEIRO et al, 2015; CINTRA et al, 2014; FLORES; SILVA, 2015)

4. CONCLUSÕES

Evidencia-se que as LA são entidades importantes para o crescimento e desenvolvimento do aluno, com maior ênfase na aquisição do conhecimento, ampliação do senso crítico e raciocínio científico. Por fim a LACTBMF UFPEL

indiscutivelmente é benéfica tanto para o aluno quanto para a sociedade no geral, pois potencializa a aquisição do conhecimento técnico, científico e na formação social do estudante o que posteriormente refletirá nas suas práticas como profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE MELO, T. S.; BERRY, M. C.; SOUZA, M. I. Ligas acadêmicas de Odontologia: uma revisão de literatura. **Revista da ABENO**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 10-19, 2019.

HAMAMOTO, P. T. F. et al. Ligas Acadêmicas: Motivações e Críticas a Propósito de um Repensar Necessário. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 535-543, out./dez. 2011.

TORRES, A. R. et al. Academic Leagues and medical education: contributions and challenges. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 12, p. 713-720, 2008.

CARNEIRO, J. A. et al. Liga acadêmica: instrumento de ensino, pesquisa e extensão universitária. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 667-79, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/download/2596/2315/>. Acesso em: 22 set. 2020.

CINTRA, K. L. A. et al. Contribuições de uma liga acadêmica do trauma e emergência para a formação em enfermagem. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, Brasília, v. 5, p. 2723-36, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5558872.pdf/>. Acesso em: 22 set. 2020

FLORES, O.; SILVA, S. A. Ligas acadêmicas no processo de formação dos estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 410-425, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v39n3/1981-5271-rbem-39-3-0410.pdf/>. Acesso em: 22 set. 2020.

DE QUEIROZ, S. J. et al. A importância das ligas acadêmicas na formação profissional e promoção de saúde. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiás, v. 24, p. 73-78, 2014.

EDUCAÇÃO PERMANENTE EM CUIDADOS PÓS ALTA HOSPITALAR PARA TRABALHADORES DA SAÚDE: UM PROJETO DE EXTENSÃO

CAROLINE SCAPIN FACCO¹; KAREN CRISTIANE PEREIRA DE
MORAIS²; ROSÂNGELA MARION DA SILVA³

¹Universidade Federal de Santa Maria 1 – e-mail do autor 1

²Universidade Federal de Santa Maria – k.cristy.p@hotmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria – cucasma@terra.com

1. INTRODUÇÃO

A Educação permanente em saúde (EPS) é um processo de aprendizagem no trabalho, onde o aprender e o ensinar estão associados ao cotidiano desse cenário. A EPS é baseada em uma prática significativa às necessidades do serviço e na possibilidade de transformar a atuação dos trabalhadores da saúde, além de considerar o saber prévio dos profissionais da saúde, articulados assim com os problemas vivenciados no cotidiano, para a construção de conhecimentos (BRASIL, 2014). O investimento em estratégias com EPS propõe preencher lacunas da formação e qualificar o profissional em serviço, com atividades educacionais embasada nas necessidades dos processos de trabalho, na problematização e na aprendizagem significativa (BRASIL, 2009). Dessa forma, no contexto hospitalar, é necessário um planejamento integral da assistência, em especial para a alta hospitalar, visando a continuidade do tratamento no domicílio, redução de complicações, retorno mais rápido do indivíduo para suas atividades habituais e para o trabalho. Espera-se assim, que a educação seja uma ferramenta em prol da construção de um processo de formação que contribua para a transformação das práticas pedagógicas em saúde, visando à organização dos serviços, na perspectiva de se estabelecer um trabalho articulado entre o Sistema Único de Saúde (SUS) e instituições formadoras. Portanto, o objetivo do projeto de extensão “Ações interdisciplinares pós alta hospitalar: fortalecimento da autonomia do usuário e educação permanente para o trabalhador da saúde” é capacitar trabalhadores da saúde para o cuidado pós alta hospitalar.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um projeto de extensão com ações articuladas, visando ações interdisciplinares pós alta hospitalar. Para a educação permanente de trabalhadores da saúde serão realizadas reuniões mensais e incluirá a discussão de temas referentes aos cuidados pós alta hospitalar, orientações sobre controle da hipertensão arterial e diabetes melittus. Além disso, será realizada uma enquete com os trabalhadores de saúde no intuito de obter conhecimento sobre quais os assuntos são importantes de serem abordados. Com base nestas informações serão elaboradas atividades de EPS com buscando atender primeiramente os assuntos mais destacados na enquete. Este programa prevê um conjunto de ações de caráter articulado, visando projeto de extensão e pesquisa; elaboração de cartilhas, artigo, produção acadêmica e realização de campanhas preventivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se como resultados deste projeto a realização de educação permanente em saúde com trabalhadores da saúde para as ações de cuidado no período pós alta hospitalar para que assim haja a instrumentalização e empoderamento dos usuários para a autonomia do cuidado visando a redução do número de reinternações hospitalares, auxiliando o indivíduo para o retorno das suas atividades, incluindo o trabalho. A EPS é uma estratégia político-pedagógica adotada no contexto do cotidiano do trabalho em saúde, que resulta na reflexão e autoanálise do trabalho e parte do pressuposto da aprendizagem significativa, a aprendizagem que produz sentido para o sujeito (CARVALHO, MATOS, 2014). Assim, buscar-se-á desenvolver uma atitude crítico-reflexiva no sentido de auto-avaliar as ações, na tentativa de concretizar os objetivos propostos, bem como, uma avaliação no que diz respeito a aceitação e participação dos usuários e trabalhadores no desenvolvimento do trabalho proposto. Dessa forma, a EPS contribui para a melhoria da formação profissional e favorece o fortalecimento do SUS, bem como assegura o desenvolvimento de trabalhadores e instituições de saúde, qualificando a gestão dos sistemas e serviços (OLIVEIRA, *et al.*, 2020).

4. CONCLUSÕES

Entende-se que a EPS é uma construção de conhecimentos, habilidades e atitudes, com ações educativas a ser compreendidas para além do sentido clássico da aquisição de conhecimentos técnico-científicos direcionados a uma dada profissão e aplicáveis a uma determinada realidade. A educação deve propor a construção de um processo de produção de sujeitos críticos e reflexivos, comprometidos com a transformação da realidade, na constituição de modos de existência e de novas formas de gestão dos processos de trabalho. Assim o projeto “Ações interdisciplinares pós alta hospitalar: fortalecimento da autonomia do usuário e educação permanente para o trabalhador da saúde” tendo em vista como meta de trabalho a realização de educação permanente em saúde com os trabalhadores dos serviços de saúde contrarreferenciados, para que assim possa-se com esta essa proposta contribuir para a redução do número de reinternações na instituição decorrente de complicações pós operatórias bem como o retorno do indivíduo a sociedade e as atividades laborais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Educação Permanente em Saúde**: um movimento instituinte de novas práticas no Ministério da Saúde: agenda 2014. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 120 p. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/educacao_permanente_saude_movimento_instituente.pdf>. Acesso em: 24 set 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. v. 9. 64 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde. Série Pactos pela Saúde).

Carvalho SM, Matos RL. A produção de espaços coletivos e a função apoio nos processos de formação em saúde na Bahia. **Rev Baiana Saúde Pública**. n38 v4, p771-832014.

OLIVEIRA, I.V. *et al.*, Educação Permanente em Saúde e o Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica: um estudo transversal e descritivo. **Saúde debate**. v.44 n 124, 2020. Doi <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012403>

FORMAÇÃO EM ARTES: A IMPORTÂNCIA DE SABER AS SUAS REFERÊNCIAS

KARINA DO NASCIMENTO SOUSA LIMA¹; NÁDIA DA CRUZ SENNA²

¹Universidade Federal de Pelotas – ka.nslima@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alecrins@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta e reflete sobre uma ação recentemente desenvolvida junto ao projeto *Arte na Escola - Polo UFPel*, vinculado ao Centro de Artes desde 1995. O projeto é resultado de um convênio entre a UFPel e o *Instituto Arte na Escola*, cuja missão é incentivar o ensino de arte no país promovendo ações de formação continuada para professores da rede básica de ensino, dando suporte às suas aulas e promovendo o aperfeiçoamento de suas práticas pedagógicas. O acervo reúne a biblioteca setorial com livros sobre arte e cultura, uma miateca com mais de 300 dvds sobre arte, uma ludoteca que contém materiais pedagógicos auxiliares e também resguarda o patrimônio físico de monografias e dissertações dos alunos que se formam na unidade. As ações acontecem de modo unificado, articulando o ensino, extensão e a pesquisa. O apoio à formação complementar e continuada se dá pelo empréstimo do acervo para estudantes e professores de artes de Pelotas e região, assim como pela promoção de eventos, palestras, minicursos e oficinas, exposições e mostras em espaços formais e informais de atuação.

A luta pela manutenção da arte na escola é histórica em nosso país, se conquistamos leis para afirmar sua obrigatoriedade, também constatamos que não são suficientes para garantir sua presença nos currículos. A preocupação se conjuga na necessidade de proporcionar meios para que a arte possa ser fruída, concebida e compreendida. Daí advém a defasagem nos processos de ensino-aprendizagem da arte. Esse é um problema histórico e recorrente, compreendido através da análise de métodos e conteúdos oriundos no séc XIX que ainda são utilizados até hoje (BARBOSA, 2012). A falta de investimento na formação, qualificação e remuneração do profissional faz com que persistam práticas ultrapassadas, improvisadas ou desconectadas dos interesses do grupo.

Com intenção de impulsionar o debate sobre essas questões propomos o curso *Pelotas e a tradição: problemáticas sobre a formação do artista*. A atividade aconteceu de modo remoto durante o mês de agosto deste ano, pautada na reflexão sobre a tradição da produção de arte em Pelotas e do seu ensino. Considerando a herança cultural estabelecida pela Escola de Belas Artes, o debate se fundamenta na apresentação de um pequeno panorama da arte brasileira através da perspectiva da formação de artistas, apontando as principais modificações até a atualidade.

Essa iniciativa é consequência da percepção de incoerências no processo de formação universitária dos alunos dos cursos de Artes Visuais, refletidas no pouco investimento em discussões acerca do contexto cultural, social e econômico contemporâneos que cercam o profissional que a instituição pretende formar para o mercado de trabalho. Essas fragilidades colocam em xeque a eficiência da formação acadêmica frente às dificuldades de inserção no sistema das artes. O curso foi projetado para atender à demanda coletiva, que como aluna concluinte do curso de Bacharelado em Artes Visuais e atuando em um projeto

voltado à formação em artes pode constatar e acompanhar de perto. Sob essas diretrizes idealizamos o curso, para compreender o papel da tradição na instauração e subversão de práticas que orientam o modo como experienciamos a arte e seus produtos.

2. METODOLOGIA

Como já mencionado acima, o curso decorre de uma pesquisa que resgata os processos que deram origem ao ensino de arte no Brasil, a intenção é que se reflita acerca das transformações culturais e sociais que reverberam tanto no ensino de arte a nível superior, quanto no ensino básico e reforçar a importância da atualização dos discursos que compõem os projetos pedagógicos dos cursos de formação a fim de formar sujeitos mais capacitados e críticos de sua realidade.

A metodologia envolveu a sistematização dos conteúdos, convites aos conferencistas, inscrições, definição de plataformas de reunião e registro, construção de identidade visual, execução e avaliação. O programa abordou o contexto histórico do ensino de arte no Brasil; panorama histórico-cultural da cidade de Pelotas; primórdios da Escola de Belas Artes de Pelotas; a importância da crítica de arte na cidade e a relevância de práticas interdisciplinares no ensino de arte; debate sobre inserção de artistas no circuito da arte. O material bibliográfico de apoio foi disponibilizado aos participantes na plataforma Google Drive para consulta e *download*.

Contamos com a colaboração de professores da UFPel reconhecidos pelas pesquisas que desenvolvem em torno dos temas selecionados para ministrarem as aulas: Luís Rubira (IFISP UFPel) que pesquisa as aproximações entre filosofia e cultura com recorte em Pelotas; Clarice Magalhães (CA UFPel) que possui uma ampla pesquisa a respeito da fundação da EBA; Úrsula Silva (CA UFPel) que possui pesquisas sobre a história da arte de Pelotas e sobre crítica de arte na cidade e Helene Sacco (CA UFPel) que possui pesquisas e projetos que investigam práticas interdisciplinares na arte.

O curso foi ofertado na modalidade online e gravado através de reuniões na plataforma Google Meet e teve uma duração de cinco dias corridos com encontros de uma hora e meia divididos entre o momento de aula expositiva e debate sobre os conteúdos apresentados. As inscrições foram realizadas através de preenchimento de formulário online onde os participantes autorizaram o uso de sua imagem e voz para posterior divulgação em redes sociais e foi aberto à comunidade do Centro de Artes e da Universidade. Contamos com 47 inscrições, que alcançou participantes de diferentes áreas do conhecimento.

Procurando obter um engajamento da turma, foi proposto a escrita (de modo opcional) de um texto com no mínimo cinco páginas, atentando para uma ou mais das questões: Quem é o artista?; O que faz do artista um profissional?; Qual o valor do seu trabalho?; Qual o papel da universidade na legitimação ou consciência do seu fazer?. Essas questões foram elaboradas considerando todo o contexto e tradição que envolvem a concepção de artista, ensino de arte e obra de arte no Brasil, a partir dos conteúdos expostos durante os encontros.

Também objetivamos a produção de um material didático para consulta online gratuita, disponível aos estudantes, profissionais e demais interessados. Para tanto, foi solicitado aos professores convidados um artigo, que reunidos com os textos produzidos pelos participantes vão compor um ebook que deverá ser publicado até dezembro deste ano. Para essas etapas a metodologia prevê a

editoração do material bibliográfico e videográfico, de forma acessível, com inclusão de legendas e janela com intérprete de LIBRAS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros foram compostos de aulas expositivas e debates. Coube a aluna bolsista a mediação em todos os encontros, sendo também responsável pela condução do encontro de abertura, fazendo a recepção e provocando o debate inicial, bem como no encontro final, oportunizando a discussão e a avaliação. Os outros três encontros contaram com a participação dos professores convidados que ministraram as aulas. O primeiro dia contemplou uma perspectiva mais abrangente de formação em artes, abordando o processo de institucionalização do ensino de arte com foco no ensino superior. O segundo dia contou com a aula do Professor Luís Rubira que nos trouxe a sua perspectiva acerca do desenvolvimento cultural de Pelotas entre os séc XIX e XX, a partir disso tentamos resgatar no debate a presença de algumas figuras importantes para a história artística da cidade e compreender como eles subsistiam nesse contexto. Clarice Magalhães foi quem protagonizou o terceiro encontro do evento, trazendo a sua pesquisa sobre a fundação da Escola de Belas Artes, pudemos questionar através do debate o ingresso das primeiras turmas de alunos na instituição e que rumo tomaram após sua conclusão. O quarto encontro recebeu as professoras Helene Sacco e Úrsula Silva, a intenção foi destacar a importância da crítica na circulação da arte na cidade e reafirmar a natureza interdisciplinar da arte e sua importância para uma fruição potente e crítica. Por fim, o último encontro foi reservado para uma conversa a partir de um vídeo encaminhado aos alunos que tematiza o agenciamento do artista de sua própria carreira, levando em consideração a produção de sua própria imagem, a consciência do circuito onde pretende se inserir e o controle da circulação do seu trabalho nesse contexto. O debate rendeu assuntos como a necessidade do artista apresentar uma postura versátil, sendo necessário atuar em diversas esferas desse sistema para conseguir se sustentar e também dos desafios existentes no cenário Pelotense, tendo em vista o pouco número de instituições públicas e privadas existentes e a escassez de iniciativas de incentivo à produção cultural na cidade.

Por se tratar de uma primeira experiência organizando um evento nesta modalidade, foi preciso superar algumas dificuldades, como por exemplo a dificuldade de engajar a turma a participar ativamente das discussões, apesar da horizontalidade da proposta. É perceptível a permanência de uma hierarquia do conhecimento que acomoda tanto os alunos, numa posição de escuta passiva, quanto o ministrante, num lugar livre de confronto de ideias.

Após o encerramento foi encaminhado um formulário de avaliação para obter um retorno a respeito da experiência. Ainda estamos aceitando as respostas, mas dentre as avaliações recebidas até o momento percebemos observações muito pontuais no sentido de aperfeiçoar a mediação entre os conteúdos de cada aula e os debates propostos. Foi pontuado também o interesse pela continuidade, com ampliação e aprofundamento acerca dos artistas atuantes na cidade de Pelotas ao longo da história. O uso da plataforma Classroom ocasionou alguns problemas comunicacionais, como por exemplo o excesso de emails encaminhados aos alunos devido a vinculação das aulas ao google agenda, fazendo com que houvesse uma certa confusão nos comunicados. Outro ponto a ser melhorado para uma proposta futura é a diluição dos conteúdos em mais encontros e com

um espaço maior entre eles. A proposta de curso intensivo se mostrou cansativa e provocou o abandono de alguns e outros nos informaram a incompatibilidade de horário, pois colidia com atividades e aulas do calendário alternativo, impedindo sua participação integral.

Na etapa atual, aguardamos o retorno dos participantes em relação à proposta de escrita. Esses textos são importantes para subsidiar as novas propostas e contribuirão para que a publicação contemple a perspectiva dos discentes a respeito de sua própria formação e suas inquietações como futuros profissionais. A reunião e sistematização de todo esse material está prevista para ser lançada em dezembro. Também uma segunda edição do curso está projetada para um momento pós-pandemia, atualizando e ampliando a pauta.

4. CONCLUSÕES

Reafirmamos a necessidade de iniciativas que estimulem o pensamento crítico dos alunos acerca dos seus processos de formação. É crucial questionar o papel da universidade, para que possamos superar modos de pensar que muitas vezes acabam automatizando práticas alienadas da realidade. Além do papel de formação de massa crítica, a Universidade tem como missão a formação profissionalizante dos alunos, ou seja sua preparação para inserção social. Dessa forma, é fundamental que a instituição esteja ciente das transformações culturais, sociais e econômicas que ocorrem à sua volta para não seguir replicando modelos atrasados que não correspondem à realidade da vida prática.

Nossa proposta investe na responsabilidade de todos acerca de uma formação qualificada. Compreendemos que a problemática encontrada na graduação reflete as carências de formação presentes no ensino fundamental e médio, que pouco avançam sobre a arte como área de conhecimento específico. Assim, muitos entram na universidade com pré-concepções a respeito da arte e suas produções que precisam ser desconstruídas em conjunto, para poder alicerçar as bases que possibilitam o desenvolvimento pleno dos processos artísticos e cognitivos.

Reconhecemos a relevância de projetos de extensão que promovem atividades que integrem conhecimentos de ensino e pesquisa aproximando academia e comunidade, através dessas iniciativas é possível, em alguma medida, furar a redoma que nos isola do resto da sociedade. Certos preconceitos que se propagam sobre a inutilidade da arte, a vadiagem do artista e sua função de entreter ou embelezar algum ambiente, se assenta na falta de conhecimento e de diálogo, na diluição da produção que não alcança com profundidade o público, e, ainda, com a falta de problematização entre os próprios produtores. Se não vencermos esses impasses, os sucateamentos nas áreas de educação e cultura vão seguir sendo legitimados pela falta de posicionamento crítico da própria classe e, conseqüentemente do público que assiste ao monólogo de pesquisadores que conversam apenas entre si e para si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012;

LORETO, M. L.; SILVA, U. R. **História da arte de Pelotas: A pintura de 1870 a 1980**. Pelotas: Educat, 1996.

CURSO DE EXTENSÃO EM SERVIÇO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA VIRTUAL E O PAPEL DO TUTOR NO CONTEXTO DE QUARENTENA.

JULIENE LOPES COSTA¹; CLEISSON SCHOSSLER GARCIA²; RITA DE CASSIA MOREM COSSIO RODRIGUEZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – julieene.costa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cleissonschoessler@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rita.cossio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No que tange a educação em um contexto de pandemia pelo novo coronavírus, conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sabe-se que a atual crise sanitária resultou no encerramento das aulas em escolas e em universidades, afetando mais de 90% dos estudantes em todo o mundo (UNESCO, 2020). Dessa forma, a alternativa encontrada por determinadas instituições, foi a forma educacional efetivada através do uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs), o ensino remoto.

A sociedade atual se transforma a cada dia, e a educação precisa acompanhar essas transformações. No contexto das sociedades atuais, a Educação a Distância (EaD) emerge como uma modalidade de educação que pode possibilitar formas diferentes de ver o mundo, de ensinar e aprender (MARTINS, 2016). Nas últimas décadas, o ensino a distância vem desempenhando um papel extremamente importante ao permitir o acesso à informação, entretanto, este acesso não é condição suficiente para o desenvolvimento deste processo (REIS; 2010). Como uma alternativa de aprimoramento profissional, diversos cursos virtuais têm sido ofertados por instituições a fim de promover a troca mútua de conhecimento entre cursistas, formadores e mediadores, neste último, destaca-se o importante papel dos tutores. Nesse sentido, Reis (2010) afirma que a tutoria virtual é um modelo em que todo o sistema de tutoria é realizado através do campo virtual, portanto, as mediações tecnológicas interferem e agregam valor às interações comunicativas.

Segundo Sánches (2005), a filosofia da inclusão defende a educação como direito de todos. Esta como dever do Estado e família, sendo promovida e incentivada juntamente com a sociedade, propiciando o desenvolvimento pessoal, o preparo para exercer a cidadania e qualificação para tal (BRASIL; 1988). Entretanto, sabe-se que os sistemas escolares estão formados no princípio que recorta a realidade, dividindo alunos em normais e deficientes construindo uma lógica com visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista ignorando o subjetivo, afetivo, criador, não conseguindo assim romper o velho modelo escolar, para efetivar a mudança que a inclusão busca (MANTOAN; 2006). O Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos nas escolas públicas e privadas, considerando suas necessidades específicas (NUNES *et al*; 2013). Nessa perspectiva, foi ofertado um curso de extensão para professores e profissionais de AEE, e este trabalho objetiva relatar a importância de um curso como este em

tempos de pandemia, além de ressaltar o essencial trabalho desenvolvido pelos tutores.

2. METODOLOGIA

O Curso de Extensão em Serviço de Atendimento Educacional Especializado em Tempos de Pandemia, foi ofertado pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em agosto de 2020, contando com um total de mil inscritos. Para cada tutor foram selecionados 28 cursistas, os quais devem prestar ajuda para acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) da Universidade, sanar dúvidas ou esclarecer questões, além de realizar momentos de tutoria, ou seja, um momento de ajuda e troca de conhecimentos entre tutor e cursistas. No momento de tutoria, o tutor deve ter a capacidade de provocar nos alunos a vontade de compartilhamento de compreensões e reflexões, dessa forma, instigando a construção do conhecimento coletivo. Provocar nos alunos a compreensão da importância da leitura solicitada, do trabalho em grupo ou da atividade individual, uma vez que a EaD exige autodisciplina, liberdade acompanhada da responsabilidade. Além disso, o tutor acompanha e monitora as atividades síncronas (como *lives*), e assíncronas (como fórum de discussão). O curso ainda está em vigor e tem a duração de três meses.

A capacitação teve início a partir de uma aula inaugural em forma de *live*, onde houve a apresentação da equipe de coordenação e alguns informes importantes para esse momento inicial. Todos os cursistas, tutores e professores formadores participaram desta aula. Posteriormente, houve o início dos respectivos módulos, onde, no módulo I, a professora formadora abordou políticas públicas acerca do AEE, bem como a importância do professor de AEE em momentos tão delicados como o atual. Ressaltando o vínculo dos alunos para com o profissional, e este como uma ajuda às famílias, permitindo aos cursistas momentos reflexivos acerca da atual conjuntura por meio de uma atividade em forma de fórum, no próprio AVA, sendo possível a troca, entre todos os cursistas, da singular realidade vivenciada por cada um durante a pandemia. Embora o curso esteja iniciando o módulo II atualmente, todos os módulos terão ao menos uma atividade avaliativa, podendo ser em forma de fórum ou *lives*. Tendo em vista que é um curso de cunho inclusivo, todas as *lives* e aulas são estruturadas visando as pessoas com deficiência na perspectiva da educação inclusiva. Portanto, nas *lives* há a participação de intérpretes de libras do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da Universidade. Há a descrição dos participantes da *live*, além da descrição da própria estruturação da apresentação, objetivando a inclusão de pessoas com deficiência visual. Além disso, os materiais são montados com cores neutras em tons pastel, a fim de incluir também pessoas com baixa visão e daltônicos.

A participação dos cursistas é avaliada pelo tutor por meio da verificação de acesso ao AVA, pela participação nas *lives* e acesso aos materiais (como PDFs e/ou aulas gravadas). Quinzenalmente, o tutor responsável preenche uma tabela qualitativo-avaliativa, informando o desempenho do respectivo cursista, baseando-se nos pontos já citados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, o curso ainda se encontra em vigor. Por questões pessoais e de tempo, alguns cursistas tiveram que deixar o curso. Freire Filho e Lemos (2008), defendem que, os professores precisam receber a formação necessária e

apropriada para o momento sócio histórico em que vivem. Isso ocorre desde a formação inicial, seguido pelos cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu* e a formação continuada. Porém, levando em consideração a atual conjuntura e, com isso, uma maior demanda de trabalho e adaptações metodológicas, foi criada uma lista de suplentes, a fim de que casos como este pudessem vir a acontecer.

A prática educativa inovadora, para Andrade (2003), refere-se a conhecer e utilizar as potencialidades das TICs na educação, relacionando-as com os fundamentos pedagógicos. Nesse sentido, além de contribuir com a formação profissional desses professores e servidores de AEE, o curso auxilia na adaptação, flexibilização e relaciona abordagens pedagógicas com a realidade do aluno, na perspectiva de quarentena, e ainda com a realidade do profissional, no sentido de maior utilização da tecnologia para que esse contato seja efetivo e determinado assunto seja trabalhado com êxito. Afinal, flexibilizar um conteúdo não é retirá-lo de pauta, é adaptá-lo para aquele aluno com determinada deficiência, e isso se torna ainda mais difícil quando não se tem o contato físico, portanto, além do auxílio formal, os tutores estão dispostos para ajudar na construção e busca de metodologias que possam ser desenvolvidas a distância. Alguns tutores, em seu momento de tutoria, permitem a troca de angústias e dificuldades encontradas nesse momento de pandemia, fazendo deste encontro, um instante onde os cursistas possam trocar experiências, perceber e refletir sobre o verdadeiro motivo de estarem participando do curso: a busca de conhecimento e o desejo de se fazer presente com seus alunos em um momento tão difícil como o de agora. Além disso, a troca se torna ainda mais rica partindo da realidade de que não apenas profissionais de AEE estão participando do curso, mas há diretores e professores da sala comum que entendem que o AEE não é apenas de um profissional, mas faz parte de um contexto escolar, e que este tem que estar preparado para ajudar e acolher esses alunos. Ademais, há profissionais dos mais variados estados brasileiros, o que permite a reflexão em grupo, no momento de tutoria, sobre as singulares realidades de cada um, atrelada aos contextos social, cultural e histórico.

4. CONCLUSÕES

Sendo cada pessoa um ser social, relacional e participante de um processo histórico, a construção do conhecimento se dá por meio da interação. Ou seja, o processo é de ensino e aprendizagem por incluir quem ensina, quem aprende e a relação entre eles, e o papel do tutor é de extrema relevância nesse processo. A presteza nas respostas aos alunos é fundamental, já que não há o contato presencial. Ademais, proporcionar a esses profissionais uma capacitação voltada para o momento atual de pandemia, é confirmar o papel da Universidade pública com a sociedade, é empatia e acolhimento, uma vez que vários professores se vêm sobrecarregados e com muitas dificuldades em trabalhar o AEE de maneira virtual. Na perspectiva acadêmica de um curso de licenciatura, a oportunidade como tutor permite uma visão mais holística e crítica acerca do eu professor, das práticas pedagógicas e do estabelecimento de relações, agregando além da questão profissional, valores cidadãos e de humanidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos

ANDRADE, P.F.; VALENTE, J.A. Aprender por projetos, formar educadores. Formação de educadores para o uso da informática na escola. Campinas. UNICAMP/NIED, 2003.

MANTOAN, M.T.E.; PRIETO, R.G. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. **Inclusão escolar**. São Paulo: Summus, 2006.

NUNES, D. R. P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHIMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013.

SÁNCHEZ, P.A. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos os no século XXI. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Inclusão: Revista da Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP. Ano I. nº 01. Outubro/2005.

SILVA, N. C.; CARVALHO, B. G. E. Compreendendo o Processo de Inclusão Escolar no Brasil na Perspectiva dos Professores: uma Revisão Integrativa. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 23, n.2, p.1-10, 2017.

Documentos eletrônicos

BRASIL. Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia de assuntos jurídicos, Brasília, DF, 5 out. 1988. Tit. VIII, Cap. III, Sec. I. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 22 set. 2020.

FREIRE FILHO, J.; LEMOS, J.F. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo vol.5 n.13 p.11-25 jul.2008. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/124>>. Acesso em 22 set. 2020.

MARTINS, K., FROM, D.A. A importância da educação a distância na sociedade atual. 2016. Online. Disponível em: <<https://www.assessoritec.com.br/wp-content/uploads/sites/641/2016/12/Artigo-Karine.pdf>>. Acesso em 21 set. 2020.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em 4 jun. 2020.

EMPREENDEDORISMO SOCIAL, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: REFLEXÕES SOBRE O PROJETO “GEOGRAFIA EM COMUNIDADE”

RAIANE SANTANA COSTA¹; LORENA SIMÕES DE ÁVILA²; DOUGLAS
SATHLER³

¹UFVJM – costaraiane44@gmail.com

²UFVJM – lorena.s.avila@outlook.com

³UFVJM – doug.sathler@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Na última década, a integração dos temas “empreendedorismo social”, “extensão universitária” e “aprendizagem colaborativa” que, tradicionalmente, eram explorados de forma isolada pela literatura nacional e internacional, passou a despertar maior atenção de estudiosos e, também, de formuladores e gestores de políticas públicas no campo da educação (PHILLIPS; PITTMAN, 2015). No Brasil, projetos capazes de articular extensão universitária e empreendedorismo social com a formação crítica de professores em cursos de licenciatura, notadamente, vêm trazendo novas perspectivas para os campos da educação e das políticas de desenvolvimento local (SILVA; OLIVEIRA, 2009). A recente proliferação de projetos desta natureza vem sendo impulsionada pela disseminação de novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (PETTER; SAMBRANO, 2016) e, também, pela própria necessidade de atendimento à uma série de demandas sociais ainda não resolvidas no país (HUSSAIN et al., 2012). A ampliação de esforços teóricos consistentes e a multiplicação de estudos de caso podem oferecer subsídios valiosos para a elaboração de projetos de extensão pautados no empreendedorismo social por cursos de licenciatura no Brasil.

Nesse contexto, o projeto Geografia em Comunidade, desenvolvido a partir de 2013 por docentes e estudantes vinculados ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), promove práticas pedagógicas inovadoras articulando empreendedorismo social, extensão universitária e participação comunitária no Bairro Cidade Nova, localizado na cidade de Diamantina, Minas Gerais. O projeto está ancorado em um conjunto de parcerias envolvendo universidade, escola, poder público e setor privado, visando a formação de uma geração de empreendedores sociais na educação, com foco na melhoria do ambiente escolar, na aprendizagem colaborativa e no desenvolvimento local.

O presente estudo expõe uma revisão crítica da literatura acerca do desenvolvimento de práticas de extensão universitária e de empreendedorismo social na educação, explorando as possíveis contribuições para a aprendizagem colaborativa no processo de formação de professores.

2. METODOLOGIA

O estudo traz uma ampla revisão bibliográfica, buscando prover análises reflexivas articulando as literaturas sobre empreendedorismo social, extensão universitária e práticas pedagógicas. A área de estudo, o bairro Cidade Nova, localizado no distrito sede de Diamantina, Minas Gerais, apresenta um nível

elevado de vulnerabilidade social. O estudo foca nas seguintes perguntas de pesquisa: 1) com base num esforço de revisão conceitual e da literatura, como o empreendedorismo social desenvolvido no nível individual e coletivo fora do ambiente corporativo se articula à extensão universitária e, também, ao desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras de aprendizagem colaborativa?; 2) quais os principais desafios e potencialidades para a adoção de práticas de empreendedorismo social na educação envolvendo parcerias entre universidade e escola?; 3) como o projeto Geografia em Comunidade desenvolve práticas pedagógicas de aprendizado colaborativo articulando empreendedorismo social, extensão universitária e participação comunitária na educação? Quais as principais habilidades desenvolvidas pelos integrantes do projeto?; 4) Quais as principais contribuições deste projeto para a criação de novas iniciativas de empreendedorismo social na educação?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Geografia em Comunidade está ancorado nos pilares do empreendedorismo social identificados por Dees e Gregory (1998), buscando inovar na execução da extensão universitária no curso de licenciatura em geografia da UFVJM, ampliar o senso de responsabilidade escolar, disseminar valores sociais explorando a relação escola-comunidade e contribuir para o enfrentamento de múltiplos problemas e dificuldades associados ao ambiente escolar em áreas de vulnerabilidade social.

O projeto coloca o discente no foco das tomadas de decisão, incentivando a formação de lideranças e oferecendo uma “liberdade assistida” a cada novo grupo de estudantes para a definição de uma agenda semestral de atividades, em sintonia com as necessidades e interesse da comunidade. As experiências desenvolvidas pelo projeto demonstram que, de modo geral, ações despertam maior interesse dos envolvidos quando todo o grupo participa ativamente da tomada de decisões. O projeto vem estimulando o empreendedorismo social local, ampliando a inserção da UFVJM na sociedade a partir da extensão universitária e reduzindo o distanciamento entre universidade, escola e comunidade com o poder público e com a iniciativa privada.

No contexto da aprendizagem colaborativa, o Quadro 1 apresenta uma relação de habilidades desenvolvidas pelos alunos do curso de licenciatura em cada uma das atividades citadas. No geral, a ampliação da capacidade de agir e refletir, coletivamente, estão contempladas em boa parte das habilidades. O projeto trata o futuro professor como agente transformador, não apenas no ambiente da sala de aula, mas, também, de toda a escola e de sua comunidade. De fato, a ampliação da capacidade de mobilização de recursos e, também, de negociação de parcerias com o setor público são habilidades indispensáveis em regiões de elevada vulnerabilidade social (ROSENDAHL et al., 2012). Diante disso, as atividades buscam desenvolver habilidades que auxiliam, no longo prazo, na criação de uma cultura local de empreendedorismo social na educação com a inclusão do “lugar” e dos problemas locais nas práticas pedagógicas de futuros professores de geografia.

Quadro 1 - Aprendizagem colaborativa e habilidades desenvolvidas nas atividades do Geografia em Comunidade, Diamantina, 2013-2017.

Atividades do projeto	Habilidades desenvolvidas
Elaboração do diagnóstico propositivo e criação	Trabalho em equipe; capacidade de reunir parceiros; inserção na

de oficina de atividades de participação popular	comunidade; ampliação da rede social; técnicas de trabalho de campo; organização de relatórios de campo; busca de dados e informações em ambiente virtual; sistematização de dados e informações; análise e interpretação de dados secundários; fundamentos sobre demografia e planejamento urbano; fundamentos sobre participação popular; princípios básicos sobre elaboração de oficinas de participação popular, captação das principais demandas dos residentes, entre outras.
Ação de participação popular para a construção de uma nova ponte (único acesso ao bairro)	Trabalho em equipe; capacidade de aproximar atores (universidade, comunidade e prefeitura municipal); organização de coleta de assinaturas; capacidade de mobilização comunitária; fundamentos de planejamento urbano; técnicas de apresentação de demandas e de negociação, entre outras.
Manutenção da rede elétrica e iluminação da escola.	Avaliação da infraestrutura geral da escola; trabalho em equipe; capacidade de reunir parceiros; técnicas de negociação com o setor privado (doação de lâmpadas e reatores) e com o poder público (disponibilização de eletricitista da prefeitura municipal); avaliação da infraestrutura geral da escola; integração com o ambiente escolar, entre outras.
Criação e instalação da placa indicativa da escola	Avaliação da infraestrutura geral da escola; técnicas de negociação com o setor privado (doação da placa); fundamentos básicos de <i>desing</i> gráfico e prática de Corel Draw; aprendizado de recursos das TICs, entre outras.
Organização e manutenção do minilaboratório de informática	Técnicas de negociação e de captação de recursos com o setor privado (doação de suprimentos de informática e de trabalho técnico); trabalho em equipe; capacidade de reunir parceiros; aprendizado de recursos das TICs, entre outras.
Realização de trabalhos de campo no parque do Biribiri, Diamantina (MG).	Aprendizado de metodologias para organização e planejamento de trabalhos de campo e de visitas técnicas; aprendizado sobre os recursos ambientais do parque do Biribiri; trabalho em equipe; capacidade de reunir parceiros; adequação das atividades de campo para alunos do ensino fundamental, entre outras.
Construção de um campo para práticas esportivas e da cobertura do pátio da escola	Trabalho em equipe; capacidade de reunir parceiros; construção de projeto básico do campo para práticas esportivas; técnicas de negociação e de captação de recursos com o setor privado (doação de recursos financeiros para contratação de trator – nivelamento e limpeza do local) e com o poder público (disponibilização engenheiro), organização de coleta de assinaturas (construção da cobertura); capacidade de mobilização comunitária; fundamentos de planejamento urbano, entre outras.
Contínua divulgação das atividades	Aprendizado de recursos das TICs; ampliação da rede social dos alunos em ambiente virtual; técnicas de oratória e apresentação em ambiente de rádio e televisão, entre outras.

Fonte: elaboração própria.

4. CONCLUSÕES

O Geografia em Comunidade acredita que ações de empreendedorismo social, multiplicadas muitas vezes, são fundamentais para um processo de mudança social com a melhoria da educação e da ampliação da participação comunitária. O projeto demonstra que existe um ambiente propício a pequenas ações estruturadas de empreendedorismo social na educação.

De maneira geral, o setor privado de Diamantina, formado basicamente por pequenos e médios comerciantes, vem oferecendo respostas positivas às demandas colocadas pelo projeto. Ainda, existe um grande potencial a ser explorado no que tange a ampliação do diálogo entre comunidade e setor público. A universidade como mediadora foi fundamental para o sucesso do cumprimento de algumas demandas locais essenciais. O projeto identificou que nem a comunidade e nem o poder público possuem ferramentas adequadas para promover uma abertura contínua de canais de participação popular e de diálogo.

Todas as atividades executadas no âmbito do projeto contribuíram de maneira significativa para a formação de professores, promovendo habilidades essenciais para a formação de novas lideranças na escola e, também, na

comunidade, capazes de dialogar criticamente com a realidade e auxiliar os educandos na compreensão do mundo com base em atividades dinâmicas e socialmente relevantes.

O projeto Geografia em Comunidade confirma a centralidade da escola na alavancagem de práticas de empreendedorismo social através da educação e, também, na disseminação e perpetuação deste tipo de atividade no âmbito local. A escola pública vem se mostrando um ambiente rico e promissor para a ampliação das atividades de aprendizagem colaborativa, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades essenciais que garantam autonomia e poder de reflexão para futuros professores de geografia.

Ao final, cabe destacar que o sucesso do projeto criou uma alternativa viável para o enfrentamento de problemas no ambiente escolar e na comunidade. No entanto, a escala dos problemas observados na educação e na formação de professores capazes de atuar como agentes transformadores demanda esforços muitos maiores por parte de toda a sociedade. Projetos de empreendedorismo social na educação não substituem a demanda por iniciativas integradas entre municípios, estado e Governo Federal e, também, a contínua necessidade de valorização geral da educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUSSAIN, M. D; BHUIYAN, A. B.; BAKAR, R. Entrepreneurship development and poverty alleviation: an empirical review. *Journal of Asian Scientific Research*, v.4, n.10, p. 558-573, 2014, Disponível em:

[http://www.pakinsight.com/pdf-files/oth/2/JASR-5-2014-4\(10\)-558-573.pdf](http://www.pakinsight.com/pdf-files/oth/2/JASR-5-2014-4(10)-558-573.pdf)>.

Acesso em mar 2017.

LARSSON, S; et al. Sustainable Community Planning Guide | CHAPTER 5 - PARTICIPATION. *Community and Stakeholder Participation*. Mandela Bay Municipality. Jun. 2007. Disponível em:

http://www.cityenergy.org.za/uploads/resource_287.pdf> Acesso em mar 2017.

MADAJEWICZ, M; TOMPSETT, A; HABIB, A. Community Participation in Decision-Making Evidence from an experiment in providing safe drinking water in Bangladesh. June 9, 2014. Disponível em:

<http://www.cepr.org/sites/default/files/TOMPSETT%20%20Participation%20in%20Decision-Making%20v4.pdf>>. Acesso em mar 2017.

PETTER, R. C.; SAMBRANO, T. M. As inovações tecnológicas e a educação: o que considerar? In: MACIEL, C. ALONSO, K. M; PANIAGO, M. C. (orgs). *Educação a Distância: Interação entre sujeitos, plataformas e recursos*. Cuiabá: EdUFMT, 2016.

PHILLIPS, R; PITTMAN, R. *An Introduction to Community Development*. Routledge, New York, 2015.

ROSENDAHL, L.; RANDOLPH, H.; SLOOF M.V. The effect of early entrepreneurship education: Evidence from a randomized field experiment, *European Economic Review*. IZA Discussion Paper, DP n. 6512, 2012. Disponível em: <http://ftp.iza.org/dp6512.pdf> . Acesso em 14 mar 2017.

SILVA, C. S. da; OLIVEIRA, L. A. A. Formação inicial de professores de química: formação específica e pedagógica. In: NARDI, R. org. *Ensino de ciências e matemática, I: temas sobre a formação de professores* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/g5q2h/pdf/nardi-9788579830044-04.pdf>>. Acesso em mar 2017.

CURSO CURRÍCULO LATTES: UMA ESTRATÉGIA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DURANTE A PANDEMIA

GERALDO OLIVEIRA DA SILVA¹; ALEXANDRE HENZEL BARCELOS²;
LÚCIA RENATA DOS SANTOS SILVEIRA³; RODRIGO MARQUES QUEIROGA⁴;
RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS⁵; ROSE ADRIANA ANDRADE
DE MIRANDA⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – geraldooliveira23041997@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alexandrehenzelbarcelos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – luciarenata.silveira@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rodrigomqueiroga@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – rita.ramos@ufpel.edu.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – foclore.multilinguagens.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na ação Currículo Lattes do Projeto de Extensão Jornadas Multilinguagens, do Laboratório Multilinguagens (LAM), que teve como público a comunidade acadêmica da UFPel e comunidade externa constituída por alunos e professores da rede de educação pública de Pelotas e de outras instituições públicas e privadas de outros municípios e estados.

O trabalho tem por objetivo apresentar o Curso de Currículo Lattes que foi montado pela equipe do projeto na plataforma Moodle UFPel, para auxiliar no preenchimento dessa plataforma que é muito importante para o meio acadêmico e profissional.

Conforme ESTÁCIO (2017)

“[...] Plataforma Lattes é o Sistema de Currículo Lattes, considerado um banco de informações curriculares mantidos pelo CNPq, tornando-se uma referência nacional para os profissionais de nível superior no Brasil. Para estes profissionais que possuem currículo e movimentam a Plataforma Lattes é um diferencial para quem pretende ingressar no mercado de trabalho empresarial, para quem pretende seguir a carreira acadêmica, servir de pré-requisito para se candidatarem às bolsas de pesquisas, financiamento de projetos, processos seletivos. Contemplando o registro de suas produções científica e tecnológica em âmbito nacional e internacional, além de identificar suas áreas temáticas de interesse, linhas de pesquisa e projetos.” (p. 305)

A partir da citação de ESTÁCIO (2017) pode-se se ver como é importante o preenchimento do Currículo Lattes e como ele é um mecanismo auxiliar para se conseguir entrar no ambiente de trabalho acadêmico.

2. METODOLOGIA

O curso de Currículo Lattes foi ofertado inicialmente para uma turma de 40 participantes, devido a grande procura, no momento da inscrição, necessitamos dividi-lo em quatro turmas, cada uma com cem participantes. Neste trabalho serão apresentadas somente as três primeiras turmas, que já estão encerradas.

Para conseguir dar conta das demandas de cada turma, foi necessária a colaboração de cinco monitores, em que cada monitor ficou com a responsabilidade de atender vinte participantes de cada turma ou seja, as turmas foram divididas em em dois ambiente: a primeira teve começo no início de junho e durou até início de

julho; a segunda e a terceira turmas tiveram começo em agosto e duraram até início de setembro.

Esse curso foi planejado e montado para ser executado pelo ambiente virtual Moodle UFPEL, por causa da pandemia de Covid 19.

Segundo SILVA(2010)

“O Moodle (Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment) é um ambiente virtual de aprendizagem que, segundo seu criador Martin Dougiamas, trabalha com uma perspectiva dinâmica da aprendizagem em que a pedagogia socioconstrutivista e as ações colaborativas ocupam lugar de destaque. Nesse contexto seu objetivo é permitir que processos de ensino-aprendizagem ocorram por meio não apenas da interatividade, mas principalmente pela interação, ou seja, privilegiando a construção /reconstrução do conhecimento, a autoria, a produção de conhecimento em colaboração com os pares e a aprendizagem significativa do aluno.” (p. 16)

Ele foi planejado para que cada turma ocorresse em cinco semanas. Durante essas semanas foi explicado passo a passo como se fazia o cadastro na Plataforma Moodle e na plataforma do Currículo Lattes. Também foi orientado, através de vídeo e slides e alguns links pertinentes ao assunto, sobre como preencher as informações acadêmicas e profissionais solicitadas pela plataforma do Lattes.

Para a comunicação ficar melhor entre os participantes e os monitores foram organizados dois fóruns em cada semana, o primeiro fórum era chamado “de Fórum de dúvidas”, ele foi criado para que se algum participante tivesse ficado com alguma dúvida ele escrevesse nesse espaço e se comunicasse com o monitor em busca de ajudar. O segundo fórum de cada semana era o da atividade, nesse espaço os participantes colocavam o link de seus Currículos Lattes, ali e os monitores verificavam se estava correto o preenchimento que os participantes estavam fazendo, se não tivesse correto pediam para refazerem mostrando a maneira correta de se fazer.

Abaixo apresentamos como foram divididas essas cinco semanas.

Programação do curso de Currículo Lattes:

Semana 1: Cadastro no Moodle; Cadastro no Currículo Lattes; Apresentação; O que é Currículo Lattes?; Dúvidas iniciais.

Semana 2: Preenchimento dos dados do cadastro; Dados Gerais; Formação; Atuação.

Semana 3: Projetos; Produções; Informações Complementares: (a) DOI; (b) ISSN (c) ISBN.

Semana 4: Patentes e Registros; Eventos.

Semana 5: Orientações; Bancas; Citações; Informações complementares: (a) Como salvar Currículo Lattes em PDF; (b) Como exportar Curriculum Lattes.

Atividades Finais do Curso: Questionários de avaliação

No final foram elaborados dois questionários. O primeiro questionário são perguntas relacionadas aos conteúdos que foram trabalhados durante o curso e o segundo é o questionário de avaliação do curso. É sobre esse que trataremos nas próximas linhas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desejo discutir com mais atenção a etapa do questionário de avaliação do curso, que foi produzido pelos monitores para ser respondido pelos participantes na quinta e última semana de cada turma. Pois esse nos dá uma ideia de como os participantes se envolveram e aproveitaram, de fato, uma ação que pretendia trabalhar com conhecimentos necessários para suas caminhadas profissionais e

nos ajudou a ter mais segurança na organização do planejamento de novas ações no ambiente virtual de aprendizagem Moodle.

A equipe elaborou três perguntas, em que eles (participantes) poderiam responder de forma livre, ou seja, poderiam colocar suas opiniões. As três perguntas organizadas por nós foram: (1) O que você mais gostou no curso? (2) O que você não gostou? (3) O que sugere para melhorar o que não gostou? Nos próximos parágrafos serão colocadas as respostas que alguns dos participantes deram para as perguntas descritas acima, o nome dos participantes será ocultado, então iremos utilizar no lugar de seus nomes as letras A,B,C,D E e F.

Começaremos pela primeira pergunta: “O que você mais gostou do curso?”. 100% dos participantes gostaram muito do curso., Destacarei duas respostas, dos participantes A e B, que penso que dão conta do conjunto do pensamento dos demais.

O participante A falou que

“A estruturação do curso é muito boa. Dividir as informações que precisam ser acrescentadas entre as semanas é uma boa forma de não sobrecarregar os participantes com as atividades e de garantir que possamos dar atenção aos tópicos específicos da semana. Os vídeos explicativos, com narração, também são boas opções de como explicar as informações. A narração, juntamente com o visual, torna as informações mais acessíveis.”

O participante B falou

“Gostei da dinâmica do curso com a orientação de monitores e atividades semanais. Achou que funcionou muito bem. Ler os fóruns ajudou a tirar várias dúvidas sobre o preenchimento do currículo e achei ótimo que os monitores estavam disponíveis para responder qualquer dúvida.”

A segunda pergunta é: “O que você menos gostou?” 25% dos participantes disseram alguma coisa que não gostaram, com isso irei destacar a resposta do participante C:

“Não ter os professores presencialmente. Pois a aula pra mim seria muito mais construtiva para nosso conhecimento.”

Mas em contra partida, 75% dos alunos disseram que não tinha nada que não gostaram, com isso destaco a resposta do participante D

“Não tenho desgostos referente ao Curso. Foi bem produtivo conhecer tópicos que os desconhecia.”

A terceira pergunta é: “O que sugere para melhorar o que não gostou?” somente 15% dos participantes fizeram sugestões para melhorar o curso, como o participante E que fala:

“Eu só deixo como sugestão essa ideia de, além de mostrar os espaços de preenchimento no site, comentar sobre o tipo de atividade que podemos colocar naquela categoria. Seria legal até dar exemplos de atividades da UFPEL. Quanto mais dicas, melhor.”

Mas 85% dos participantes não tinham nada de sugerir e disseram que o curso foi produzido de forma a dar conta das necessidades deles, como diz o participante F:

“O Curso pode /deve seguir nos mesmos moldes para futuras edições.”

A equipe pensou em fazer esse questionário de avaliação para poder ver se os participantes estavam gostando do curso, se precisava alterar alguma coisa na metodologia do curso para as próximas turmas e também pode se ver, a partir do questionário, que eles elogiaram a iniciativa do grupo de montar esse curso durante a pandemia.

4. CONCLUSÕES

Concluimos este trabalho destacando como foi importante fazer esse curso de Currículo Lattes para esses participantes e de como eles, a partir dele, conseguiram preencher essa plataforma tendo mais confiança, segurança e certeza que estavam preenchendo de maneira correta. Também viram que sempre é preciso deixar ele atualizado pois, servirá como referência em diversas atividades do meio acadêmico.

Percebemos que é muito importante ofertar formação sobre questões burocráticas que ajudem os acadêmicos a ingressarem no mercado de trabalho com maior segurança e respaldo. Pensando nisso nossa equipe está investigando novos temas pertinentes sobre esse assunto para elaborar novos cursos/oficinas para nossos colegas da comunidade acadêmica da UFPEL e para a comunidade externa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESTÁCIO, L. S. S. **A importância do currículo lattes como ferramenta que representa a ciência, tecnologia e inovação no país.** Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 22, n. 2, ESPECIAL, p. 300-311, abr./ jul., 2017. Acessado em: 10 de set. De 2020. Online. Disponível em: [https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/viewFile/1353/pdf?fbclid=IwAR2cfHFeECRhloigMbxQHdERijJliLEQkTk3wnZHJ0IE76gwiTAYfqOaLBA#:~:text=Principalmente%2C%20em%20%C3%A2mbito%20acad%C3%AAmico%2C%20o,pa%C3%ADs%20\(MARQUES%2C%202010\)](https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/viewFile/1353/pdf?fbclid=IwAR2cfHFeECRhloigMbxQHdERijJliLEQkTk3wnZHJ0IE76gwiTAYfqOaLBA#:~:text=Principalmente%2C%20em%20%C3%A2mbito%20acad%C3%AAmico%2C%20o,pa%C3%ADs%20(MARQUES%2C%202010))

SILVA, R. S. **Moodle para autores e tutores.** São Paulo: Novatec Editora, 2010

GRUPO LAÇOS – PROJETO DE FORMAÇÃO EM DANÇA

IZABELA LUCCHESI GAVIOLI¹; LÉLIO SANTOS DA SILVA¹; CAMILA COSTAMILAN SCHLICHTING¹; CONSUELO VALLANDRO BARBO¹; KAROLINE MASIERO DA SILVA¹; PIETRA EMANUELLE DE SOUZA MAGALHÃES¹

¹ UFRGS – izabela_lg@hotmail.com; leliodasilva@gmail.com; cacacsch@hotmail.com; consuelovallandro@yahoo.com.br; karolmasiero@gmail.com; pietraemanuelle16@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Grupo LAÇOS nasceu como um grupo independente (não vinculado a qualquer escola de dança) e iniciou seus primeiros trabalhos conceituais em 2007, tendo como linguagem norteadora a dança social em pares. Com o tempo, foram se somando a ela elementos técnicos, artísticos e simbólicos que constituíram uma identidade particular, mais ligada à hibridização. Entre as técnicas incorporadas encontram-se o *ballet* clássico, a dança contemporânea, o sapateado americano, a dança jazz, a dança aérea, as danças folclóricas, entre outras. A preparação corporal conta com as técnicas de Gyrotonic/Gyrokinesis®, técnicas acrobáticas e outras dirigidas à saúde laboral do profissional de dança. A partir de 2014 o Grupo LAÇOS tornou-se projeto de Extensão da UFRGS junto ao curso de Licenciatura em Dança, inserindo-se no contexto acadêmico de pesquisa coreográfica e formação de artistas do movimento. Hoje, o projeto está focado em oferecer treinamento e profissionalização para bailarinos, com aulas de diversas técnicas, compreensão e participação nos processos de criação coreográfica, oportunidades cênicas e capacitação em produção cultural. O Grupo recebe novos integrantes anualmente por audições, que são abertas a toda a comunidade. É liderado por profissionais de dança em atividade na área há mais de 40 anos, com registro em órgãos representativos (DRT, SATED e Associação Gaúcha de Dança). O objetivo deste relato é problematizar, através do *modus operandi* do Grupo LAÇOS, questões pertinentes às seguintes esferas: (1) FORMATIVA, representada pela escassez de meios de formação em dança cênica, sobretudo para artistas de iniciação pós-juvenil. Em nosso meio, com já escassas companhias de dança profissionais estáveis, percebemos que a formação dos bailarinos acontece, em sua maioria, em cursos livres privados, e eventualmente em projetos sociais para a infância e juventude. Quem apoia o artista da dança que deseja se profissionalizar mas não teve condições de iniciar cedo ou pagando? (NACHT, 2009; FERREIRA, 2010; NEVES, 2013; TRINDADE, 2019); (2) METODOLÓGICA: a subordinação das formas de funcionamento de grupos e companhias a editais e fomentos temporários, em que o elenco encontra-se com tempo limitado e objetivo específico, é uma realidade corrente. Este modelo, compreensível pela necessidade de subsistência das companhias, impõe limitações à profundidade e complexidade de desenvolvimento dos elencos, uma vez que delimita cronologicamente um processo que é essencialmente variável. A presença de uma limitação cronológica potencializa o citado em (1), determinando que as companhias realizem processos seletivos para trabalhar com bailarinos “prontos”. Mas quem “apronta” estes bailarinos? Se estamos sempre em evolução, como crescer e evoluir enquanto grupo sem o convívio do elenco? (NACHT, 2009; FERREIRA, 2010); (3) LABORAL: suportamos a premissa de que todo corpo pode dançar, mesmo profissionalmente, desde que receba capacitação compatível com sua corporalidade, objetivos e processos coreográficos. Evidentemente, por tratar-se de arte desenvolvida com o

corpo, a dança está sujeita às temporalidades e limitações orgânicas que cada corpo carrega. Entretanto, entendendo o corpo como instrumento, e não como fim em si, vemos potencial artístico em todos os corpos que desejem dispor-se à arte. Coreografar abrange, em seu conceito, o escopo do significado (e não apenas da forma); mensagens e significados podem ser transmitidos por qualquer corpo. Recebendo treinamento cuidadoso, adequado e de múltiplos estímulos, cada corpo pode atingir suas potencialidades máximas como portador de mensagem e significado. (TEIXEIRA, 2011, BASTOS, 2012; NEVES, 2013); (4) ARTÍSTICA: acreditamos no hibridismo no trabalho corporal, que não se limita à mistura heterogênea de elementos, mas à fusão de diferentes vivências e procedimentos em cada corpo. Todos os integrantes do elenco ensinam e aprendem, até que a decantação dos elementos traga novas e legítimas movimentações. Percebemos, no meio da dança, uma necessidade de conceituar, de compartimentalizar, determinando “a que categoria ou técnica” cada artista pertence. Entendemos a dança como um processo mental e corporal, em que a presença de significados é o mote principal. As técnicas utilizadas para chegar a ele podem ser múltiplas, e não devem servir para limitar o alcance de cada artista. (BASTOS, 2012; BRAGA, 2012; TREVISAN et al, 2016).

2. METODOLOGIA

Apresentamos um relato de caso, destacando a trajetória do Grupo LAÇOS, com documentações históricas e problematizações acerca de sua forma de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde sua estreia cênica, em 2010, o Grupo LAÇOS apresentou-se para um público acumulado de cerca de 22.620 pessoas, oferecendo oportunidades cênicas, em média, a cada 35 dias. Dos 55 bailarinos que já passaram pelo grupo, com idades entre 18 e 53 anos, alguns já tinham certa formação em dança, e outros apresentavam trajetórias incipientes, com passagens pelo desporto ou outras técnicas corporais. Hoje, muitos integram companhias profissionais de dança, são docentes ou coreógrafos, e recebem premiações públicas dentro e fora do Rio Grande do Sul. O Grupo foi selecionado para eventos como o Festival Dança.com, Mostras do Centro Municipal de Dança de Porto Alegre e Festival de Dança de Florianópolis (Prêmio Desterro 2013, 2014 e 2015). Recebeu premiações no Festival Sul em Dança e no Prêmio Desterro, em 2013 e 2014. O primeiro espetáculo do Grupo, “4 x 3 x 2 – Quatro Trilogias Dançadas a Dois” estreou em 2015 e recebeu 9 indicações ao Prêmio Açorianos de Dança (melhor espetáculo, direção, produção, coreografia, figurino, iluminação, bailarina, trilha e destaque em dança de salão), abarcando o prêmio de direção. Em 2017 o Grupo estreou seu segundo espetáculo: “A DEUSA DA MINHA RUA”. Com novo elenco e roteiro, a obra reestreeou em 2019, recebendo a indicação de Destaque em Sapateado para a coreografia “MULHER DE FASES”. Em 2018 o Grupo foi indicado a Destaque em Projetos de Formação e Difusão do Prêmio Açorianos de Dança “pela coerência ao perfil de extensão universitária, disponível a uma comunidade não restrita ao universo acadêmico e pelo trabalho de exploração de diferentes linguagens de dança”.

4. CONCLUSÕES

As inovações obtidas com o trabalho do Grupo LAÇOS situam-se nas esferas formativa, metodológica, laboral e artística. O Grupo oferece gratuitamente treinamento continuado em técnicas complementares, incluindo compartilhamento de conhecimentos e supervisão processual. Através de uma carga horária contínua, acreditamos na consistência da formação pelo convívio do elenco; a liberdade de experimentar processos criativos não necessariamente vinculados ao cumprimento de uma agenda permitem a livre experimentação e ensejam a legitimidade produtiva do Grupo. Também é cara ao Grupo LAÇOS a premissa de que todos podem buscar a profissionalização em dança cênica, sem que isto esteja atrelado a um enfoque lúdico ou de entretenimento. Corpos de diversos biotipos e faixas etárias podem buscar este objetivo, uma vez que, em nossa compreensão, ele está ligado a significados, e não necessariamente a formas. Para isto, a clareza de objetivos e um cuidadoso treinamento corporal permitirão o desenvolvimento das potencialidades de cada artista. A saúde laboral do bailarino, com respeito a questões de bem estar, biotipos e potencialidades individuais está na base do trabalho corporal do Grupo. Por fim, acreditamos na pluralidade de possibilidades corporais para o desenvolvimento de nossos processos de criação. Um única técnica ou estilo não atendem nossas necessidades criativas, e todas as técnicas que possam vir a fortalecer o potencial cênico do grupo são bem-vindas. Esta abordagem híbrida respeita os tempos de desenvolvimento em cada corpo e entende a fusão de habilidades como um importante instrumento para a linguagem autoral em arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, J. B. Companhias de Dança Contemporânea e bailarinos profissionais: negociações entre memórias corporais e o inédito. In: **VII CONGRESSO DA ABRACE**; Porto Alegre, 2012. Anais do VII Congresso da ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Tempos de Memória: vestígios, ressonâncias e mutações. ISSN 2176-9516. Disponível em <http://portalabrace.org/memoria/viicongresso.htm>. Acesso 28/9/2020.

FERREIRA, A. Curso profissional de nível técnico em Dança: o que eles formam? In: TOMAZZONI, A.; WOSNIAK, C.; MARINHO, N. **Algumas perguntas sobre dança e educação**. Joinville: Nova Letra, 2010. Capítulo 6, p.77-84.

NACHT, A. K. **A profissão de bailarino na cidade do Rio de Janeiro: mercado de trabalho, relações profissionais, decisões de carreira e identidade profissional**. 2009. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas, PUC-Rio.

NEVES, J. C. L. Bailarinas e bailarinos: uma etnografia da dança como profissão. **Cadernos Pagu**, Campinas. V. 41, p. 201-238. 2013.

TEIXEIRA, A. C. E. O surgimento das companhias 2: uma pretensa “nova” forma de organização profissional de bailarinos que atingem idade em torno de 40 anos nas

companhias públicas de dança brasileiras. **Sala Preta**, São Paulo. v. 11, n. 1 p. 78-92. 2011.

TREVISAN, P.; SCHWARTZ, G.; RODRIGUES, N.; TEODORO, A. P. Educação e formação em dança: a inserção da expressão criativa nos cursos técnicos de dança na perspectiva de professores e bailarinos. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 29, n. 1, p. 185-206, 2016.

TRINDADE, A. L. **Identidade profissional do bailarino no Rio Grande do Sul: um estudo em memória social**. 2019. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, Universidade La Salle, Canoas.

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE BIOLOGIA E QUÍMICA ATRAVÉS DE UM CURSO DE EXTENSÃO

Matheus Pires Miranda¹; Heiddy Márquez Alvarez ²

¹Universidade Estadual de Feira de Santana – mathebio@hotmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana – marquezheiddy@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os Parâmetros curriculares nacionais (PCNs) abordam que a interdisciplinaridade deve “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (BRASIL, 1999, p.88). Portanto, o estabelecimento de pontos mútuos devem ser realizados de forma séria, com propostas sólidas de conhecimento e disposição por parte dos professores e facilitadores a fim de que o ensino não se torne uma atividade pouco efetiva ou com baixa significação para os estudantes, mas que promova o diálogo e a contextualização com o cotidiano e a aprendizagem seja ampliada e significativa.

A Química e a Biologia são dois exemplos de ciências que se complementam entre elas. A Biologia recorre aos conhecimentos químicos para explicar e entender as inúmeras reações, estruturas e comportamentos das moléculas que estão nos organismos vivos e que são sintetizadas e liberadas por eles. Essa relação intrínseca é estimulada desde o ensino fundamental, sendo um pouco mais discutida no ensino médio e então desenvolvidas nos cursos de ensino superior nas áreas de saúde, biológicas e exatas.

Dessa forma, a conexão entre as áreas do conhecimento no ensino superior aproxima os discentes de conteúdos considerados abstratos e isolados e permite que eles desenvolvam analogias, raciocínios, inferências e relações que antes não eram realizadas. Tais capacidades cognitivas permitem o entendimento de conceitos e teorias de forma mais abrangente e ordenada (SANTOS; JUNIOR, 2017). Com base no trabalho realizado por NUNES e colaboradores (2012), os discentes que ingressam no ensino superior “possuem um grande volume de informações, sem que estas sejam transformadas em conhecimento ordenado, logicamente encadeado e construído” (NUNES *et al*, 2012, p.578). Portanto, essa inabilidade de gerir, interrelacionar e organizar o conhecimento dificulta que eles consigam interpretar e compreender assuntos que necessitam de uma visão abrangente.

As disciplinas ou componentes curriculares apresentam seus conteúdos muitas vezes fragmentado e para os estudantes realizarem as conexões e associações com seus estudos e vivências é trabalhoso e nem sempre atingível. A abordagem interdisciplinar dentro das universidades deveria atuar de forma mediadora e em conjunto com as áreas interrelacionadas, o que não acontece. Para PAVIANI (2008) a prática dessa abordagem requer mudanças estruturais nos

currículos, programas de ensino, diretrizes políticas e outras, ultrapassando os discursos e chegando na mudança efetiva.

A partir dessa problemática e da percepção da relevância e da necessidade em fornecer à comunidade acadêmica um complemento e uma integração de informações e conhecimentos acerca das biomoléculas com uma abordagem interdisciplinar, discentes do curso de licenciatura em Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), propuseram o curso de extensão “A química orgânica como ferramenta para entender as biomoléculas”. Este curso foi idealizado após estes alunos terem cursado os componentes curriculares Química Aplicada à Biologia, Compostos Orgânicos I, Plantas Medicinais e Tóxicas, Bioquímica, Biologia Celular e Molecular, Genética Molecular e outras, atingindo uma visão ampla sobre a temática central. Um dos principais motivos para o desenvolvimento do curso foi o fato de que muitos estudantes não conseguem relacionar a Química Orgânica e a Biologia; duas áreas que precisam caminhar juntas para que haja uma adequada compreensão dos processos metabólicos e das estruturas celulares.

2. METODOLOGIA

O curso de extensão ocorreu em duas edições, sendo o primeiro executado de Julho a Agosto de 2018 e o segundo entre Julho a Outubro de 2019, perfazendo um total de 14 horas cada, com público-alvo estudantes dos cursos de Ciências Biológicas (Licenciatura e Bacharelado), Agronomia, Química, Farmácia e outros. Esta atividade foi realizada nas dependências da UEFS e regulamentado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEPE. No curso foram abordando os temas: Introdução a Química Orgânica, Aminoácidos e Proteínas, Carboidratos, Lipídeos, Ácidos Nucléicos, Química Orgânica Aplicada: Metabólitos Secundários e Defesa Vegetal e Experimentos em Química Orgânica, sob orientação e supervisão da Prof^ª. Dr^ª Heiddy Márquez Alvarez.

Para realizar a inscrição no evento os participantes responderam um questionário *online* com perguntas básicas sobre química geral e orgânica, bioquímica e conhecimentos gerais. Através desse formulário conseguimos analisar o nível de conhecimento acerca das questões que seriam apresentadas no decorrer do curso. No final dos encontros foi aplicado outro questionário com perguntas relacionadas aos conteúdos que foram ministrados a fim de observar se houve algum aproveitamento, compreensão e apropriação de conhecimento.

As aulas expositivas foram elaboradas pelos estudantes organizadores e apresentadas previamente à professora orientadora que avaliou e corrigiu os erros conceituais, esquemáticos nas ilustrações e nas reações químicas, além de orientar a postura enquanto professor/palestrante e acompanhar cada aula. Se realizaram 7 encontros, cada um com 2 horas de duração. O horário de execução na primeira edição foi entre 18:30 – 20:30 e na segunda 19:30 – 21:30.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção pedagógica foi alcançada a partir da problematização de fatos do cotidiano, levando a uma articulação de saberes científicos e populares. Durante as aulas foi possível perpassar por alguns conteúdos programáticos de biologia e de química, de forma interdisciplinar, produzindo uma visão geral de fenômenos que acontecem em sistemas biológicos e químicos. Não podemos esquecer que a interdisciplinaridade é um processo e não um produto.

Dentre as dificuldades encontradas pelos discentes que ministraram as aulas estão os erros dos livros didáticos do Ensino Superior de Química Geral, Química Orgânica, Bioquímica e Biologia Celular e Molecular. Por serem livros de áreas diferentes, Exatas e Biológicas, e apesar de tratarem dos mesmos assuntos, eles apresentam conceitos, representações e exemplos conflitantes. A diferença entre os conteúdos foi considerada, inicialmente, apenas uma forma particular de abordagem, mas ao decorrer da elaboração das aulas e as constantes consultas ao material didático percebeu-se que haviam distorções em palavras, estruturas químicas e definições.

O fator considerado mais agravante foi o da simplificação conceitual. Nos livros de Bioquímica e Biologia Celular e Molecular, a abordagem química era resumida, possibilitando dúvidas no entendimento, em interpretações ambíguas e erros propriamente ditos. Nos livros de Química Geral e Química Orgânica, os fenômenos biológicos (Estruturas celulares, metabolismo e outros) são apresentados de forma reducionista e pontual, de modo que a leitura não permitia um entendimento mais abrangente da relação da biologia com a química. Ou seja, ambas às áreas apresentam-se com lacunas quanto integração de informações e conteúdo, o que se torna um problema ainda mais sério quando os estudantes do Ensino Superior não conseguem relacionar e comparar as informações fornecidas por eles.

Em relação aos participantes, foi notado que no questionário *online* eles sabiam que a Química e a Biologia estão relacionadas, que é possível entender o comportamento das biomoléculas a partir da química, mas tinham dificuldades em reconhecer as biomoléculas, bem como citar adequadamente a relação dos conteúdos químicos com a biologia. No questionário final apresentaram bom desempenho de aproveitamento do curso quando comparado com as perguntas básicas feitas no ato da inscrição, além de participarem com dúvidas e acréscimos de outras vertentes do conhecimento científico enriquecendo o curso. Considera-se que foi satisfatório e que os objetivos foram alcançados.

4. CONCLUSÕES

O curso contribuiu para que os participantes, principalmente de Biologia e Agronomia, que não possuem a disciplina Química dos Compostos Orgânicos na grade curricular pudessem ter um visão integrada entre a Química Orgânica e alguns fenômenos biológicos intrínsecos as suas áreas de atuação, possibilitando entender as estruturas e funções biológicas das biomoléculas e correlaciona-las com

atividades práticas laboratoriais e cotidianas. Contribuiu também para fornecer embasamento teórico para as aulas de Bioquímica, Biologia Celular e Molecular, Fisiologia Animal e Vegetal e outras, além de complementar com tópicos de relevância a formação dos participantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1999.

NUNES, F. D. D. et al. “Da Loucura a Ciência” Oficinas de Oralidade e Comunicação Estratégica. **Revista de enfermagem da UFSM**. Santa Maria – RS, v. 2, n. 1, p. 577-583, 2012.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2008.

SANTOS, L. G. B.; JUNIOR, A. L. Uma abordagem interdisciplinar entre a química e a biologia com o estudo dos fósseis para o terceiro ano do ensino médio. **Arquivos do Mudi**. Maringá – PR. v. 21, n. 3, p. 142-154, 2017.

UMA REFLEXÃO SOBRE O IMPACTO E IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE EXTENSÃO ARQUEOLOGIA, EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRIA INDÍGENA EM PELOTAS

JULIANE DE OLIVEIRA KRÜGER¹; RAFAEL GUEDES MILHEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – jukruger_@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – milheiraraafael@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Arqueologia, Educação Patrimonial e História indígena em Pelotas tem como objetivo proporcionar diálogos referentes a história indígena, através de escolas públicas e privadas e público em geral. O resumo aqui apresentado visa refletir sobre as ações educativas proporcionadas pelo projeto, buscando discorrer sobre o que é educação patrimonial, apresentar o projeto e elaborar entrevistas com alunos e pessoas que participaram do projeto.

2. METODOLOGIA

Visando buscar refletir sobre o projeto na vida dos discentes estão sendo realizadas entrevistas pela plataforma Zoom. Foi realizada, até o momento, uma entrevista com a aluna Caroline Pires, do curso de Bacharelado em Antropologia e que participou como bolsista deste projeto. As entrevistas irão possibilitar que haja um levantamento sobre a importância do projeto e apresentar uma discussão sobre as atividades de maneira crítica, aprofundando sobre formas de buscar uma relação contínua com a comunidade.

O projeto conta com visitas guiadas, exposições, palestras e escavação simulada para que haja uma estimulação sobre o conhecimento a ser disseminado a partir dessas atividades. Refletindo a parte teórica a partir do art 216 da constituição federal, e o que é educação patrimonial (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999) em que é necessário o conhecimento para que assim o patrimônio seja preservado e também valorizado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde 2011 o projeto Arqueologia, Educação Patrimonial e História Indígena em Pelotas ligado ao Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia, vem sendo realizado e desta forma produzindo o debate entre a comunidade acadêmica e escolas públicas e privadas, como também em outros ambientes, proporcionando uma troca de conhecimentos e possibilitando uma visibilidade para pensar as narrativas de Pelotas a partir do passado e presente das populações indígenas do sul, prezando principalmente que haja uma interação com o objeto a partir de uma arqueologia sensorial, seguindo o pensamento de Pellini:

Entre nós humanos, não há nada mais básico do que nossa relação sensorial com as materialidades do mundo. Os sentidos representam o domínio mais fundamental de nosso engajamento com o mundo, o meio pelo qual todos os valores e práticas são performados. Mesmo nossas memórias são criadas e ativadas através de nossa relação sensorial encorpada com o mundo material. Se vivenciamos o mundo através dos sentidos, precisamos entender como pensamos

e estruturamos os sentidos, para assim entendermos como vivenciamos o mundo à nossa volta. (PELLINI, 2015)



Fonte: Gabriel Oliveira. Foto registrada no Dia do Patrimônio, 2019. O participante da ação está segurando uma Cerâmica Guarani Corrugada, pós fazer uma escavação simulada.

Buscando compreender como o projeto influenciou na vida acadêmica e pessoal dos discentes foram elaboradas entrevistas, não ficando preso em um roteiro a ser seguido mas abrindo margem para que estes alunos e ex alunos pudessem expor o que considerassem relevante. Uma das entrevistas, **Caroline Pires**, discente do curso de Bacharelado em Antropologia com linha de formação em Arqueologia, quando questionada sobre como o projeto a influenciou, relata:

(...) mesmo com a minha depressão mais horrível eu saía e era como se o sol tivesse brilhando sabe (...) e ai, meu deus e falar sobre um assunto que eu amo pra caramba que é arqueologia, fazer esse diálogo com as crianças que eu adoro, que elas são as mais empolgadas(...) e experiências emocionantes do tipo, essa exposição que eu fiz em Canoas antes da palestra, teve uma pessoa com problema visual, e ai ela tinha baixa visão, e ai ela tocava os objetos e sentia e me dizia o que era, foram momentos assim que eu não vou esquecer nunca na vida.

Ao questionar está mesma aluna sobre o que poderia ser melhorado e o que sentia falta nas ações educativas, relatou:

(...) Verba né, principal. Uma das coisas que eu fiz quando eu estava na educação patrimonial, eu fiz uns joguinhos (...), eu fiz uns almanaques arqueológicos muito amadores (...), mas justamente porque não tinha verba e o almanaque eu que fiz mesmo todinho e (...) com a maior boa vontade.

Quando em contato com o objeto os participantes criam memórias. Diversas vezes após olharem para a mesa com artefatos indígenas, as pessoas

perguntavam se poderiam tocar, a ideia do antigo como algo que precisa estar guardado em um museu apenas para que seja admirado como parte da nossa história é muito presente na vida da comunidade, mas ao tocar o artefato cria-se uma memória, ao sentir a textura, tamanho, facilitando uma aproximação com a história, com o objeto, não apenas estar vendo, mas estar tendo engajamento com o material. A importância de apresentar essa história de longa duração e criar memórias com estes artefatos é o diferencial da ação educativa proposta pelo projeto, a partir das vivências e compartilhamentos, juntos poderemos criar uma aproximação com esta história de longa duração das populações indígenas, com a comunidade e com os discentes e docentes da universidade.



Fonte: Juliane Krüger. Foto registrada no IV SABER AMBIENTAL NO MERCADO, 2019. Uma das participantes da ação está segurando um Cachimbo Guarani.

4. CONCLUSÕES

Embora o trabalho não esteja finalizado podemos concluir que o projeto possui um grande impacto na disseminação do conhecimento sobre a história indígena de longa duração no sul. O mesmo possibilita que haja troca de conhecimentos entre todos os públicos, sendo estes crianças, adultos e idosos, incentivando que estas pessoas tomem conhecimentos sobre a história indígena. Para os discentes que fazem parte na articulação da realização das ações educativas o projeto também possui grande impacto, mostrando a importância de uma educação acadêmica que chegue para as comunidades, pois a partir da extensão percebemos que para cada faixa etária precisamos de uma abordagem que cause interesse. Logo (SCIFONI, 2019) é preciso refletir de maneira crítica sobre os patrimônios materiais e também imateriais, sempre buscando a demanda vinda da comunidade e as diversas narrativas que muitas vezes tendem

a ser silenciadas, (IPHAN, 2014) pensando a memória e o esquecimento, apagamento das narrativas dessas minorias como produtos sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORTA, M.L.P.; GRUMBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

SCIFONI, Simoni. **Conhecer para preservar: Uma ideia fora do tempo**. Rev. CPC, São Paulo, n.27 especial, p.14-31, jan./jul. 2019

BRASIL. **Constituição**. República Federativa do Brasil de 1988. Da Ordem Social : Seção II da Cultura . Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp . Acesso em: 2 Ago. 2020.

IPHAN (Brasil). **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Texto: Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília, DF, 2014

PELLINI, J; **Arqueologia com Sentidos. Uma Introdução à Arqueologia Sensorial**. Rev. Arqueologia publica, Campinas SP, p. 1-15, 2015.

AS PRÁTICAS E A EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO NO CUIDADO AOS TRABALHADORES DO CENTRO REFERENCIAL EM SAÚDE

JENNEFER EMILY MARAIA SOARES¹; ROSANE MARIA ANDRADE
VASCONCELOS²; LENARA LIMA FIUZA²; WELLISON RODRIGO ALVES
FERNANDES² PAOLA SOUZA SANTOS²; DIONATAN COSTA RODRIGUES³

¹Universidade do Estado de Mato Grosso – jennefer.emily@unemat.br

²Universidade do Estado de Mato Grosso – rosane@unemat.br

² Universidade do Estado de Mato Grosso- lenara.fiuza@unemat.br

²Universidade do Estado de Mato Grosso – wellsalvatore@outlook.com

²Faculdade Católica Rainha da Paz - pa.s.santos@hotmail.com

³Universidade do Estado de Mato Grosso - dionatan.rodriques@unemat.br

1. INTRODUÇÃO

A Educação Interprofissional, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, é apontada por gestores, profissionais de saúde e educadores como um meio para a colaboração e prestação de serviços em cenários de prática aos quais estudantes de diferentes profissões aprendem de forma cooperativa (SILVIA et al, 2019).

Tem também por objetivo, promover a interprofissionalidade, ou seja, proporcionar que profissionais de diferentes profissões durante a graduação trabalhem juntos e em um mesmo projeto de forma colaborativa (TOMPSEN et al., 2018).

Por meio desse trabalho em equipe interprofissional, foi possível observar que a saúde dos trabalhadores da área da saúde possuem em sua maioria uma alta carga horária de trabalho e também demanda excessiva de atendimento de pacientes. Isso resulta em estresse, dificuldade na relação entre a equipe e, piora da qualidade de vida desses trabalhadores, levando ao aumento de doenças por falta de atividade física relacionadas ao excesso de trabalho (SILVESTRINI et al., 2015).

Este tem o por objetivo ilustrar por meio da literatura, a importância das práticas interprofissionais no processo de melhorias na educação interprofissional aos acadêmicos e contribuir para a integração interprofissional entre os profissionais da saúde.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no Centro Referencial de Saúde em Cáceres e o público alvo foi composto pelos profissionais de saúde atuantes na unidade de

atenção à saúde do município. Foram realizados cinco encontros, ocorrido uma vez por semana, durante os meses de novembro e dezembro de 2019. Nestes encontros foram aplicadas atividades interativas, colaborativas e ergonômicas com os trabalhadores daquela unidade de saúde, por considerar que estes profissionais são expostos diariamente à altos níveis de pressão emocional, induzindo-os ao estresse ocupacional. Estas atividades visavam adicionar ações integrativas e interprofissionais à rotina desses trabalhadores.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O público alvo foram os trabalhadores que atuavam na unidade de saúde. As atividades foram realizadas em cinco encontros ocorridos uma vez por semana, nos meses de novembro e dezembro no ano de 2019.

As atividades interativas, colaborativas e ergonômicas foram articuladas com os trabalhadores, haja visto que no dia a dia há um alto grau de pressão no trabalho, levando esses indivíduos ao estresse ocupacional e, além disso, buscou-se entre os trabalhadores ações mais integrativas e interprofissional.

No dia a dia, as pessoas estão sujeitas a alto grau de pressão no trabalho, levando esses indivíduos ao estresse ocupacional. O comportamento físico inadequado e a desorganização das tarefas mentais são um fator determinante para o estresse no ambiente de trabalho. O cansaço e a sensação de esgotamento aumentam as chances de acidentes ou doenças no ambiente de trabalho (GRIMALDI, 2011).

4. CONCLUSÕES

A saúde dos trabalhadores da saúde é um campo que necessita de mais atenção frente aos problemas enfrentados no campo de atuação e práticas laborais. Assim, este estudo desenvolvido ao longo das ações do PET Saúde, identificou fatores que contribuem para a prevenção, promoção e educação em saúde dos colaboradores do Centro Referencial de Saúde. Há necessidade de desenvolver no cotidiano dos colaboradores ações que contribuem para a melhora no estado físico e mental do trabalhador. Com a atuação do projeto PET-Saúde interprofissionalidade, a formação dos acadêmicos de saúde de Cáceres terá uma maior possibilidade de interagir com os diversos membros da equipe de saúde e ainda, podendo contribuir de forma integral na melhora do saúde e integração entre os profissionais de saúde.

Palavras-chave: Educação Interprofissional; Atenção Primária à Saúde; Prevenção Primária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Silva, L.B.D.; Vasconcelos, R.M.A.; Ragi, M.D.D.O.; Vasconcelos, A.B.S.; Rios, I.S.R.; Mello, F.H.D. A Importância do Programa Pet Saúde para a Formação Acadêmica dos Discentes da Área da Saúde: Um Relato de experiência. In: **X SEREX – EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, UMA AÇÃO QUE TRANSFORMA A SOCIEDADE**, 1., Cáceres, 2019, **Anais eletrônico**. Cáceres: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC, 2019. V. 1.

2- Tompsen, N.N.; Meireles, E.; Peduzzi, M.; Toassi, R.F.C. Educação interprofissional na graduação em Odontologia: experiências curriculares e disponibilidade de estudantes. **Rev Odontol**. Araraquara, v.47, n.5, p. 309-320, 2018.

3 – SILVESTRINI, C.H. **Avaliação da qualidade de vida dos funcionários administrativos ativos da Universidade Estadual Paulista–Unesp – Rio Claro**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

4- GRIMALDI, G. **Efeito de um programa de ginástica laboral na saúde, estados de ânimo e estresse diário do trabalhador**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

CADA INDIVÍDUO É IRREPETÍVEL:

REVELAÇÕES EM UMA AUTOBIOGRAFIA.

LUZIA HELENA BRANDT MARTINS¹; ESTEFÂNIA ALVES KONRAD²; CRISTINA MARIA ROSA³

¹Universidade Federal de Pelotas – luziaamartins@gmail.com

²Univerdidade Federal de Pelotas – estefaniakonrad@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No trabalho realizo uma escrita autobiográfica. O panorama é o afastamento e isolamento em função da Pandemia pelo “Corona Vírus”. Em casa apenas com meus pais e longe de meus avós, figuras sempre presentes em nossas rotinas, dei início a uma comunicação – pela internet – com esses dois longevos, Nilza e Ivo, com 80 e 75 anos, respectivamente. A ideia surgiu agregada ao programa “Diário do Cuidado: diálogos aos 60+”, cujo foco foi manter em contato um grupo de estudantes de Literatura vinculados à UNAPI – Universidade Aberta Para Idosos – da UFPEl. Buscando a manutenção da saúde mental de um grupo de longevos em tempos de trabalho remoto, o grupo PET Educação organizou “conversas” que foram pensadas, planejadas e desenvolvidas desde meados de março e permanecem ocorrendo. A importância de amenizar a distância entre as rotinas anteriores e o necessário confinamento foi considerada e, inspirada nesse programa, decidi tratar meus próprios avós como se integrassem o grupo, criando com eles uma rotina de cuidados e de registros. Ao prevenir a possível depressão por solidão ou por falta de atenção, criei uma intencionalidade em meus diálogos que, antes, eram espontâneos e aconteciam quase que diariamente. Virtuais, por meio de telefone, chamadas de áudios e vídeo e notebook, as escritas que dali derivaram oportunizaram que eu refletisse sobre meu estar no mundo: estudante, pesquisadora e neta. Desse “refletir” surgiu uma “linha de lembranças, planos e mudanças”, que, observadas com mais esmero, propiciaram o entendimento de como relações e não relações se apresentam nesse período de pandemia. A abordagem é baseada na concepção de autobiografia. Nela,

“[...] o sujeito começa a descobrir que cada indivíduo é irrepetível e único, denotando um valor evanescente para o vivencial, o que, por sua vez, configura o ato de registro de si como forma de ganho para uma herança cultural comum” (SANTOS; TORGA. 2020).

Sobre a relevância da autobiografia enquanto instrumento de formação, parto da concepção de Belmira (2002, p. 22 apud António Nóvoa, 1988, p. 116), para

quem “ninguém forma ninguém” e a formação é “inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. Acredito que a autobiografia pode ser uma “biografia educativa”, segundo Belmira Bueno. Para Goodson (1992, 1994), na abordagem autobiográfica

está implícita uma reconceitualização da própria pesquisa educacional, pois, dar voz aos professores supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos mestres de falarem por si mesmos (apud BUENO, 2002).

Sendo assim, estes profissionais passam de objetos de pesquisa a investigadores, deixando de ser “[...] meros recipientes do conhecimento gerado pelos pesquisadores profissionais (Goodson, 1994) [...]” (BUENO, 2002). O “uso” da autobiografia para formandos em licenciaturas é sobre um protagonismo em sua formação, cabendo a ele se aprimorar dos percursos da sua vida, assim, abrindo a “[...] possibilidade de desenvolver através das biografias educativas maior consciência “da sua liberdade na interdependência comunitária”, enquanto sujeito coletivo” (BUENO, 2002, p. 49). Belmira aborda, ainda, a formação contínua do professor, esta que se inicia nos primeiros anos de vida até a sua vida profissional. Para tal, cita Dominice (1988b):

a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida (DOMINICE, 1988b, p. 140).

2. METODOLOGIA

Os processos foram: **a)** Leituras literárias e acadêmicas sobre o tema; **b)** planejamento de perguntas e abordagens; **c)** estabelecimento de um horário para as conversas; **d)** *prints* da tela para registrar o momento e integrar o trabalho; **e)** registro da utilização de plataformas digitais (vídeo e áudio) nas interações com os avós; **f)** reunião de fotos e materiais físicos para complementar algumas das memórias; **g)** escrita do resumo expandido tendo como fonte o “Diário de uma neta: avós remotos e corações presentes”, documento com 39 páginas, digitado, a ser disponibilizado em formato e-book em breve. Entre os procedimentos, importante ressaltar que as escritas foram elaboradas durante dias de semana, em formato de diário, desde o dia 07 de maio até 28 de agosto de 2020 e, a cada sexta-feira, enviadas à orientadora. Sobre os temas, a maioria foi apresentado por mim e minha mãe, com perguntas sobre: os jogos e times, as novelas e personagens, receitas novas e dicas culinárias, lembranças de fotos e momentos juntos.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Escrever uma autobiografia, traçando uma linha entre eu e duas pessoas importantes na minha vida, em um cenário de pandemia, foi um desafio. À medida que o tempo e as escritas foram se organizando, consegui perceber como este processo pandêmico, de saudade, distância e discursos, se formam, se instauram, se modificam. Sendo este um trabalho que trata de processos e relações humanas, os resultados ocorreram de acordo com as interferências externas e internas em cada um de nós. Estando em casa, na presença de meus pais, observava a rotina da família e de cada um dos moradores. E entre as conversas com meus avós, conseguia entender um pouco da rotina deles. Entre muitos aprendizados, resalto três: tecnologias, discursos e rotinas. O primeiro aspecto – acesso e uso de tecnologias – oportunizou entender as diferenças de necessidades pessoais e únicas e como usamos essas ferramentas a nosso favor ou não. Vivenciar essa transição, do mundo presente e caloroso para o mundo virtual e frio, foi importante. Para meus avós, o processo de aprender a usar a internet, tanto para o passatempo quanto para suprir esta falta física, já vinha acontecendo antes mesmo da pandemia. Mas, foi nesse período, que eles manifestaram mais interesse e curiosidade. Como escrevi nas primeiras páginas do livro:

E em dias altamente entediosos, se arrisca a mergulhar no mundo virtual e a teclar em seu celular, gerando grupos aleatórios, ligações sem querer, áudios sem som ou voz e algumas *selfies* que geram grandes risadas entre nós! Já meu avô acha o celular muito difícil e prefere seu *notebook* (MARTINS, 2020).

Agora, após alguns meses de uso intenso, os percebo mais seguros e adaptados com a internet e as demais ferramentas tecnológicas, o que se evidencia nos comentários e publicações, alterações de imagens de perfil e nas ligações de vídeos para amigos e parentes, entre outros. E o que para eles foi um progresso, para mim, foi um susto. Informações tristes, em excesso, as comparações diárias, a distância de tudo e de todos, fizeram com que eu me distanciasse do mundo tecnológico. Através da escrita, no entanto, consegui me “conectar” novamente: com minha família, a Universidade e comigo mesmo. A segunda percepção foi quanto a discursos e atitudes. Os discursos iniciais, por parte de meus avós, eram de pessoas conscientes que, por estarem no grupo de risco, necessitavam se cuidar e ficarem casa. À medida que o tempo passou e o tédio a dois tomou conta da rotina, os discursos também se modificaram. Depois migraram para “Todo mundo vai pegar, não adianta se esconder!”. Atualmente, com a flexibilização do comércio e sofrendo a influência de discursos presentes em jornais e internet, suas atitudes se modificaram: o uso da máscara garantindo o “não contágio” liberou o retorno dos dois longevos às ruas. Enquanto eles retomam a rotina “normal”, eu permaneci em casa, isolada, em trabalho remoto como bolsista PET Educação. E, nesse lugar, percebi a diversidade de posicionamentos e “verdades”

possíveis dentro de um mesmo tempo – o tempo da pandemia – e os argumentos que os dois grupos de uma mesma família utilizam para defender suas atitudes. Como expressei em uma das escritas:

Sinto. E temo que esse discurso sirva como uma justificativa para voltarmos a uma suposta normalidade. Meus avós já não se seguram em casa. Meus vizinhos, também não. A sociedade implora por rua. E é super compreensível! Eu quero sair, mas me permito ficar. E enlouquecer (MARTINS, 2020).

O terceiro destaque foi quanto às rotinas. Não menos importante, resultado de meu trabalho de escrita autobiográfica foram os variados afazeres e prazeres que desenvolvemos nesse período. Enfatizo os entretenimentos que cada indivíduo – eu, meus pais, meus avós, sozinhos ou em grupo – escolhemos e vivenciamos e que revelaram para mim, a subjetividade de cada um. Ao observar como passamos o tempo juntos, de onde vieram as maiores alegrias e por quais razões discordamos, encontrei concordâncias e divergências, ou seja, um complexo de razões, conhecimentos, histórias, risadas e saudade que deram valioso material para os registros. Além das minhas observações, pedi a minha mãe, filha do casal para ler o material e fazer suas observações. Após a leitura, entre diversos comentários, confessou lágrimas e risos durante toda a leitura. Disse, ainda, que é perceptível o sentimento de afeto e otimismo.

4. CONCLUSÃO

Após esse trabalho autobiográfico, me sinto mais autônoma e segura nas minhas relações interiores como filha e neta e apta a novas relações em minha formação na Universidade, como futura Pedagoga. Consegui observar narrativas e refletir sobre as diversas histórias que estão no entorno do mundo acadêmico. Ao revelar olhares de pessoas que não frequentam esse ambiente, proponho a mim mesma uma contínua indagação e aprendizagem a respeito de meus posicionamentos, posturas, pensamentos e atitudes.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, B.O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educação e Pesquisa: São Paulo. p. 11 – 30, 2002.

MARTINS, Luzia. Diário de uma neta: avós remotos e corações presentes. Documento digitado. Pelotas: UFPel, 2020.

ROSA, Cristina Maria. Diário do Cuidado. Disponível em: <https://peteducacao.blogspot.com/2020/05/diario-do-cuidado-mais-um-acao-do-pet.html>. Consulta em 05/09/2020.

SANTOS, Y. A. B; TORGA, V, L, M. Autobiografia e (res) significação. Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso. São Paulo. p. 119 – 144. 2020.

LEITURA LITERÁRIA DURANTE A PANDEMIA ATRAVÉS DE PLATAFORMAS DE STREAMING

ALISSON CASTRO BATISTA¹; CRISTINA MARIA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – alissoncastrobatistaa@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Uma das principais atividades que vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos pelo PET Educação são as práticas de leitura literária, realizadas presencialmente em escolas, bibliotecas, museus e outros ambientes culturais.

De acordo com PAULINO (2004), a leitura literária ocorre quando “a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa”.

No atual contexto de isolamento social, pensamos maneiras de adaptar nossas atividades que até então eram realizadas presencialmente. Neste sentido, a fim de proporcionar práticas de leitura literária ao público prioritário de nossas ações, criamos dois programas de áudio que foram disponibilizados em plataformas de Streaming: o “Primeiras Páginas” e o “Minutos Literários”. De acordo com DE JESUS ADÃO (2006), “Streaming” trata-se uma tecnologia que “permite ao cliente visualizar os ficheiros de áudio e vídeo sem que estes tenham sido completamente descarregados do servidor.” Ou seja, o conteúdo é exibido de forma online, sem a necessidade de que seja feita uma cópia dos arquivos no dispositivo pessoal de quem acessa. Proporcionando economia de dados e rápido acesso.

A intencionalidade foi organizar o conteúdo em duas categorias gerais: textos dirigidos à infância, a serem ouvidos por crianças entre zero e onze anos e trechos ou primeiras páginas de livros para adultos.

2. METODOLOGIA

O primeiro passo ao realizar uma prática de leitura literária é a seleção da obra. Neste sentido, são realizados, pelo grupo PET Educação da UFPEl, constantes estudos acerca de critérios que fundamentam uma seleção de obras coerente com o contexto e público para quem será realizada a leitura. Na criação dos programas “Minutos Literários” e “Primeiras Páginas”, inicialmente, realizamos uma seleção de obras assentadas em nosso acervo pessoal. Escolhidos e aprovados pela orientadora, passamos ao ensaio das leituras e, posteriormente, a gravação em áudios, em nossos smartphones. O objetivo era publicar esses áudios e disponibilizá-los na plataforma WhatsApp, junto com dados de autores e ilustradores, além de imagens das capas dos livros. Esse material foi salvo em ficheiros virtuais e organizados de acordo com o programa correspondente. Então, foi realizado um trabalho de produção fonográfica nos arquivos de áudio, com a intencionalidade de melhorar a qualidade da faixa, remover ruídos e barulhos indesejados e, também, corrigir os níveis de volume e de ganho. Além disso, foi mixada uma trilha sonora adequada ao contexto da obra, a fim de proporcionar uma experiência mais envolvente aos ouvintes. A plataforma de streaming escolhida foi a SoundCloud, que é gratuita. Porém, após publicarmos uma grande quantidade de arquivos, percebemos que a plataforma dispunha de um limite na versão gratuita e

já havíamos atingido este limite. Por esta razão e pelo considerável alcance que os programas obtiveram, decidimos migrar para a plataforma de streaming de vídeos chamada *YouTube*, na qual não existe limite de publicações. Atualmente, estamos no processo de troca de plataforma, publicando todo o material já disponibilizado na plataforma anterior. A principal diferença metodológica observada foi: enquanto no *SoundCloud* são publicados áudios (geralmente em formato mp3), no *YouTube* são publicados vídeos. Isso demanda que transformemos o áudio que tínhamos até então, em vídeo. Para tal, utilizamos a foto da capa do livro lido como imagem fixa no vídeo, enquanto é reproduzido o áudio da leitura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iremos considerar as estatísticas disponibilizadas diretamente pela plataforma *SoundCloud*, pois, no *YouTube*, ainda estamos nos estágios iniciais da publicação do conteúdo já produzido.

Como critérios de confiabilidade destacamos: 1. Áudios postados; 2. Quantidade de reproduções; 3. Artefato de conectividade; 4. Onde mora quem ouviu; 5. Mais ouvido.

De acordo com a plataforma, o programa voltado ao público infantil, intitulado *Minutos Literários*, teve até o momento, 1928 reproduções, nos seus 58 arquivos de áudios publicados. Aproximadamente 80% das reproduções foram realizadas a partir de smartphones e 20% foram realizadas a partir de computadores. Destas, 1885 foram realizadas no Brasil e 955 foram realizadas na cidade de Pelotas. Os textos mais reproduzidos foram: *Viva Voz!*, escrito por Léo Cunha e lido por Paloma Wiegand; e *Coisa de Menina*, escrito por Pri Ferrari e lido por Cristina Maria Rosa.

No programa voltado ao público adulto, intitulado *Primeiras Páginas* tivemos, até o momento, um total de 701 reproduções, nos seus 55 áudios publicados. Aproximadamente 60% das reproduções foram realizadas a partir de smartphones e 40% foram realizadas a partir de computadores. Destas, 682 foram realizadas no Brasil e 309 foram realizadas na cidade de Pelotas. Os textos mais reproduzidos foram: *A Touca de Bolinha*, escrito por Sergio Faraco e lido por Cristina Maria Rosa; e *Rosa de Hiroshima*, escrito por Vinicius de Moraes e lido por Cinara Tonello Postringer.

Ao todo, os dois programas tiveram um alcance de aproximadamente 2600 reproduções.

4. CONCLUSÕES

Como apontado por FARIA e MELO (2012), ao entrar em contato com a leitura literária através da audição, a criança “não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações de voz que se anunciam num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas”.

Neste sentido, entendemos que através deste projeto estamos conseguindo proporcionar práticas de leitura literária de alta qualidade e para um grande número de pessoas. Até o momento, consideramos o projeto um sucesso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. VAL, Maria da Graça Costa. BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. (orgs). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Link de acesso: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/referencia/paulino-g-cosson-r-org-s-leitura-liter-ria-a-media-o-escolar-belo-horizonte-fale-ufmg-2004-> Acesso em 24 de setembro de 2020.

DE JESUS ADÃO, C.M.C. **Tecnologias de Streaming em Contextos de Aprendizagem**. 2006. Dissertação (mestrado em Sistemas de Informação) - Departamento de Sistemas de Informação, Escola de Engenharia, Universidade do Minho.

FARIA e MELO, A.L.G e S.A. **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Editora Autores Associados, 2012.

O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE ALEMÃO NO CURSO DE LÍNGUAS DA UFPEL

CLEICE DALLA NORA¹; HELENA DOS SANTOS KIELING²; BERNARDO KOLLING LIMBERGER³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – cleicenora@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – kieling.helena@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – limberger.bernardo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A visão tradicional do ensino e da aprendizagem, ainda presente na sociedade atual, pode ser repensada a partir de uma nova forma de pensar o espaço físico da sala de aula e da escola para serem mais centrados no aluno e ter uma concepção mais ativa (MORÁN, 2015). Métodos tradicionais de ensino, nos quais o professor é o grande responsável pela transmissão do conhecimento, tinham maior relevância quando o acesso à informação era restrito (ALMEIDA, 2010). Do mesmo modo, a educação bancária ignora tanto a premissa das mudanças visíveis na sociedade (FREIRE, 1987; BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016) quanto que “a sociedade do conhecimento é baseada em competências cognitivas, pessoais e sociais, que não se adquirem da forma convencional e que exigem proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora” (MORÁN, 2015, p. 16).

Diante do exposto, a educação formal necessita acompanhar as mudanças da sociedade. Metodologias ativas de aprendizagem vêm, assim, complementar a educação, pois além de priorizar a centralização do papel do aluno (NOWAK, 1999; BATES, 2015; MORÁN, 2018; BEVILÁQUA; KIELING; LEFFA 2019), a aprendizagem ocorrerá a partir de problemas e situações reais, já que as metodologias ativas são pontos de partida para alcançar “processos mais avançados de reflexão, de integração cognitiva, de generalização, de reelaboração de novas práticas” (MORÁN, 2015, p.18).

Na educação com o uso de metodologias ativas, é importante ter em mente que a tecnologia por si só não é o suficiente (MORÁN; MASETTO; BEHRENS, 2013; SCHNEIDER, 2015; BEVILÁQUA; KIELING; LEFFA, 2019), devendo o professor conciliar uma metodologia construtivista baseada na participação ativa dos alunos, ou seja, eles devem estar completamente envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (KIELING, 2017). Ainda, MORÁN (2015) salienta que o professor deve estar atento a alguns componentes fundamentais para o sucesso da aprendizagem, como:

“...a criação de desafios, atividades, jogos que realmente trazem as competências necessárias para cada etapa, que solicitam informações pertinentes, que oferecem recompensas estimulantes, que combinam percursos pessoais com participação significativa em grupos, que se inserem em plataformas adaptativas, que reconhecem cada aluno e ao mesmo tempo aprendem com a interação, tudo isso utilizando as tecnologias adequadas.” (MORÁN, 2015, p. 18)

Cada indivíduo “aprende de forma ativa, a partir do contexto em que se encontra, do que lhe é significativo, relevante e próximo ao nível de competências que possui” (MORÁN, 2018, p. 24). As metodologias ativas utilizadas precisam acompanhar os objetivos pretendidos, e os desafios e atividades podem ser dosados, planejados e acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias

(MORÁN, 2015). Diante disso, nosso trabalho tem como objetivo verificar como as metodologias ativas poderão contribuir na aprendizagem dos alunos de Língua Alemã do projeto de extensão do Curso de Línguas da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) considerando a oferta de cursos em ensino remoto, pois tanto a aprendizagem utilizando metodologias ativas quanto a aprendizagem de uma língua estrangeira buscam uma aprendizagem significativa para o aluno.

2. METODOLOGIA

As aulas dos Cursos de Línguas serão ministradas de maneira *online*, em decorrência da pandemia de *COVID-19* - com atividades síncronas, na qual a presença dos alunos será requerida através de um aplicativo de videoconferência, e assíncronas, nas quais os alunos deverão, antes e após cada aula, desenvolver atividades sobre os temas que serão/foram abordados em aula, através de plataforma de gestão de conteúdo.

Na época de preparação dos cursos de língua em ensino remoto, buscaram-se materiais, teorias e atividades que pudessem embasar as aulas. Uma das possibilidades efetivas encontradas foram as metodologias ativas. Para tanto, analisamos o livro didático *Menschen* (HABERSACK; PUDE; SPECHT, 2013) e adaptamos as atividades de acordo com essa abordagem. Apresentamos, neste trabalho, um exemplo de atividade que está inserido nessa abordagem, abrindo caminhos para outras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atividades como a exposta na Figura 1 e retirada do livro *Menschen* (A2), livro adotado no curso, serão utilizadas durante as aulas (síncronas e assíncronas).

Figura 1 – Atividade a ser realizada em sala de aula, na forma de diálogo, na qual os alunos devem falar sobre quais as mídias que utilizam, qual a frequência, quando, onde e o que fazem com as mesmas e formar suas tabelas.

6 Medienverhalten

a Welche Medien nutzen Sie am häufigsten? Machen Sie eine Tabelle wie im Beispiel.

Fernsehen | Computer/Internet | Handy | Radio | DVD/Video-Player | CD-/MP3-Player | Bücher | Zeitungen | E-Book-Reader

Welche drei Medien nutzen Sie am häufigsten?	Was machen Sie?	Wann?	Wo?	Wie lange pro Tag/Woche/...?
Internet	mit Freunden chatten, soziale Netzwerke nutzen			knapp 2 Stunden pro Tag
Handy	SMS schreiben		überall, außer in der Badewanne	circa 1 Stunde am Tag
Fernsehen				

b Arbeiten Sie zu zweit und erzählen Sie.

- Welche Medien nutzt du am häufigsten?
- Am häufigsten bin ich im Internet. Außerdem schreibe ich sehr oft SMS und abends sehe ich gern fern.
- Im Internet bin ich auch am häufigsten. Ich sehe mir oft Videos an. Und du?

...

A atividade a ser realizada (Figura 1) enquadra-se dentro do conceito de metodologia ativa, na denominação de sala de aula invertida (KIELING, 2017; ANDRADE, 2016), pois, previamente à aula síncrona, o professor apresenta o conteúdo que favorece a realização do diálogo através da postagem de materiais (textos e vídeos) na plataforma de gestão de conteúdo, para que os alunos leiam e busquem mais informações sobre o tema. Além disso, no momento da aula *online* síncrona, o professor divide seus alunos em duplas na plataforma de videoconferência e fornece um diálogo como modelo para que a atividade possa ocorrer sem tanta intervenção do professor, em um primeiro momento. Assim, são levadas em conta a autonomia e a colaboração entre os colegas, bem como o contexto e as competências do aluno na aprendizagem. Para ser bem desenvolvida, a tarefa conta com a mediação do professor que equilibra, planeja e acompanha os alunos, fornecendo ferramentas para que eles iniciem e desenvolvam-na a fim de atingir o(s) objetivo(s) de aprendizagem. Os alunos são livres para falar do que lhes é interessante e familiar dentro da tarefa, das mídias que eles utilizam e como, tornando-a relevante a eles. Do mesmo modo, os alunos podem formar tabelas maiores ou menores dependendo de suas competência e habilidade.

Ainda não foi possível obter resultados concretos da aplicação da atividade, porque as aulas *online* ainda não iniciaram com a turma-alvo do estudo. No entanto, esperamos que os alunos se sintam incentivados a realizar as atividades propostas, e, conseqüentemente, que estas os auxiliem na aprendizagem e no uso da língua-alvo em sala de aula.

Acreditamos, assim como MORÁN (2015), que as metodologias ativas são muito relevantes no ensino, pois “aprendemos melhor através de práticas, atividades, jogos, projetos relevantes do que da forma convencional, combinando colaboração (aprender juntos) e personalização (incentivar e gerenciar os percursos individuais)” (MORÁN, 2015, p. 27). Além disso, segundo o mesmo autor, no modelo *online*, “cada aluno desenvolve um percurso mais individual e participa em determinados momentos de atividades de grupo (MORÁN, 2015, p. 27).

4. CONCLUSÕES

Esperamos que nosso estudo possa contribuir para o trabalho de professores de alemão, auxiliando-os em sua práxis, assim como com os alunos, contribuindo para facilitar, cada vez mais, a sua aprendizagem. Entendemos que a educação formal precisa se adequar e cabe aos professores buscar alternativas relevantes aos seus alunos para que o ambiente de aprendizagem não se torne algo disruptivo da sua realidade.

Este trabalho, inserido no projeto “Cursos de Línguas”, exemplifica o espaço de formação aos licenciandos em Letras que o projeto possibilita. O projeto se caracteriza por um conjunto de cursos, na área de línguas estrangeiras, divididos em níveis que podem ser cursados por alunos da comunidade em geral. Ao término de cada semestre, os alunos aprovados são certificados no nível linguístico cursado. O objetivo principal desse projeto desenvolvido pela Câmara de Extensão do Centro de Letras e Comunicação da UFPel é proporcionar cursos de línguas acessíveis à comunidade em geral, contribuindo para o conhecimento de diferentes línguas e culturas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.E.B. Integração de currículo e tecnologias: a emergência de web currículo. In: **ENDIPE – ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO**, 15, Belo Horizonte, 2010, **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ANDRADE, C. M. F.; SOUZA, P. R. Modelos de rotação do ensino híbrido: estações de trabalho e sala de aula invertida. **E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial**. Florianópolis, v.9, n.1, p. 3-17, 2016.

BATES, A. **Teaching in a digital age**: Guidelines for designing teaching and learning for a digital age. Columbia: University of British Columbia, 2015. Formato E-book. Acessado em: 22 set. 2020. Disponível em: <https://opentextbc.ca/teachinginadigitalage/>

BEVILÁQUA, A.F.; KIELING, H.S.; LEFFA, V.J. A implementação do ensino híbrido no ensino de inglês durante a formação docente. **Caderno Seminal Digital**, v. 33, n. 33, p. 109–141, 2019.

BRIGHENTE, F; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HABERSACK, C.; PUDE, A.; SPECHT, F. **Menschen A2 - Deutsch Als Fremdsprache**. Kursbuch. München: Hueber, 2013.

KIELING, H.S. **Blended learning no ensino de inglês como Língua Estrangeira: um estudo de caso com professoras em Formação**. 2017. 84f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas.

MORÁN, J. A Aprendizagem é ativa. In: BACICH, Lilian; MORÁN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C.A.; MORALES, O.E.T. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. Formato E-book, p. 15-33. ISBN: 978-978-85-63023-14-8. Acessado em: 14 set. 2020. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf.

MORÁN, J; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2013.

NOVAK, J.D.; GOWIN, D.B. **Aprender a aprender**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1999.

SCHNEIDER, F. Otimização do espaço escolar por meio de modelo de ensino híbrido. In: BACICH, L.; TANZI, A.; TREVISANI, F.M. **Ensino Híbrido**:



Personalização e Tecnologia na Educação. Porto Alegre: GRUPO A, 2015, p. 67-81.

EXTENSÃO: CONCEITO E PERSPECTIVAS NA UNICAMP

GIOVANNA MARIA SANTOS SCHEAVOLIN¹;
MURIEL DE OLIVEIRA GAVIRA²;

¹ Universidade Estadual de Campinas – g216920@dac.unicamp.br

² Universidade Estadual de Campinas – mgfca@unicamp.br

1. INTRODUÇÃO

Ensino, pesquisa e extensão compõem os três eixos principais das universidades brasileiras (BRASIL, 1988), sendo esta última parte integradora e que atua como ponte entre universidade e sociedade. Ou seja, a percepção de que a extensão deve estabelecer uma relação dialógica e transformadora, promovendo a aprendizagem mútua. O presente estudo busca entender variáveis relacionadas às práticas extensionistas e busca mapear e entender o papel da extensão no contexto da universidade, a partir do estudo de caso da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A necessidade desta pesquisa se justifica através da demanda em aprofundar os conhecimentos que permeiam a extensão, objetivando entender a evolução e as atribuições que englobam sua aplicabilidade, em especial dentro da Unicamp, entendendo a extensão enquanto parte essencial da universidade superando a dissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Para tanto, realiza-se pesquisa bibliográfica e exploratória com base nos dados dos projetos aprovados no edital de apoio a Projeto de Extensão Comunitaria (PEC) entre os anos de 2017 e 2019, analisando as principais características dos projetos. Esta pesquisa ajuda a aprofundar os conhecimentos que permeiam a extensão, entendendo a evolução, formas e características que englobam sua aplicabilidade no microcosmo da Unicamp. Por fim, ajuda a entender a extensão como componente essencial da universidade e indissociável de ensino e pesquisa.

2. METODOLOGIA

Inicialmente buscou-se realizar a pesquisa exploratória para o entendimento de conceitos mais amplos, como o histórico, concepções e diretrizes que conceituam a extensão no Brasil para posteriormente facilitar a análise do microcosmo da Unicamp, de modo a atingir os objetivos propostos, em especial para auxílio da conceituação de indicadores para análise das ações extensionistas. Além de auxílio bibliográfico para compreensão e aprofundamento do tema, realizou-se a coleta de dados que ajudaram na sustentação do projeto, fornecendo embasamento empírico para as proposições. Os dados utilizados foram coletados juntos à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unicamp (PROEC) e dispunham sobre os projetos aprovados e contemplados pelo Edital PEC que apoia projetos de extensão submetidos pelos docentes da instituição. Analisaram-se três anos de projetos, de 2017 a 2019. Para os dados quantitativos, a análise deu-se por estatística descritiva. Quanto aos dados qualitativos coube a análise do conteúdo, entendendo como esses dados se alinham a partir do referencial teórico que forneceu base para a elaboração de indicadores possibilitando identificação de padrões e o entendimento de extensão

na instituição. Os projetos foram classificados de acordo com sua concepção: tradicional ou crítica. Retomando conceitos aprofundados na Revisão de Literatura, tem-se por tradicional a extensão que visa apenas atender a demandas sociais/prestação de serviço, sem exercer relação dialógica. Em contrapartida, os projetos críticos deveriam obrigatoriamente atender ao critério de relação dialógica com a comunidade e pelo menos mais um dos seguintes itens: Indissociabilidade; Interdisciplinaridade; Transformação Social.

Também pode-se classificar os projetos de acordo com o grau de envolvimento da comunidade externa, que foi feita em cinco níveis em orden de coparticipação, baseado em Bravo (2011).

Quadro 1: Níveis de Envolvimento da Comunidade

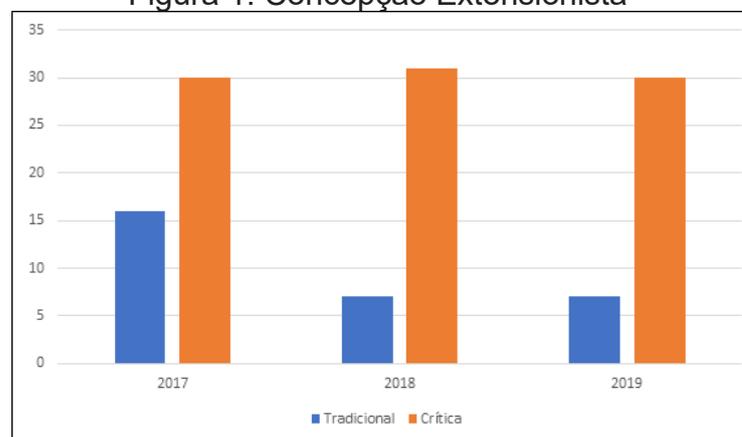
Níveis	Objetivo da Ação
1- Informação e Comunicação	Informa a comunidade dos projetos e questões que envolvem a Universidade; presença indireta.
2- Divulgação	Informação e início de estreitamento da relação com a comunidade; entrega prestação de serviço; presença direta, mas não permanente.
3- Difusão Acadêmica	Formação de opinião e de conhecimentos, abertura a troca de conhecimentos (em geral, como objetivo secundário); presença direta, mas não permanente.
4- Difusão Cultural	Aumento da participação da comunidade através de discussões; valorização do conhecimento criado socialmente; presença direta e permanente
5- Impacto e Transformação Social	Participação ativa dos grupos sociais no desenvolvimento da extensão. Decisão e ação conjunta ente Universidade e Comunidade.

Fonte: Elaboração própria a partir de Bravo, 2011.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender como se configura os projetos extensionistas na Unicamp selecionamos dados que ilustram esse quadro.

Figura 1: Concepção Extensionista¹



¹ Para referência: 46 projetos em 2017; 38 projetos em 2018; 37 projetos em 2019.

Os projetos foram agrupados em concepção crítica e concepção tradicional. Os projetos que se encaixaram enquanto tradicionais tinham como objetivo atender demandas sociais, sem aplicar o conceito de interação dialógica. A proporção de projetos críticos (que obrigatoriamente atendiam ao critério de interação dialógica) tem aumentado, ainda que nos anos seguintes houvesse menor número de projetos, indo de 65% em 2017 para 82% em 2018.

Aliado a isso também aumentou o número de projetos que citaram a indissociabilidade como justificativa para se enquadrar enquanto projeto extensionista. Em 2017, somente 35% dos projetos fizeram menção a diretriz. Em 2019, essa representação chegou a 81%. Também aumentou a presença da interdisciplinaridade, que foi citada em 26% dos projetos no primeiro ano. No último ano essa margem atingiu 57%.

Tabela 1. Diretrizes Extensionistas

Contribuição	2017		2018		2019	
	2017	%	2018	%	2019	%
Interação Dialógica	33	72	32	84	30	81
Indissociabilidade	16	35	21	55	30	81
Interdisciplinaridade	9	20	22	58	21	57
Transformação social	12	26	19	50	10	27

Quando comparamos com o indicador de envolvimento da comunidade, baseado em Bravo (2011), fica mais claro como se caracteriza de fato a extensão na Unicamp.

Tabela 2. Envolvimento da Comunidade x Concepção Extensionista ao fim dos três anos (2017, 2018 e 2019)²

Envolvimento da Comunidade	Tradicional	Crítica
Divulgação	14	-
Difusão Acadêmica	16	21
Difusão Cultural	-	37
Impacto e Transformação Social	-	33

Não houve em nenhum dos três anos projetos voltados ao nível mais básico (Informação e Comunicação), o que é positivo, uma vez que esse estabelece pouco ou nenhum relacionamento dialógico. Os projetos do segundo nível (Divulgação) foram em sua totalidade restritos a concepção tradicional, o que se justifica por ser um nível de estreitamento inicial da relação entre universidade e comunidade, mas não sólido. Nenhum projeto de concepção crítica foi enquadrado enquanto Divulgação. Há grande influência dos projetos que se caracterizam enquanto Difusão Acadêmica, nível onde, por geral, se entrega mais o conhecimento produzido internamente pela universidade, mas ainda assim apresenta, ainda que modestamente, algum grau de valorização e abertura a aprendizados vindos da comunidade.

Difusão Cultural e Impacto e Transformação Social não apresentaram projetos com concepção tradicional (mais uma vez podendo ser explicado pela relação dialógica, que nesses níveis é mais concreta). No fim, Difusão Acadêmica

² Total de projetos (2017, 2018 e 2019): 121 projetos.

e Difusão Cultural representaram juntos 62% dos 121 projetos de 2017 a 2019, mostrando que a Unicamp caminha para um estreitamento da relação dialógica com a comunidade. A crescente da Difusão Cultural pode, no futuro, levar a um maior diálogo, e que possibilite que os projetos cada vez mais tendam a se encaixar enquanto Impacto e Transformação Social.

4. CONCLUSÕES

A partir do recorte feito no período de três anos foi possível perceber padrões e evoluções no que permeia a prática de extensão. A extensão universitária fomentada na Unicamp é formada por uma maioria de projetos identificados com concepção crítica, valorizando os saberes criados na comunidade e efetivando a via de mão-dupla de conhecimentos que promove a extensão, formando um mecanismo de aproximação entre universidade e sociedade. O crescente reconhecimento da extensão enquanto um processo indissociável de ensino e pesquisa mostra a possibilidade da extensão universitária se consolidar como uma prática acadêmica indispensável.

Mas isso não quer dizer que não haja espaço para discussão e desafios. A extensão ocupa uma posição estratégica que promove a integração de várias áreas do conhecimento, promove interação dialógica, aproxima ensino e pesquisa e incentiva a interdisciplinaridade. Há grande reconhecimento dessas diretrizes por parte dos proponentes de projetos, ainda que de maneira fragmentada. A grande questão é integrar todos esses conceitos apresentados de forma a objetivar cada vez mais a transformação social e evidenciar o protagonismo da comunidade.

Internamente, cabe propor espaços para discussão da extensão enquanto processo acadêmico e de transformação social. A divulgação dos projetos para a própria comunidade acadêmica pode despertar o interesse e olhar interno para as ações de extensão, fomentando cada vez mais uma extensão plural e que atende as diretrizes que a tornam um componente completo e necessário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988.

BRAVO, R. M. R. Extensión: transformaciones vitales en la relación universidad-comunidad. **Universidad en Diálogo: Revista de Extensión**, v. 1, n. 1, p. 9-28, 1 jul. 2011.

FORPROEX. **Política nacional de extensão universitária**. Manaus, 2012

A Rede de Museus da UFPel na 13ª Primavera dos Museus: atividades extensionistas como ferramentas de aproximação entre museus e comunidade

ROGER FELIPE ROCHA VILELA¹; ANDRÉA LACERDA BACHETTINI²; SILVANA DE FÁTIMA BOJANOSKI³

¹Universidade Federal de Pelotas – rogervilela5@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andreabachettini@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – silbojanoski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde 2007, o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) coordena a Primavera dos Museus, evento que acontece anualmente no início da estação homônima e que conta com a participação de centenas de instituições museológicas de todo o país.

A Primavera possui três objetivos centrais: 1) Promover, divulgar e valorizar os museus brasileiros; 2) Aumentar o público visitante; e 3) Intensificar a relação dos museus com a sociedade.

A cada edição um novo tema é escolhido para nortear as atividades desenvolvidas pelos museus participantes durante o evento. Para a 13ª edição, realizada entre 23 e 29 de setembro de 2019, o tema foi “Museus por dentro, por dentro dos museus”, que segundo o Ibram permitiu “explorar os aspectos do cotidiano museológico aplicado aos diversos métodos aos quais as coleções/museus são submetidas no constante processo de formação, organização, conservação e exposição para interação e fruição pelas pessoas ou grupos sociais”.

Com o objetivo de fazer o público ver, sentir e conhecer o que se faz, o que se tem e quem vive o dia a dia dos nossos museus, a Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), propôs e realizou para a 13ª Primavera uma série de atividades que foram executadas tanto on-line (via Facebook e Instagram) quanto nas instalações dos três museus institucionais da UFPel – Museu do Doce (MD), Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) e Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) – localizados no centro da cidade de Pelotas.

Para auxiliar na divulgação e realização de ações, atividades, projetos e eventos relacionados aos museus, como a Primavera dos Museus, junto à comunidade em geral, a Coordenação da Rede de Museus desenvolve o Projeto de Extensão “Divulgação e Comunicação da Rede de Museus da UFPel”, que atua, principalmente, nas redes sociais.

2. METODOLOGIA

As atividades da Rede de Museus da UFPel para a 13ª Primavera dos Museus foram definidas em uma reunião de seu Conselho Consultivo, realizada no fim de agosto de 2019. Depois de ouvidas todas as sugestões e ideias, a programação da Rede, que teve o tema “Museus por dentro, por dentro dos museus” como base, foi cadastrada no site do Ibram, que auxilia as instituições na divulgação das ações promovidas para o evento.

Das instituições que compõem a Rede, participaram da Primavera o MD, o MALG, o MCNCR e o Centro de Memória e Pesquisa HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares. No total foram oferecidas ao público 12 atividades, que incluíram exposições, campanhas e oficinas – todas gratuitas.

Com a programação cadastrada no Ibram, uma página para o evento foi criada no Facebook, na qual foram publicados *posts* divulgando cada uma das atividades. Publicações também foram feitas nas páginas da Rede de Museus, da PREC e da UFPEL.

A campanha “Você no Museu” tinha como objetivo dar visibilidade aos visitantes. Durante a semana da Primavera, o público pode enviar fotos (tiradas dentro dos museus da UFPEL) e pequenos depoimentos sobre a importância destas instituições para um e-mail especial (vocenomuseu2019@gmail.com). Com o material recebido de cada envio, um *card* – contendo a foto, o depoimento e informações da pessoa (nome e cidade) – era confeccionado e, depois, postado nas redes sociais da Rede (Facebook e Instagram).

Na campanha “Vista a Camiseta dos Museus” foram estampadas camisetas com os logos dos museus da UFPEL e da Rede. A escolha da estampa era de cada participante. A campanha foi feita em duas etapas. Na primeira, realizada entre 23 e 27 de setembro, o público pode entregar suas camisetas (lisas, sem estampa) na recepção do Museu Carlos Ritter. A segunda parte consistiu na retirada das camisetas no dia 28, também no MCNCR. A serigrafia e a aquisição de insumos foram feitas por voluntários.

Com a intenção de apresentar ao público algumas das pessoas que trabalham nos museus da UFPEL, a campanha “Por Dentro dos Museus” foi realizada on-line, durante toda a semana da Primavera, com publicações nas redes sociais. Participaram da campanha servidores, terceirizados, bolsistas e voluntários dos museus, incluindo os diretores das instituições – responsáveis pela indicação dos demais –, e membros dos Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Bens Culturais (LACRBC) e do HISALES. Os participantes foram entrevistados e fotografados. Com o material, textos e *cards* foram produzidas para as publicações.

A oficina “Fotografia do Patrimônio Cultural com Uso de Smartphones” foi a única das atividades em que foi exigida inscrição prévia, devido ao número limitado de vagas – apenas 25. A oficina, ministrada pelo Prof. Dr. Roberto Heiden, diretor do Museu do Doce, ocorreu no dia 28 de setembro, em dois espaços distintos. A parte teórica foi realizada no auditório do MD. Já a parte prática aconteceu no centro histórico de Pelotas, onde os participantes fotografaram monumentos e prédios da cidade.

A performance “Cosplay: Gotuzzo” foi realizada nos jardins do MALG por alunos do Centro de Artes da UFPEL, que deram vida as obras do artista plástico Leopoldo Gotuzzo, patrono do museu. A atividade contou com a orientação da Profa. Dra. Nádia Senna.

Oficinas de serigrafia, origami, escrita com bico de pena e de confecção de pelotinas (bases para os doces tradicionais de Pelotas feitas de papel de seda recortado), o lançamento do livro “Lenora Rosenfield: itinerários”, e uma visita guiada com a artista Lenora Rosenfield pela exposição “Entre Mundos”, do MALG, foram as outras atividades promovidas pela Rede para a 13ª Primavera dos Museus. Todas aconteceram no sábado, dia 28 de setembro de 2019, e receberam apoio de alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPEL.

Toda a parte gráfica da divulgação e das atividades da Rede seguiu a identidade visual criada pelo Ibram para o evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A página do evento criada no Facebook para a divulgação das atividades obteve um ótimo alcance – totalmente orgânico. De 15 de setembro, data da criação da página, até 29 do mesmo mês, último dia da 13ª Primavera dos Museus, aproximadamente 19 mil pessoas foram alcançadas, número bastante significativo. Desse total, 528 pessoas confirmaram presença ou demonstraram interesse em participar.

O público efetivo também foi significativo. O Museu do Doce – que teve seu horário de visitação ampliado –, o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo receberam no dia 28 de setembro, no qual se concentrou o maior número de atividades, o dobro de visitantes de um sábado normal.

As publicações da campanha “Por Dentro dos Museus”, realizada exclusivamente on-line, alcançaram, em média, cerca de 1.100 pessoas no Facebook e 244 no Instagram. Foram 11 posts no total, que obtiveram, em média, aproximadamente 127 envolvimento no Facebook (reações, comentários e compartilhamentos) e 42 interações no Instagram (curtidas, comentários e visitas ao perfil da Rede).

Os participantes da oficina “Fotografia do Patrimônio Cultural com Uso de Smartphones” foram estimulados a postarem as fotografias produzidas nas redes sociais com a *hashtag* #oficifotospatri.

Na campanha “Vista a Camiseta dos Museus”, da qual participaram pessoas tanto de dentro quanto de fora da UFPEL, dezenas de camisetas foram estampadas com os logos dos museus e da Rede.

Nas demais oficinas, os visitantes puderam confeccionar pequenas lembranças, desde *tsurus* – um dos mais tradicionais origamis da cultura japonesa, que representa o grou-da-manchúria – até pelotinas de papel de seda recortado.

4. CONCLUSÕES

As atividades desenvolvidas pela Rede de Museus da UFPEL para a 13ª Primavera dos Museus se propuseram aproximar as instituições museológicas da nossa Universidade e a comunidade em geral, objetivo alcançado devido a expressiva participação da população de Pelotas e região.

Ao apresentar nas redes sociais profissionais e estudantes que vivem o dia a dia dos nossos museus, por exemplo, possibilitou ao público perceber que se tratam de instituições vivas, feitas de pessoas para pessoas.

Os museus universitários da UFPEL são patrimônios que pertencem a todos, e não apenas aos professores e estudantes. Participando de eventos como a Primavera de forma ativa e acolhedora, recebendo todos os públicos sem nenhuma distinção, a Rede auxilia na consolidação dessa ideia.

Outro ponto que podemos destacar é a importância das redes sociais como ferramentas de divulgação das ações promovidas por instituições culturais que muitas vezes, devido barreiras financeiras, por exemplo, não conseguem alcançar todos os públicos. No caso de museus universitários, como os da UFPEL, ajudam

a furar a “bolha” e aproximar do público em geral, de forma que os projetos e eventos extrapolem o ambiente acadêmico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ibram divulga texto sobre o tema da 13ª Primavera dos Museus. **Instituto Brasileiro de Museus - Ibram**. Acessado em 20 set. 2020. On-line. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/ibram-divulga-texto-sobre-o-tema-da-13a-primavera-dos-museus/>>

PRIMAVERA DOS MUSEUS. **Instituto Brasileiro de Museus - Ibram**. Acessado em 20 set. 2020. On-line. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/primavera-dos-museus/>>

Primavera dos Museus reúne público em atrações variadas. **Coordenação de Comunicação Social da UFPEL**, Pelotas, 30 set. 2019. Acessado em 20 set. 2020. On-line. Disponível em: <<https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/09/30/primavera-dos-museus-reune-publico-em-atracoes-variadas/>>

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **13ª Primavera dos Museus – Museus por dentro, por dentro dos museus**. Pelotas, 19 de set. 2019. Acessado em 20 set. 2020. On-line. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/prec/2019/09/19/13a-primavera-dos-museus-museus-por-dentro-por-dentro-dos-museus/>> Acessado em 20 set. 2020.

REDE DE MUSEUS DA UFPEL. Acessado em 18 set. 2020. On-line. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/>>

VILELA, Roger. **Primavera dos Museus acontece entre 23 e 29 de setembro**. Rede de Museus da UFPEL, Pelotas, 23 ago. 2019. Notícias. Acessado em 20 set. 2020. On-line. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/2019/08/23/primavera-dos-museus-acontece-entre-23-e-29-de-setembro/>>

GARIMPANDO O COTIDIANO E HUMANIZANDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA

JÚLIA CAMPOS DA COSTA PEREIRA¹; LETÍCIA PERÍGOLO JORGE²; INGRID PRISCILA ALVES DE MORAIS³; JOSIANE APARECIDA LIMA⁴; YURI ELIAS GASPAS⁵; ROBERTA VASCONCELOS LEITE⁶

¹ Faculdade de Medicina de Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK - juliacacope@gmail.com

² Faculdade de Medicina de Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK - leticiaперigolo@hotmail.com

³ Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK - ingridpriscila140@gmail.com

⁴ Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK - josylimadtna@hotmail.com

⁵ Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK - yuri.gaspar@ufvjm.edu.br

⁶ Faculdade de Medicina de Diamantina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK - roberta.leite@ufvjm.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Num contexto em que a desagregação das relações interpessoais e outros processos do mundo contemporâneo contribuem para a expansão do sofrimento psíquico, que atinge todas as parcelas sociais (BERGER; LUCKMANN, 2004; MENDES LEMOS; CELIO FREIRE, 2011), a Organização Mundial de Saúde (2018) reconhece o negligenciamento da saúde mental e a define como primordial para a realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A constatação da disseminação do sofrimento psíquico coloca como pauta inadiável o movimento de democratização do acesso e promoção da saúde mental, porém, cortes no financiamento da saúde pública brasileira têm dificultado o estabelecimento de um cenário ideal (MACINKO, 2018).

Além disso, a ineficácia do modelo centrado no curativismo é amplamente demonstrada (SCHERER; MARINO; RAMOS, 2005), crescendo a importância de ações que agregam diferentes campos do saber e contribuem para a resiliência e promoção da saúde mental, numa perspectiva interdisciplinar, favorecendo a humanização dos serviços ofertados (ROCHA; CARDOSO, 2017). Destacamos, em particular, o empenho por humanização empreendido em contextos de formação dos profissionais da saúde, particularmente de médicos (ALVES et al., 2009).

Neste cenário, o projeto de extensão “Garimpando o cotidiano: cultura, experiência e promoção da saúde mental” foi criado em 2018 na Faculdade de Medicina da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM com vistas a ampliar os serviços de promoção de saúde mental oferecidos na cidade de Diamantina (MG) à comunidade acadêmica e externa e promover a humanização do processo formativo através de vivências comunitárias. Por meio da realização de grupos terapêuticos, o projeto busca superar o modelo centrado no adoecimento por meio da valorização das experiências cotidianas que fortalecem a pessoa, tendo como inspiração os Grupos Comunitários de Saúde Mental de Ribeirão Preto (ISHARA; CARDOSO; LOUREIRO, 2013) e a Terapia Comunitária Integrativa (BARRETO, 2008).

2. METODOLOGIA

Para possibilitar aos estudantes vivências comunitárias com usuários dos serviços voltados a saúde mental, foram estabelecidas parcerias permanentes com os dois Centros de Atenção Psicossocial - CAPS da cidade de Diamantina. Articulando-se ao ensino no curso de graduação em Medicina, a participação em 2 grupos (1 interno e 1 no CAPS) foi incluída como atividade de um módulo obrigatório do quinto período. A parceria com docentes de outras unidades da universidade viabilizou a realização de grupos com maior participação da comunidade universitária, promovendo integração com alunos de outros cursos, tanto no nível da graduação quanto da pós-graduação.

Seguindo a proposta de Ishara, Cardoso e Loureiro (2013), os encontros são abertos, sem limite de participantes, sem compromisso de continuidade e sem imposição de que todos falem de suas experiências. Cada grupo é organizado em quatro momentos, que podem variar de acordo com a resposta dos participantes daquele dia: 1) Abertura: acolhimento dos presentes e apresentação da proposta. 2) Momento cultural “Reconhecendo joias”: participantes apresentam trechos de músicas, textos, filmes, programas de TV ou imagens e paisagens que reconhecem como belos e lhes fortalecem para vivenciar desafios diários. O objetivo é estimular e valorizar a apropriação artística e cultural como mecanismo de desenvolvimento da condição humana e promoção da resiliência. 3) Momento de troca de vivências “Garimpando e lapidando o dia a dia”: participantes compartilham relatos de acontecimentos cotidianos e suas reverberações na própria pessoa. É estimulada a narração de fatos corriqueiros, que passam despercebidos por sua simplicidade, mas que podem ter grande potencial de estruturar a pessoa. Como indicado por Barreto (2008), propõe-se que as falas sejam em primeira pessoa, para evitar julgamentos e aconselhamento, valorizando vivências, elaborações e posicionamentos. 4) Momento de partilha de repercussões “Compartilhando preciosidades”: participantes falam sobre como foram impactados durante o grupo. Estimulando que a reflexão acompanhe a vivência, são fomentados o aprendizado sobre processos grupais, o amadurecimento das relações inter-pessoais e a consolidação das elaborações que emergiram no encontro.

Ao final de cada encontro, os participantes são convidados a avaliá-lo verbalmente ou por escrito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde seu início em outubro de 2018 até dezembro de 2019 (15 meses), foram realizados 43 grupos, com 1001 participantes no total. Foram 23 encontros nos dois CAPS (totalizando 454 participantes entre usuários, trabalhadores, familiares, graduandos em medicina e docentes da UFVJM), 18 na UFVJM (483 participantes entre discentes, docentes, técnicos-administrativos e profissionais da saúde de Diamantina), além de 2 grupos em outras unidades de saúde do município: 1 no CER (Centro Especializado em Reabilitação) e 1 na Santa Casa de Caridade, com os profissionais dessas instituições, discentes e docentes da UFVJM, somando 64 participantes.

Em todos os encontros, nos momentos de avaliação houve retornos positivos, demonstrados por pedidos de continuidade e pelo uso de termos como gratidão, reflexão, felicidade, leveza, alegria, amor, fé. As avaliações dos participantes

regulares, em particular, têm indicado a pertinência da iniciativa em suscitar atenção aos processos pessoais e interpessoais. As avaliações dos pós-graduandos indicam o potencial da iniciativa para a integração com a graduação e formação docente. A avaliação de discentes da graduação em medicina demonstra a efetivação da proposta supracitada: a humanização dos futuros profissionais, como demonstra o relato de uma aluna:

É perceptível como os participantes reconhecem no grupo um espaço confiável, expressando sobre seus anseios, sofrimentos, desafios, angústias e superações, aspectos que habitualmente não são compartilhados tão facilmente com pessoas transvestidas de médicos através dos seus jalecos brancos. É também admirável se certificar, de corpo presente, que todas as pessoas, mesmo as mais oprimidas e marginalizadas, acumulam significativos e surpreendentes saberes para a solução dos seus problemas e melhorias das suas vidas e que abdicar desses conhecimentos durante os futuros atendimentos seria inapropriado.

Relatos como esse sinalizam que o projeto “Garimpando o cotidiano” tem promovido a formação humana por meio da interdisciplinaridade e a horizontalidade nas relações, abrindo espaço para que pessoas com diferentes formações acadêmicas e provenientes de vários setores da sociedade vivenciem encontros humanos e sejam cuidados e cuidadores uns dos outros. Nesse intercâmbio de saberes com a comunidade externa, há valorização do potencial de todas as pessoas envolvidas para o enfrentamento de situações de sofrimento psíquico.

4. CONCLUSÕES

Fazendo frente à verticalidade ainda tão enraizada nos atendimentos em saúde (particularmente na relação médico-paciente) e também nas salas de aula e demais espaços universitários, o projeto propõe que todos os envolvidos se aproximem do lugar de escuta ativa e compreensão, entendendo que “não existe um que sabe e outro que não sabe, mas dois que sabem coisas distintas” (BRICEÑO-LEÓN, 1996, p. 13, tradução nossa). As rodas de conversa, em que não há ninguém posicionado atrás ou à frente, mas todos estão lado a lado, propõem esse movimento: a figura dos mestres se desfaz, há estímulo ao diálogo aberto e igualitário.

Para os graduandos e pós-graduandos, participar de uma ação desta natureza tem sido oportunidade de se apropriar de técnicas de trabalho em grupo e saúde mental comunitária, ao mesmo tempo em que vivenciam uma formação humanística e cidadã. Podendo superar concepções recorrentes que centram a leitura de mundo na carência ou no adoecimento, aprofundam a reflexão crítica sobre os processos de desagregação social e sofrimento psíquico que se avolumam no momento histórico atual e no contexto sociocultural brasileiro e mineiro. Desenvolvendo um modo pessoal e profissional de relacionamento pautado na ética e na valorização da alteridade, descobrem a condição humana comum a partir do reconhecimento de que toda pessoa possui habilidades, dificuldades, sofrimentos e capacidade de resiliência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. N. O.; MOREIRA, S. N. T.; AZEVEDO, G. D., ROCHA, V. M.; VILAR, M. J. A humanização e a formação médica na perspectiva dos estudantes de medicina da UFRN - Natal - RN - Brasil. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, v. 33, n. 4, p. 555-56, 2009. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000400006>

BARRETO, A. *Terapia comunitária: passo a passo*. 3ª. ed. Fortaleza: LCR, 2008.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem no mundo moderno*. Trad. E. Orth. Petrópolis: Vozes. 2004.

BRICEÑO-LEÓN, R. Siete tesis sobre la educación sanitaria para la participación comunitaria. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 7-30, 1996. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1996000100002>

ISHARA, S.; CARDOSO, C. L.; LOUREIRO, S. R. *Grupo comunitário de saúde mental: conceito, delineamento metodológico e estudos*. Ribeirão Preto: Nova Enfim, 2013.

MACINKO, James; MENDONÇA, Claunara Schilling. Estratégia Saúde da Família, um forte modelo de Atenção Primária à Saúde que traz resultados. **Saúde debate**, Rio de Janeiro , v. 42, n. spe1, p. 18-37, Sept. 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042018000500018&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s102>

MENDES LEMOS, P.; CELIO FREIRE, J. Os contornos tardo-modernos do sofrimento e do adoecimento psíquico: proposições éticas para o Centro de Atenção Psicossocial. *Psicologia em revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 303-321, ago. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000200010>. Acesso em 26 fev. 2020.

ONU. Saúde mental é 'questão negligenciada', mas chave para alcançar objetivos globais. *Nações Unidas no Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mai. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/saude-mental-e-questao-negligenciada-mas-chave-para-alcancar-objetivos-globais>>. Acesso em 26 fev. 2020.

ROCHA, R. M. G.; CARDOSO, C. L. A experiência fenomenológica e o trabalho em grupo na saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, Rio de Janeiro, vol. 29, e165053, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29165053>

SCHERER, Magda Duarte dos Anjos; MARINO, Selma Regina Andrade; RAMOS, Flávia Regina Souza. Rupturas e resoluções no modelo de atenção à saúde: reflexões sobre a estratégia saúde da família com base nas categorias kuhnianas. *Interface (Botucatu)*, Botucatu , v. 9, n. 16, p. 53-66, 2005 . <https://doi.org/10.1590/S1414-32832005000100005>.

SPEAKING

ISIS FELTRIN STEINER¹; NICOLLE LIMA BANDEIRA²; NATHAN RODRIGUES
DA SILVA³; FORLAN LA ROSA ALMEIDA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – isissteiner@hotmail.com

²Nicolle Bandeira Lima – niicolle.lima97@gmail.com

³Nathan Rodrigues da Silva – nathanrs999@gmail.com

⁴Forlan La Rosa Almeida – forlan.almeida@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O Capítulo Estudantil SPE UFPel foi fundado em 2012 pelos alunos do curso de Engenharia de Petróleo da Universidade Federal de Pelotas e tem como objetivo realizar a aproximação de seus membros com a indústria de Óleo e Gás. O Capítulo é filiado à SPE Internacional (*Society of Petroleum Engineers*) e, no Brasil, é membro ativo da Seção Macaé. Em 2017, o Capítulo tornou-se uma Organização Social cadastrada com CNPJ e sem fins lucrativos.

Através de eventos técnicos (palestras, mini-cursos e workshops), esportivos, sociais, como doações de sangue e visitas a entidades carentes, e acadêmicos, como o projeto SPEaking, o Capítulo tem conseguido cumprir com seu objetivo e proporcionar aos estudantes uma ampliação na rede de contatos que é tão essencial nos dias atuais.

O projeto SPEaking foi iniciado em 2018 dentro do SPE UFPel e buscou o aprendizado de temas e termos técnicos em inglês referentes à indústria do petróleo. O inglês é a língua mais falada no mundo dos negócios, inclusive na indústria petrolífera. Em vista disso, surgiu a necessidade de ampliar o contato com a língua no meio acadêmico e dar a oportunidade para que todos os alunos pratiquem o inglês.

Atualmente, o projeto foi formalizado junto à Universidade Federal de Pelotas e procurou reformular-se por meio da criação de um ambiente mais dinâmico e eficiente onde os alunos possam praticar o inglês através da conversação. Além disso, o projeto aumentou sua visibilidade dentro da Universidade e, hoje, conta com a participação de alunos de outros cursos da UFPel, como os cursos de Química e Engenharia Geológica.

2. METODOLOGIA

Em edições anteriores, o projeto contava com reuniões semanais ou quinzenais que eram realizadas nos prédios da UFPel e tinham duração entre 1:30h a 2:00h. Nestes encontros eram realizados jogos que proporcionavam o aprendizado de termos e expressões em inglês frequentemente utilizadas por nativos. Além disso, alguns artigos foram sugeridos para que os estudantes pudessem promover uma discussão totalmente em inglês a respeito do tema abordado. O projeto também contou com meios digitais para a apresentação de séries e filmes onde os participantes puderam aguçar a audição e se familiarizar com diferentes expressões em inglês.

Em tempos onde a distância se faz necessária, o projeto precisou reinventar-se e caminhou com a ajuda da tecnologia. Utilizando-se de plataformas *online*, como o Google Meet, o SPEaking buscou implementar ações de extensão com profissionais estrangeiros e fluentes na língua inglesa. Foram realizadas duas edições da ação intitulada “SPEaking - Uma Conversa em Inglês” onde

palestrantes de diversos lugares do mundo se colocaram à disposição para uma conversa dinâmica e informal em inglês.

Os encontros foram abertos ao público e, no total, contaram com a participação de mais de 30 pessoas durante aproximadamente 1 hora de conversa. As *lives* foram intermediadas pelo prof. Forlan Almeida e contaram com a atuação dos alunos Isis Feltrin Steiner (Engenharia de Petróleo), Nathan Rodrigues (Engenharia de Petróleo) e Nicolle Bandeira (Química Industrial) que são os atuais responsáveis pelo projeto.

A interação com os profissionais era feita através de perguntas estipuladas pelos gestores do projeto como também realizadas pelos participantes, os quais puderam aproveitar a oportunidade para aperfeiçoar e praticar a conversação em inglês.

Os encontros ocorreram através do Google Meet. Foi gerado um link público que permitia o acesso da comunidade a sala de reuniões onde a conversa aconteceria. Para participar do evento bastava acessar o link que ficou disponível em todas as publicações referentes ao projeto e, também, no Linktree do SPE UFPel.

O projeto contou com o auxílio do Capítulo Estudantil SPE UFPel e de suas redes sociais para a divulgação dos eventos. Através das plataformas Instagram, Facebook e LinkedIn onde foram postados os banners e todas as informações sobre o evento.

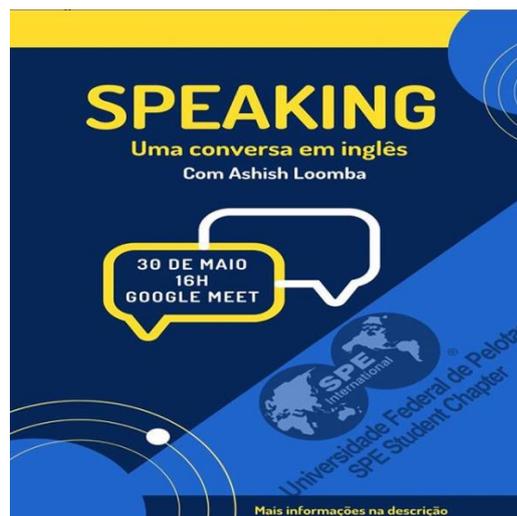


Figura 1: *Banner* do primeiro encontro “SPEaking – Uma Conversa em Inglês”

O primeiro encontro aconteceu no dia 30 de maio e contou com a participação do atual doutorando em Engenharia de Petróleo pela UNICAMP, Ashish Loomba. Durante 1 hora, Ashish contou a história de sua carreira profissional e, por ser nativo da Índia, falou a respeito da atual situação do mercado de trabalho do setor petrolífero, além de relatar algumas curiosidades referentes ao país.

O segundo encontro ocorreu dia 27 de junho com a presença do engenheiro nigeriano Nnadozie Eze, bacharel em Engenharia de Polímeros pela Universidade Federal de Tecnologia em Owerri. Em aproximadamente 2 horas, Nnadozie compartilhou um pouco do seu conhecimento e de suas experiências na área, assim como sua jornada trabalhando na Shell, onde ingressou em 2002 e permanece até hoje. Além disso, o participante concedeu algumas dicas sobre desenvolvimento e motivação profissional, assim como dicas sobre seu aprendizado com a língua inglesa.

Os eventos contaram com a presença de alunos da UFPel, representantes do capítulo principalmente, mas também alunos de outros cursos e universidades, amigos e familiares de alunos. No final dos eventos, foram gerados certificados de participação para todos os ouvintes, organizadores e palestrantes.

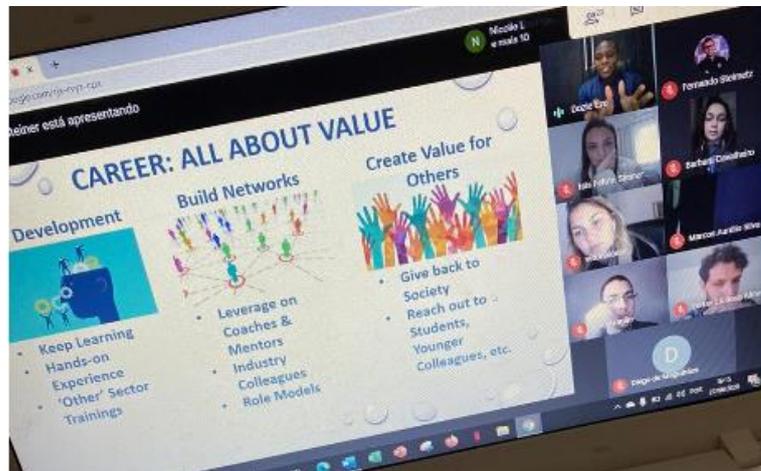


Figura 2: Segundo encontro “SPEaking – Uma Conversa em Inglês”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros realizados no projeto SPEaking proporcionaram momentos de interação, aprendizagem, prática e contato com a língua inglesa no momento de pandemia. Alguns dos ouvintes perguntaram suas dúvidas por áudio e dessa forma conseguiram treinar a habilidade de conversação e agregar significativamente o andamento das reuniões. As conversas em inglês expandiram o conhecimento dos alunos participantes sobre novas culturas, carreira profissional petrolífera, desenvolvimento e evolução na língua inglesa. Outro fator relevante resultante dos encontros foi a ampliação do *networking* na área por parte dos estudantes de Engenharia de Petróleo, o que é importantíssimo no mercado de trabalho.

O projeto recebeu em sua maioria críticas positivas, os alunos ficaram satisfeitos em poder praticar o inglês e expandir seus conhecimentos. Entretanto, alguns dos participantes relataram que poderia haver algo que estimulasse um pouco mais a interação de todos os ouvintes, algo que fizesse mais dúvidas surgirem ao longo das reuniões e estimulasse a conversação. Seguindo esse viés, uma ideia elaborada para o futuro do projeto é a introdução de *quizes* rápidos em inglês relacionados aos temas das conversas antes ou durante os encontros, dessa forma os alunos interagiriam e conheceriam mais os assuntos propostos e poderiam apresentar novas dúvidas a respeito. Os *quizes* seriam feitos e respondidos em plataformas de fácil acesso, como, por exemplo, o Kahoot já utilizado por muitos professores e alunos.

4. CONCLUSÕES

Sabe-se que o inglês é essencial no ingresso ao mercado de trabalho e a tamanha importância em aumentar o contato com essa língua no meio acadêmico é evidente. Além disso, na indústria de O&G, o inglês é considerado a língua essencial, sendo requerido em qualquer empresa do mundo, mesmo as brasileiras. Assim, o projeto SPEaking buscou ampliar o contato dos estudantes e da comunidade com a língua inglesa através de conversas *online*, contribuindo



com a formação dos participantes. Ainda, proporcionou uma troca de experiências culturais já que os palestrantes tinham origens de diferentes lugares do mundo, enriquecendo as ações. Por fim, é possível afirmar que o projeto alcançou seus objetivos, assistindo o curso de Engenharia de Petróleo, o Centro de Engenharias e a comunidade acadêmica como um todo.

PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE EM MOTRICIDADE OROFACIAL NA INFÂNCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

CHRISTINE GRELLMANN SCHUMACHER¹; ADELINE SUZANNE
ZINGLER²; DAISYÉLI DIAS MESQUITA³; ARIELLY FREITAS MOURA⁴;
MANOELA GOMES⁵; GEOVANA DE PAULA BOLZAN⁶.

¹Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – christine.schuma@gmail.com

²Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – adelinezingler@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – daisyelid@gmail.com

⁴Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – ariellyfmoura@gmail.com

⁵Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – gmanoela@hotmail.com

⁶Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – gebolzan@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência do primeiro ano de execução de um projeto de extensão, que teve início em abril de 2019 no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). O projeto intitulado “Prevenção e Promoção da saúde em motricidade orofacial na infância” visa contribuir para melhora na saúde e na qualidade de vida de crianças e famílias atendidas no HUSM, atuando como suporte especializado, em nível ambulatorial, para promoção e manutenção do aleitamento materno; avaliação das habilidades de alimentação oral e prevenção das alterações da motricidade orofacial na primeira infância; bem como diagnóstico precoce de disfagia, o que pode refletir na redução de custos com internações hospitalares e outros tratamentos terapêuticos e curativos na infância. Este projeto também tem por objetivo proporcionar complementação acadêmica aos alunos da Graduação em Fonoaudiologia, por meio de atendimento em ambulatório especializado em alimentação infantil, inserido em ambiente hospitalar, e de utilização de recurso diagnóstico, como a videofluoroscopia da deglutição, os quais não são contemplados na grade curricular prática do curso.

Ao consultarmos a literatura, identificamos que estimativas quanto às diversas formas de ação e suas consequências para a saúde da criança, mostram que a promoção do aleitamento materno exclusivo é a intervenção isolada em Saúde Pública, com o maior potencial para a diminuição da mortalidade infantil (CAMPOS, 2014).

Especificamente na Fonoaudiologia, a promoção do aleitamento materno, a prevenção da instalação de hábitos orais deletérios, bem como sua remoção, e a introdução alimentar complementar com diferentes consistências alimentares em idade adequada, são as bases para a promoção da saúde na área de Motricidade Orofacial. Isso porque as funções de sucção, respiração, mastigação, deglutição e fala são executadas pela ação conjunta e harmônica das estruturas do sistema estomatognático.

2. METODOLOGIA

O projeto foi executado no Hospital Universitário de Santa Maria, um turno por semana, de abril de 2019 a março de 2020. Devido à pandemia por COVID-19, o projeto de extensão encontra-se suspenso.

O projeto atendia às díades mãe-bebê, cujo nascimento do bebê tenha ocorrido no HUSM, ou que o RN tenha permanecido internado na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal desse hospital. Também foram atendidas crianças na faixa etária até 3 anos provenientes das demais unidades de internação pediátrica do hospital e ambulatorios de pediatria geral ou especializados. O encaminhamento dos pacientes ao ambulatório pode ser realizado pelos diferentes profissionais da saúde do hospital, incluindo os residentes e acadêmicos.

Os atendimentos eram realizados em conjunto por docente fonoaudióloga, alunos do Curso de Fonoaudiologia e residentes multiprofissionais da Linha Materno-Infantil da Residência Multiprofissional em Atenção e Gestão Hospitalar da instituição de origem.

Na primeira consulta, eram realizadas anamnese e avaliação de acordo com cada caso, sendo, na sequência, realizadas as intervenções e orientações. Eram agendados retornos para acompanhamento das díades mãe-bebê ou de crianças atendidas, a fim de se avaliar a eficácia das ações ou dar seguimento à intervenção, quando necessário. A frequência dos retornos e o número de atendimentos eram definidos conforme as particularidades de cada caso. Da mesma forma, conforme a necessidade evidenciada, após a avaliação clínica fonoaudiológica da deglutição eram agendados e realizados exames de videodeglutograma às crianças atendidas. O exame prevê a compreensão da dinâmica da deglutição e a realização de ajustes de consistências, utensílios, postura, entre outros aspectos que possam favorecer a segurança da alimentação do paciente. Este exame é realizado pela responsável pelo projeto, técnico em radiologia e médico radiologista. Os alunos envolvidos no projeto participaram da análise do exame e da condução clínica.

A intervenção para favorecer o sucesso do aleitamento materno, quando for o caso, e a introdução de alimentação complementar tem como base as diretrizes do Ministério da Saúde (Cadernos de Atenção Básica, n. 23, 2009; Guia Alimentar, 2019), complementados com a literatura atual nas áreas de Motricidade Orofacial e Neonatologia.

A intervenção com vistas à remoção de hábitos orais de sucção seguiu o Método de Esclarecimento, proposto por Degan *et al* (2001). Caso a criança necessitasse de terapia miofuncional orofacial, era encaminhada ao Setor de Motricidade Orofacial da clínica-escola de Fonoaudiologia da UFSM ou para outro projeto de extensão, com essa finalidade. A atuação na área de dificuldades alimentares, seguiram os princípios da abordagem integrativa (Junqueira, 2017).

O diagnóstico de disfagia infantil era realizado por meio de avaliação ambulatorial, utilizando-se o Protocolo para Avaliação Clínica da Disfagia Pediátrica - PAD-PED (Flabiano-Almeida, Bühler e Limongi, 2014).

Em caso de realização do exame de videofluoroscopia da deglutição, este é realizado no Serviço de Radiologia do Hospital Universitário de Santa Maria, e para o exame serão preparadas as consistências alimentares necessárias à testagem da deglutição da criança, conforme avaliação clínica prévia. São avaliados aspectos relacionados às fases oral e faríngea da deglutição, que são visíveis no exame, respeitando as peculiaridades de cada consistência avaliada e do utensílio utilizado. A fase esofágica não é realizada em crianças. Em caso de lactentes, a avaliação em mamadeira com as consistências líquida e néctar poderá ser incluída, sendo que aspectos relacionados à sucção poderão ser incluídos. A conclusão do

exame é descrita com base na classificação de Ott *et al* (1996) quanto à normalidade ou grau de disfagia. Também é apresentada a informação quanto à penetração/ aspiração laringotraqueal, conforme a escala de Rosembek *et al* (1996).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período de vigência do ambulatório de alimentação infantil foram realizados 89 atendimentos no total, atendendo 51 crianças. Foram 31 casos de consultoria de aleitamento materno e 10 atendimentos com consultoria de amamentação associados à reavaliação do frênulo lingual. Quanto às dificuldades alimentares foram realizados no total quatro casos, sendo três com acompanhamento; e também, seis casos de risco para disfagia infantil, sendo todos com acompanhamento.

Em relação às consultorias, grande parte das queixas foram em relação à pega incorreta, pouca produção de leite, e posicionamento, tanto da mãe quanto do bebê. Também houveram queixas quanto a fissuras mamilares, que estavam prejudicando a amamentação, sendo que algumas deixaram de amamentar por um período em razão da dor. Quanto ao frênulo lingual, poucas famílias sabiam que poderia interferir durante o aleitamento, por isso foram orientadas quanto às implicações e à intervenção recomendada.

Sobre a alimentação, algumas crianças já haviam iniciado o processo de introdução alimentar, precocemente ou não. As mães também foram orientadas quanto à introdução alimentar de forma adequada e respeitosa ao desenvolvimento das habilidades de alimentação oral e de uma relação prazerosa com a alimentação. As crianças que apresentam diagnóstico ou risco de disfagia infantil foram crianças que apresentavam alguma síndrome, trauma pós-parto ou mal formações.

De modo geral, as condutas e orientações do ambulatório basearam-se em manejo clínico do aleitamento materno, com ajuste de posicionamento do bebê, sustentação da mama e pega adequada; diagnóstico de disfagia infantil, com manejo inicial de ajuste da dieta, utensílios, posicionamento e encaminhamentos para terapia, nos casos em que a intervenção se mostrou necessária. Além disso, em casos que se considerou necessária a intervenção no frênulo lingual foram realizados encaminhamentos para avaliação da equipe de cirurgia bucomaxilofacial do hospital. Sendo assim, cada caso conforme observada necessidade, foram realizados encaminhamentos para outras especialidades ou discussão com a equipe de saúde do ambulatório de pediatria do hospital.

4. CONCLUSÕES

O presente projeto de extensão evidenciou bons resultados em sua prática, sendo um suporte especializado, em caráter preventivo e de diagnóstico e intervenção precoces em alimentação infantil, acessível para todas famílias atendidas pelo Hospital, desde que referenciadas por um profissional de saúde.

O desenvolvimento das atividades pelos estudantes e docente, atingiu um número significativo de atendimentos e acompanhamentos durante o primeiro ano de execução do projeto, repercutindo positivamente no aprendizado dentro do ambiente ambulatorial/ hospitalar. No momento as atividades do projeto de extensão estão paralisadas devido a pandemia por COVID-19, doença causada pelo SARS-CoV-2, mas em breve pretende-se dar continuidade ao projeto,

agregando outros profissionais e estudantes de outras áreas à equipe, como fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais, a fim de otimizar a extensão realizada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, C. M. T.; SILVA, G. A. P.; COUTINHO, S.B. Aleitamento materno e uso de chupeta: repercussões na alimentação e no desenvolvimento do sistema sensorio motor oral. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 25, n. 1, p. 59-65, 2007.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009.
- CAMPOS JÚNIOR, D.; BURNS, D. A. R.; LOPEZ, F. A. **Tratado de Pediatria - Sociedade Brasileira de Pediatria**. 3. ed. Manole: São Paulo, 2014.
- DEGAN, V. V.; BONI, R. C.; ALMEIDA, R. C. Idade adequada para remoção de chupeta e/ou mamadeira, na faixa etária de 4 a 6 anos. **J Orthop-Orthod Pediatr Dent**. v. 3, p.5-16, 2001.
- LEVY, D.S.; ALMEIDA, S.T. **Disfagia Infantil**. 1ª ed. Thieme Revinter, 2018.
- NEIVA, F.C.B; CATTONI, D.M.; RAMOS, J.L.A.; ISSLER H. Desmame precoce: implicações para o desenvolvimento motor-oral. **J Pediatr**. v. 79, n.1, p.7-12, 2003.
- OTT, D. J.; HODGE, R. G.; PIKNA, L. A. et al. Modified barium swallow: clinical and radiographic correlation and relation to feeding recommendations. **Dysphagia**. 1996; 11: 187-90
- REA, M. F. O pediatra e a amamentação exclusiva. **J Pediatr**. (Rio J.), Porto Alegre, v. 79, n. 6, 2003.
- ROSENBEK, J.C.; ROBBINS, J. A., ROECKER, E.B.; COYLE, J.L.; WOOD, J. L. A penetration aspiration scale. **Dysphagia** 1996; 11:93-8.
- SANCHES, M. T. C. Manejo clínico das disfunções orais na amamentação. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n.5 (supl), p.155-161, 2004.
- SEGALA,E.E. Efeito de uma intervenção multiprofissional na prevalência do aleitamento materno exclusivo em um Hospital Universitário. 80f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- TANIGUTE, C.C. Desenvolvimento das Funções Estomatognáticas. In: MARCHESAN, I.Q. **Fundamentos em Fonoaudiologia – Aspectos Clínicos da Motricidade Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005. p. 2-9. UFSM, Resolução N. 25, de 10.11.2008.
- VALÉRIO, K. D. ; ARAUJO, C. M. T.; COUTINHO, S.B. Influência da disfunção oral do neonato a termo sobre o início da lactação. **Rev.CEFAC**. v.12, n. 3, p.441-53, 20

SAÚDE MENTAL NA ESCOLA: RESULTADOS PRELIMINARES DE UMA AÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

ALESSANDRA PEREIRA DE SOUZA¹; CAIQUE SOVERAL FULCO DE SANTANA²;
CÍNTIA RODRIGUEZ BARROS²; LUÍS HENRIQUE OLIVEIRA DE MOURA²;
TATIANE DA SILVA ARAÚJO BRAGA²; DINARTE ALEXANDRE PRIETTO
BALLESTER³.

¹Universidade Federal de Pelotas – alessandra-souza20@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – caiquesoveral@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bcintia.rodriguez@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tatianenukini@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luis10.henrique@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ballester.dinarte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escola é o local em que as pessoas vivem uma importante parte de suas vidas no convívio com outros alunos e professores. Diante desse cenário, torna-se imprescindível a abordagem de assuntos que não são contemplados na grade curricular comum da educação básica. Entre eles, deve-se incluir a promoção de saúde mental, uma vez que a escola é considerada um espaço estratégico e privilegiado para a implementação de políticas de saúde pública.

Uma pesquisa envolvendo alunos de 7 e 8 anos de idade, realizada em Pelotas no Rio Grande do Sul, verificou a presença de problemas emocionais e comportamentais em 20 escolas, e teve como resultado que a prevalência desses fatores em escolares era de 30,0% entre meninos e 28,2% entre as meninas (BACK et al., 2019). Ademais, estudos demonstram o impacto que os jovens afetados por doenças mentais sofrem na escola, já que apresentam pior aprendizado, maiores taxas de evasão e maior envolvimento com problemas legais (BIEDERMAN et al., 2008; KUTCHER et al., 2009).

Partindo desse panorama e da necessidade de ações que visem proporcionar saúde mental às crianças e adolescentes, o projeto Saúde Mental na Escola iniciou-se em 2019, tendo como base principal um modelo que foi desenvolvido no Canadá através do professor Stan Kutcher e colaboradores (TEEN MENTAL HEALTH, 2020). O objetivo do projeto é desenvolver e avaliar uma estratégia e a capacitação sobre saúde mental na infância e adolescência para educadores e para alunos, com o intuito de quebrar estigmas e contribuir de forma significativa para a promoção de saúde mental. O programa visa construir junto com a comunidade escolar um acervo de materiais e métodos que possam ser disseminados para outras escolas. Além disso, busca verificar a construção de conhecimentos e a mudança de atitudes dos participantes em relação à saúde mental e, principalmente, corroborar para prevenção desses transtornos (RICKWOOD; THOMAS, 2012).

2. METODOLOGIA

O projeto possui uma abordagem qualitativa, utilizando o método etnográfico, através da pesquisa ação com observação participante e o registro de diários de campo.

O ambiente escolhido para ser trabalhado foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Círculo Operário Pelotense, vinculada à Secretaria Municipal de Educação, na cidade de Pelotas-RS. Neste local, os alunos que participarão das atividades serão das turmas do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental, com idade aproximada de 11 a 16 anos de idade.

O projeto prevê duas fases principais: a primeira delas, já parcialmente realizada, contemplou um curso de capacitação em saúde mental para professores do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental; a segunda fase, que tinha previsão de início para este ano de 2020, mas está sendo postergada em função da pandemia de COVID-19, trata-se da participação ativa de alunos em ações educativas que serão desenvolvidas pela equipe do projeto.

Nesse sentido, a equipe realizava encontros presenciais quinzenais com início em junho de 2019 na Faculdade de Medicina (UFPEL) para a discussão de conteúdos e metodologias, com atividades de *role playing*. Entretanto, no período de pandemia do COVID-19, o projeto de extensão foi diretamente afetado sendo necessário adaptar o projeto frente às incertezas da definição de datas para o retorno das atividades. Diante disso, a equipe do projeto deu continuidade ao programa, realizando reuniões semanais de forma remota.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fase 1 do projeto, ou seja, o curso de atualização em saúde mental para os professores da Escola Círculo Operário Pelotense, estava programado inicialmente para 7 encontros, porém, em função de mudanças no calendário da Escola, foi possível realizar cinco deles. Ao final, os professores sugeriram acrescentar mais um tema, sobre a saúde mental na comunidade escolar, relacionado às condições de trabalho dos próprios docentes. Portanto, restaram três encontros a serem realizados, que ainda estão suspensos em função da pandemia.

Os temas abordados foram: “Estigma dos transtornos mentais”; “Conhecendo a mente e o cérebro”; “Reconhecendo os sinais de transtornos mentais na infância e adolescência”; “Cuidando dos transtornos mentais na infância e adolescência”; “Outros problemas relacionados à saúde mental”. Alguns encontros a serem realizados tratarão dos seguintes temas: “Como cuidar da saúde mental”; “Procurando ajuda e encontrando apoio”; “Saúde mental na comunidade escolar”.

Os encontros tiveram duração de 1 hora e 30 minutos, com a participação de 10 a 15 professores de várias disciplinas do Ensino Fundamental, e a orientadora educacional da Escola. Embora não tenha sido previsto no projeto, alguns professores da Educação Infantil também quiseram participar e foram agregados ao curso.

Ao final de cada módulo, foi realizada uma avaliação da atividade, através da aplicação de um questionário sobre (1) a relevância do tema discutido, (2) a adequação do método pedagógico utilizado, (3) o interesse em participar dessa atividade para os seus alunos, (4) como pensaria em adaptar a temática à realidade dos alunos ou propor novos temas, (5) quais métodos pedagógicos consideraria aplicar para essas atividades. Além disso, ao final do encontro, os professores eram convidados a expressarem suas opiniões sobre a atividade realizada. Os professores recebiam a ficha de avaliação para ser preenchida em outro momento e entregue à coordenadora pedagógica.

Ao todo, 10 professores responderam aos questionários, considerando que os temas foram muito relevantes ou indispensáveis, que o método utilizado nos

encontros foi muito apropriado ou excelente, e com exceção de uma professora, todos os demais manifestaram interesse em participar da adaptação das atividades do curso para os seus alunos. Como sugestões, os professores apontaram a contação ou leitura de histórias, comunicar-se com as famílias, utilizar jogos e brincadeiras, explorando a fala, estimular rodas de conversa para a expressão dos sentimentos, assim como através de debates, reportagens e filmes, enquanto alguns disseram estar pensando a respeito do que fazer. Um tema que inicialmente não estava no programa, e foi incluído por sugestão dos professores, foi o do módulo VIII, que trata da saúde mental dos próprios educadores.

Os diários de campo, realizados em cada atividade na Escola e em cada encontro da equipe do projeto, registram a nossa trajetória. As observações impressões e sentimentos revelaram, ao longo do tempo, através de diferentes pontos de vista, o impacto que este projeto causou, tanto nos membros da equipe quanto na comunidade escolar. Nos primeiros encontros realizados, percebeu-se certa insegurança sobre como a equipe cumpriria todos os objetivos propostos. Entretanto, eram notáveis, o entusiasmo e a esperança por bons resultados na execução do projeto. Com o decorrer das reuniões, cresceu a organização do grupo e houve uma transformação positiva na relação entre os integrantes.

A cada visita na escola, os professores se sentiram mais à vontade para debater sobre os temas, expondo seus pontos de vista e esclarecendo suas dúvidas. A proposta de uma ação onde eles seriam participantes ativos, e não apenas sujeitos de um projeto acadêmico, foi aos pouco tomando forma e ganhando a confiança da comunidade escolar.

Devido à pandemia, após um período de paralisação, o grupo resolveu voltar com as reuniões de maneira virtual para dar continuidade às ações previstas no Plano de Atividades. O início do retorno caracterizou-se pelo estudo do projeto italiano “Ateliê” (GANDINI, 2019), que serviu de inspiração para elaboração das futuras atividades com os alunos da Escola. A seguir, realizou-se a leitura dos livros “Crianças produtoras de Texto” dos autores LUCY CALKINS, AMANDA HARTMAN e ZOE WHITE (2008) e “A Pedagogia da Autonomia” de PAULO FREIRE (2002). A partir dessas leituras, efetuou-se uma reflexão sobre o conteúdo pedagógico estudado, com o propósito de que as próximas atividades desenvolvidas para abordagem direta com os alunos da Escola, pudessem estar alinhadas com a proposta dos livros. Sugeriu-se a atividade chamada “Ciranda da Reflexão” que consiste em guiar os alunos da escola em uma reflexão acerca de emoções felizes e tristes em suas vidas, a fim de provocar sentimentos e estabelecer uma rede de apoio a eles. Outrossim, as professoras da Escola informaram que não teriam como continuar o projeto por conta da falta de contato com os alunos, inviabilizando uma atividade online com os alunos. Ficando assim decidido que as atividades do projeto na Escola só vão acontecer em 2021, de maneira presencial.

4. CONCLUSÕES

Neste momento, em que foi preciso mudar radicalmente o modo de nos encontrarmos, tornando possível nos reconectarmos para dar continuidade ao projeto, a interrupção da ação deu lugar à reflexão, buscando novos referenciais pedagógicos e de comunicação, voltados especialmente às crianças e adolescentes que estudam na Escola Círculo Operário Pelotense.

Esse tempo tem sido útil para a preparação de materiais, que pretendemos propor à coordenação pedagógica e professores da Escola, interagindo com sua

experiência docente. Se esses tempos são de incertezas, deixando em suspense as atividades que gostaríamos de estar realizando em campo, estamos certos de que essa pausa para reflexão e avaliação das nossas atividades servirá para redirecionar nosso caminho em busca do objetivo de promover a saúde mental das crianças e adolescentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACH, S. L. et al. Emotional and behavioral problems: a school-based study in southern Brazil. **Trends Psychiatry Psychother**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 211-217, 2019.

Biederman J, et al. Educational and occupational underattainment in adults with attention deficit/hyperactivity disorder: a controlled study. **J Clin. Psychiatry**, v. 69, n. 8, p. 1217-1222, 2008.

CALKINS, L.; HARTMAN, A.; WHITE, Z. **Crianças produtoras de texto: A arte de interagir em sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 240 p.

FREIRE, P.R.N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165 p. (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

GANDINI et al. **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. 2. ed. Brasil: Penso, 2019. p 1-224.

Kutcher S, McDougall A. Problems with access to adolescent mental health care can lead to dealings with the criminal justice system. **Paediatr Child Health**; v. 14: p. 15-18. , 2009.

RICKWOOD, D., THOMAS, K. Conceptual measurement framework for help-seeking for mental health problems. **Psychology Research and Behavior Management**, Australia, v. 2012, n. 5, p. 173-183, 2012.

Teen Mental Health, Canadá. Acessado em 02 set. 2020. Online.
Disponível em <http://teenmentalhealth.org/> ; acessado em 02/09/2020.

Formação de Juventudes no Semiárido Mineiro: metodologias participativas e desenvolvimento regional

MARIA SEBASTIANA CARMINDO DA SILVA¹; ADRIANO REIS CARDOSO MOREIRA²; ALINE WEBER SULZBACHER³, IVANA CRISTINA LOVO⁴, NATÁLIA FARIA DE MOURA⁵

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – mariacarmindo17@gmail.com

²Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – reis.adriano.93@gmail.com

³Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – aline.weber@ufvjm.edu.br

⁴Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – iclovo@gmail.com

⁵Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro (UFVJM) – nataliafariamoura@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo apresentar o processo de formação de juventudes a partir de metodologias participativas com foco no desenvolvimento regional, com foco em perfil das juventudes envolvidas. Esta discussão tem por base as atividades vinculadas à execução do projeto de extensão "Formação de Juventudes no Semiárido Mineiro: metodologias participativas para projetos de pesquisa e desenvolvimento tecnológico (P&D)", executado no período de janeiro a dezembro de 2019, vinculado ao grupo interdisciplinar de pesquisa, ensino e extensão Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro, na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) com sede em Diamantina, Minas Gerais.

O projeto de extensão inseriu-se no âmbito de uma articulação interinstitucional, em andamento, e que toma por princípio a importância das atividades de extensão para a inserção da UFVJM na sua região de atuação e, em especial nas comunidades, para a problematização e construção de conhecimentos, sobretudo colocando em diálogo os conhecimentos científicos e populares.

Nesse sentido, ao construir relações interinstitucionais, a Universidade se aproxima das demandas da classe trabalhadora e ou dos grupos sociais excluídos e ou atingidos pelos grandes projetos de desenvolvimento, conforme ocorre no vale do rio Jequitinhonha e no vale do rio Pardo, ambos inseridos no semiárido mineiro. Em contextos de desigualdades regionais, de expropriação dos territórios, de conflitos socioambientais, a atuação em processos formativos com juventudes pode contribuir substancialmente para a compreensão da realidade e para identificação de possibilidades e perspectivas para projetos de desenvolvimento regional que atendam aos interesses da população – em grande parte passível de auto reconhecimento como comunidades tradicionais, dada sua trajetória de ocupação e uso dos territórios.

A partir da contribuição na formação de juventudes de 21 municípios que fazem parte do vale do rio Jequitinhonha e do vale do rio Pardo, o projeto demonstrou que há grande potencial para identificação de demandas que incitem outras atividades de pesquisa, ensino e extensão, sob os marcos da interdisciplinaridade. Visto que a formação perpassa conteúdos sobre a análise da formação socioeconômica da região, a identificação da dinâmica econômica regional, a leitura e análise da realidade a partir de ferramentas participativas como o mapa falado e o diagrama de fluxos e a construção de perspectivas a partir do capital social e das potencialidades geográficas que podem ser mobilizadas para projetos que contribuam na superação de dificuldades ou problemas vivenciados pelas comunidades.

Assim, o processo formativo, apoiado pelo projeto de extensão, tomou por base os princípios e fundamentos da educação popular, especificamente no referencial de Paulo Freire, pois é “um método da cultura popular: conscientiza e politiza” (FIORI, 2014, p. 29) e se pauta pela defesa da educação libertadora (FREIRE, 2014). Dessa forma, a estratégia de formação foi baseada na pedagogia da autonomia, considerando a educação como prática de liberdade, como nos aponta Freire (1983), incluindo a pedagogia da alternância (RIBEIRO, 2008) como estratégia de interlocução entre os tempos e espaços formativos, em que serão integrados momentos presenciais de formação, que corresponderá ao tempo escola, e momentos de atividades nas comunidades e municípios, que corresponderão aos tempos comunidade, em um processo dialógico de construção de conhecimentos nos âmbitos locais, microrregionais e regionais.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão se articulou a um processo formativo mais amplo, com duração de dois anos (2019 a 2020), amparado pelo Acordo Cooperação Técnica nº 003/2018 celebrado entre a UFVJM e a AEDAS, atuando na formação de juventudes vinculada ao projeto de desenvolvimento tecnológico “Veredas Sol e Lares - Uma alternativa para o múltiplo aproveitamento energético em reservatórios de usina hidrelétricas na região do Semiárido Mineiro”, coordenado pela AEDAS e com participação do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e do Observatório dos Vales e do Semiárido Mineiro. O projeto conta com financiamento da Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG).

Foi desenvolvido no projeto Veredas, durante o ano de 2019 e o primeiro semestre de 2020, pesquisas sociais usando metodologias participativas como o Diagrama de Fluxo, o Mapa falado, o Diagrama de Venn (FARIA; NETO, 2005), a Pesquisa Dirigida, o Questionário das Unidades Consumidoras como estratégias para produção de dados que subsidiassem a escrita do Diagnóstico Social do Semiárido Mineiro referente aos 21 municípios de atuação do Veredas Sol e Lares. O envolvimento das juventudes de comunidades rurais e urbanas neste processo tem contribuído para a sistematização e indicação de metodologias participativas que possibilitam a discussão sobre participação social na gestão da energia solar e sobre seu uso para projetos de desenvolvimento regional, a partir das demandas das comunidades.

Neste processo, se envolveram várias instituições, mencionamos algumas: as Escolas Famílias Agrícolas (EFA) e o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - Campus de Almenara, de Araçuaí e de Salinas, além de algumas escolas da rede pública estadual e os cursos de ensino superior que adotam a pedagogia da alternância na UFVJM, contam como instituições parceiras no acompanhamento desses jovens, uma vez que esses vínculos escolares garantem as condições necessárias para a realização das atividades do projeto nas comunidades durante o tempo comunidade da formação.

Destaca-se que âmbito deste projeto foi realizada uma pesquisa qualitativa utilizando um instrumento com 24 perguntas dissertativas, divididas em sete eixos com o objetivo de traçar o perfil dos jovens atuantes no Projeto Veredas como Pesquisadores Populares, aplicado no III Módulo de Formação (29 out. a 02 nov. 2019). Os jovens foram convidados a responder, com livre adesão e tempo livre para preenchimento – todos jovens participaram e levaram, em média, cerca de 50 minutos para a escrita das respostas. As perguntas envolviam: eixo 1 relacionadas a identificação das juventudes pesquisadas; eixo 2 sobre sua origem, identificação étnico-racial e projetos de vida; eixo 3 sobre preferências de leitura, percepção

sobre felicidade e sucesso; eixo 4 sobre qualidades, defeitos, quais eram suas atividades diárias e se participavam de algum grupo social; eixo 5 sobre os problemas que identificam na sua comunidade, o que eles mudariam nelas e porquê; eixo 6 sobre sua comunidade, tecnologia, existência de tecnologia na comunidade; eixo 7 sobre o projeto Veredas, inserção, mudanças observadas, metodologias participativas. As respostas foram transcritas, para documento digital e analisadas.

No âmbito deste trabalho trataremos apenas dos resultados do eixo 2, com foco em três perguntas: (1) quais são seus sonhos? Como deseja que esse sonho seja alcançado? (2) Quais são, ou qual é seu projeto de vida? O que você tem feito para realizar esse projeto? (3) Qual era sua profissão dos sonhos na infância? Essa perspectiva mudou? - e do eixo 6, com as perguntas: (1) o que é tecnologia para você? (2) Há tecnologias na sua comunidade? Quais?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as atividades desenvolvidas destacam-se os Módulos de Formação dos Pesquisadores Populares II e III voltados para os pesquisadores envolvidos na execução da pesquisa social, entre eles: pesquisadores populares da região, estudantes de iniciação científica e de mestrado da UFVJM e coordenação da pesquisa social. O II Módulo de Formação contou com a participação de 80 pessoas, realizada em junho de 2019, no município de Araçuaí-MG, com objetivos: qualificar os pesquisadores populares na escrita e produção dos relatórios, na sistematização dos processos de pesquisa, na atenção na coleta de dados, na coordenação e condução de reuniões nas comunidades do público beneficiário; superar dificuldades com as ferramentas da pesquisa como Mapa Falado, Diagrama de Fluxo; promover a inclusão digital dos pesquisadores populares de forma a possibilitar o uso de ferramentas virtuais de registro e monitoramento da participação e da pesquisa social; esclarecer os papéis dos pesquisadores populares, a compreensão das entidades parceiras do projeto e o reconhecimento do próprio projeto Veredas.

Já no III Módulo de Formação participaram 86 pessoas, realizado em outubro/novembro 2019, em Salinas-MG, teve como objetivos: aprofundar a discussão teórica e prática acerca do tema da energia, a partir dos Vales do Jequitinhonha e Rio Pardo, fazendo enlaces com a conjuntura energética brasileira dos anos 1990 até os dias atuais; refletir sobre a importância do desenvolvimento das ações de coleta de dados e validação das informações fornecidas pelas comunidades que integram o projeto; realizar o planejamento do III Tempo Comunidade de modo a ir avançando na produção de dados, a partir da técnica do Diagrama de Venn e do Questionário sobre energia. Nesta atividade de formação é que foi realizada pesquisa para traçar o perfil dos jovens atuantes no Projeto Veredas como pesquisadores populares.

A partir das respostas desta pesquisa observou-se que a maioria dos jovens relacionam seus sonhos com os movimentos e as lutas por direitos e acesso à educação. Quando indagados se a profissão dos sonhos na infância tinha mudado 65% disseram que sim e relatam que essa mudança tem relação com o ingresso nas EFA's e IFNMG's, pois nestas instituições puderam experimentar outras perspectivas e compartilhar com outras pessoas seus anseios. A partir do envolvimento com estas instituições disseram que acreditam no poder transformador da educação. Observou-se também que seus sonhos estão vinculados aos seus projetos de atuação profissional, ressaltando a diversidade de áreas do conhecimento na qual estes sonhos são compostos: ciências agrárias, sociais e da saúde.

Quando indagados sobre tecnologias na sua comunidade, 84% afirmaram que possuem tecnologias e muitos destacaram os celulares, computadores, internet, rádio e televisão, caixas de captação de água da chuva, painéis solares, energia elétrica. Apontaram também ferramentas da atividade agrícola como trator, máquinas para produção de alimentos para animais, tanques de refrigeração, reforçando a forte relação dos jovens com as atividades do campo. Apesar de muitos conseguirem pontuar as tecnologias presentes na sua comunidade, com uma certa facilidade, alguns entrevistados afirmavam que existia tecnologia, mas houve dificuldade de citá-las. Poucos citaram as tecnologias sociais, como farinha, inseticidas naturais etc.

Por fim, é importante realçar que desde o início do Projeto Veredas observou-se uma crescente adesão por parte das comunidades, alcançando em final de 2019, 90 comunidades nos 21 municípios envolvidos. Participaram mais de 3000 pessoas nas atividades, com destaque para a participação das mulheres, sendo estas 57% do público total abrangido.

A maioria dos jovens não conhecia as metodologias participativas, tendo o primeiro contato através do projeto Veredas, relatam que “além da valorização da comunidade, do território e renda, tiveram voz para falar da sua realidade...”. Os jovens apontam que venceram a timidez sendo a metodologia do Diagrama de Fluxo a que mais lhes chamaram a atenção: “por conhecer sobre a realidade das comunidades sobre a produção para onde vai e principalmente, sobre que muitas das produções vão para outros estados e municípios e até mesmo a questão que muitas famílias não sabia que seus vizinhos tinha um produto que ele precisava buscar na cidade”. “Gostei bastante, valeu muito a pena, o início foi difícil, depois foi ficando fácil e agradável”. São depoimentos de muitos jovens que consideram as metodologias um modo descontraído e dinâmico de se aprender e compartilhar conhecimento.

4. CONCLUSÕES

A formação voltada para capacitar jovens pesquisadores para a construção de um diagnóstico social pautado na participação popular para subsidiar a construção de um plano de desenvolvimento regional que parte da realidade do semiárido mostra que envolver a população no processo é importante. Os jovens avaliam que houve muitas mudanças na realidade das comunidades depois do Projeto Veredas, o de reconhecer o direito ao acesso a benefícios que antes não conheciam, empoderamento, organização para dialogar sobre seus problemas e principalmente de conhecer mais sobre a própria comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIA, A.; NETO, P. **Ferramentas do diálogo: qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnóstico rural participativo**. Brasília: MMA; IEB, 2006.
- FIORI, Ernani. Prefácio: aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 11-30.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da Alternância na Educação Rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.34, n.1, p.27-45, jan./abr. 2008.

HISALES ON-LINE: TECENDO SABERES EM REDE

GICELE DUTRA DE FREITAS¹; VANIA GRIM THIES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – giceledutrdefreitas@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – vaniagram@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste resumo é apresentar o trabalho desenvolvido no projeto de Banco de dados e acervos de alfabetização, no qual atuo como bolsista de extensão. O projeto é desenvolvido no centro de memória e pesquisa Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - (FaE/UFPEL). O Hisales¹ é um arquivo especializado que reúne vários acervos com as temáticas de alfabetização, leitura, escrita e livros escolares. O Hisales foi criado em 2006 e, desde então, elabora projetos e ações de ensino, pesquisa e de extensão com a realização de reuniões semanais presenciais com todos os integrantes.

Com a suspensão das atividades presenciais em março de 2020, o Hisales permaneceu realizando suas atividades de maneira remota, utilizando para isso os recursos da internet, como uma alternativa para dar sequência ao trabalho do referido centro.

De acordo com HODGES (2020):

Em contraste com as experiências planejadas desde o início e projetadas para serem on-line, o ensino remoto a distância emergencial (ERE) é uma mudança temporária da entrega de instruções para um modo de entrega alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído (HODGES et al, 2020, p. 05).

Para o ensino remoto emergencial está sendo fundamental o uso das mídias sociais que possibilitaram a informação e comunicação, para implementação da interação virtual coletiva e consolidação do trabalho realizado. Os projetos em desenvolvimento no Hisales também passaram por alterações e, outros foram criados para que pudéssemos seguir divulgando e interagindo com a comunidade acadêmica e como público em geral. Neste caso, as mídias sociais foram muito exploradas e utilizadas para o desenvolvimento dos projetos.

Nesse sentido, BARBOSA afirma:

As mídias sociais oferecem oportunidades significativas para as instituições museológicas se relacionarem com públicos diversos e

¹ O Hisales - História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - é um centro de memória e pesquisa, constituído como órgão complementar da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisa. Mais informações: site (<http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>), redes sociais (Facebook: Hisales / Instagram: @hisales.ufpel) e e-mail (grupohisales@gmail.com).

heterogêneos, iniciando diálogos personalizados com o seu público com o objetivo de aumentar o envolvimento com o museu promovendo a participação e fornecendo informação mais direcionada para o seu público (BARBOSA, 2014, p.11).

Pensando em ampliar os estudos a partir dessa forma metodológica de realizar as reuniões semanais, foi criado um projeto de extensão para complementar os demais e para seguir realizando as atividades. Intitulado “Hisales on-line: tecendo saberes em rede” o projeto foi uma das alternativas desenvolvidas durante a pandemia do Covid-19. O projeto caracteriza-se por falas temáticas com a participação de convidados que, em suas pesquisas e demais projetos realizados, se aproximam com as temáticas discutidas no Hisales (alfabetização, leitura, escrita, livros escolares). Os encontros acontecem quinzenalmente, nas segundas-feiras às 10 horas, com transmissão pelo sistema de Web Conferência da universidade.

2. METODOLOGIA

O projeto vem sendo realizado desde 08 de junho do corrente ano e está em desenvolvimento, com a previsão de término em dezembro de 2020. O trabalho que desenvolvo como bolsista de extensão é o de divulgação e acompanhamento da atividade. Para realizar a divulgação, utilizo as mídias sociais para fazer os convites de cada sessão, convidando colegas, graduandos e docentes através de postagens e compartilhamentos realizados pelas redes sociais do Hisales, tais como: facebook, whatsapp e instagram².

Também é minha responsabilidade, no dia de cada sessão, acompanhar e estar atenta aos questionamentos e comentários no chat da Web Conferência. Posteriormente a cada sessão, organizo as tabelas de presença com o nome dos participantes, sempre atualizando os dados a cada novo encontro. Dessa forma, trabalho com duas tabelas virtuais para a realização desse controle. Na primeira, organizei os nomes em ordem alfabética e atualizei os dados da primeira sessão, que começou no dia 08/06/20 e operei com as informações até a sétima sessão que foi 31/08/20.

Na segunda tabela, transferei os dados dos participantes um a um que também foram organizadas por ordem alfabética. Após concluir o preenchimento e conforme foram acontecendo às sessões, fui colocando as presenças para os que estavam participando e adicionando novos quando necessário. Por orientação das coordenadoras do centro foi decidido pela colocação de mais uma coluna na tabela a fim de totalizar a quantidade de horas de participação para constar na certificação.

Após a organização desses dados, os arquivos servirão para o acompanhamento interno das atividades do centro, subsidiando a reedição do projeto ou a criação de outros. Além disso, é um importante registro, tanto para controle de participação, como também para verificar a instituição de origem de cada participante, temáticas de interesse entre outros aspectos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Facebook - <http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>
Instagram - wp.ufpel.edu.br/hisales/

Os resultados obtidos foram organizados pelos dados analisados através dos elementos que compõem a tabela que segue no texto (tabela 01). No decorrer das sessões o número de participantes apresentou variações, sendo possível observar que nos últimos encontros a participação aumentou. É importante resaltar que as temáticas que se referem à leitura e livros tiveram maior destaque. Durante as sessões observei que os participantes interagem bastante no chat com observações referentes à exposição do palestrante. Esse aspecto revela o envolvimento dos ouvintes com as temáticas apresentadas, levando a inferir que as sessões têm resultados positivos na formação dos participantes. No entanto, nas publicações das divulgações das sessões nas redes sociais, em outros projetos desenvolvidos pelo centro são poucas as pessoas que curtem e compartilham os convites para as atividades.

Na tabela 01 estão registradas todas as sessões realizadas até o mês de agosto de 2020, com o nome dos convidados, título e número de participantes.

Tabela 01 - Controle das sessões, convidados, temas e quantidade de participantes

Sessões	Data	Convidada (o)	Tema da sessão	Participantes por sessão
Sessão 1	08/06/20	Gabriela M. Nogueira	Cores, sabores e saberes: relato de pós-doutorado na nova Zelândia.	17
Sessão 2	22/06/20	Jaqueline T. Koschier	O que estou lendo? Literatura em tempos de pandemia.	33
Sessão 3	06/07/20	Paulo A. F. da Rosa Jr.	Literatura fantástica e jovens leitores; questões para a educação.	48
Sessão 4	20/07/20	Antônio Maurício M. Alves	Livro didático: limites e potencialidades como objetivo de investigação na história da educação.	37
Sessão 5	03/08/20	Eliane Peres	Como Catharinas e Joanas aprendem a ler?	35
Sessão 6	17/08/20	Renata Braz Gonçalves	Leitura na cidade de Pelotas/RS no final do século XIX: periódicos como objeto e fonte de pesquisa.	37
Sessão 7	31/08/20	Roselusia T. de m. Oliveira	Oficinas literárias: práticas de leituras e experimentações.	47
Total de participantes nas 7 sessões				254

Por meio desse projeto, o Hisales quebra fronteiras e compartilha suas ações de ensino, pesquisa e extensão sem sair do lugar, ou seja, foi uma forma de seguir realizando o trabalho durante o período de pandemia.

Na sessão do projeto realizada em agosto, aconteceu o lançamento do e-book “Minha casa é maior do que o mundo: memórias, sentimentos e aprendizagens”³ organizadas pelas professoras Roselusia Teresa de Moraes Oliveira, Lisiane Sias Manke e Vania Grim Thies. O livro é uma produção interinstitucional dos grupos de pesquisa Heduca (UFPEL), Hisales (UFPEL) e Relicário (UFS). Trata-se de um material poético pedagógico para as práticas de ensino e de aprendizagem no Ensino Fundamental da Educação Básica e foi

³ <http://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2020/08/ebookcasa.pdf>

elaborado durante o contexto histórico da pandemia do Covi-19 como uma forma de auxiliar as professoras e as famílias das crianças.

Figura 01 – Capa do e-book



No momento, o projeto “Hisales on-line: tecendo saberes em rede” encontra-se em processo de desenvolvimento e continuidade das sessões, bem como o trabalho que descrevi e venho desenvolvendo com o preenchimento das tabelas de dados dos participantes e com as divulgações.

4. CONCLUSÕES

A partir da minha inserção e participação no projeto “Hisales on-line: tecendo saberes em rede” destaco algumas aprendizagens, tais como: a elaboração de tabelas para organização dos dados referentes às participações das sessões, a forma de divulgação virtual do evento, a observação atenta no chat de discussão nos dias de realização e a organização das informações referentes à certificação ao final do projeto.

Participar das sessões é de extrema importância, pois permite termos uma ideia do trabalho de leitura e escrita dos docentes já formados, esse material é uma parte muito importante que ficará guardado em nossos registros. A fascinação provocada ao ouvinte a partir dos relatos de conclusão de atividades é algo muito gratificante. Esse estudo on-line é o que tem possibilitado o desenvolvimento de atividades no momento atual na área das licenciaturas bem como em outras áreas. A grande contribuição do Hisales on-line é permitir, aos participantes ouvintes das sessões, o contato com as pesquisas e demais projetos para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Andrea Lombardi. Museu 2.0: **Como a tecnologia pode influenciar o público nos museus de arte da cidade de São Paulo**. Dissertação de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura. CELACC / ECA / USP. 2014.

HODGES, Charles et al. **The difference between emergency remote teaching and online learning**. EDUCAUSE Review. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>, 2020. Acesso em: 14 jun. 2020.

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CAPACITAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO PARA PRECEPTORES DO CURSO DE ENFERMAGEM: UMA EXTENSÃO PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO MATO GROSSO

ETIENNY DE BRITO DIAS FERNANDES¹; GUILHERME NASCIMENTO BEZERRA²; CAMILA FORTES DOSSI²; RAFAELA DE ALENCAR SALES²; RODRIGO LUIZ MACIEL²; FABIANA APARECIDA DA SILVA³

¹Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT – etienny.brito@unemat.br

²Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT – guinabez@gmail.com

³Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT – fabiana@unemat.br

1. INTRODUÇÃO

Os cursos da área da Saúde da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) – Enfermagem e Medicina – tem suas práticas de estágio supervisionado organizadas no modelo de Preceptoría, institucionalizados por meio de Resoluções próprias no que tange a organização pedagógica e a modalidade de Bolsas Preceptoría. A Bolsa de Preceptoría Médica tem como base legal a RESOLUÇÃO Nº 012/2016 e a Bolsa de Preceptoría de Enfermagem tem como base legal a RESOLUÇÃO Nº 041/2017.

Como parte do Programa Processos Educacionais na Saúde (PROPES), é desenvolvida uma ação de extensão contínua que atende docentes e preceptores, no que tange à oferta de palestras, cursos e oficinas de formação, contemplando a inserção de preceptores, prática pedagógica comum no curso de Medicina, também no curso de Enfermagem da UNEMAT. É, dessa forma, de suma importância a consolidação de um programa de preceptoría no qual o vínculo entre preceptor-instituição e preceptor-aluno-docente são fortalecidos, é fundamental que a instituição ofereça essas formações de modo contínuo, visando um trabalho colaborativo e integrado entre preceptor e discente. Para tanto, a equipe de colaboradores desta ação de extensão promove oficinas de capacitação em Metodologias Ativas de ensino, além da formação em ferramentas inovadoras de gerência em equipes e autogestão emocional.

Considera-se, como fator primordial, a humanização desses futuros profissionais na prática da enfermagem, é preciso fomentar sua qualificação, valorizar sua individualidade, minimizar as falhas de suas formações para melhoria posterior da assistência à saúde. Oportunizar situações em que alunos/docentes reflitam e reconstruam suas práticas pedagógicas aprimora a experiência do ensino superior (PRADO et al, 2012; SOUZA et al, 2018).

É notável a vertente inovadora de desenvolvimento pedagógico dos cursos de graduação na área da saúde. A utilização das metodologias ativas contribui com a formação dos futuros enfermeiros, atendendo à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) e As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) as quais têm preconizado a formação de profissionais humanizados, reflexivos, críticos e éticos. Para a formação de futuros enfermeiros, a aprendizagem dinâmica e ativa promovida por preceptores capacitados possibilita ao estudante integrar complexidades teóricas e práticas, permitindo feedback, avaliação e reflexão. Em tese, professores e preceptores direcionam a busca por conhecimento no cenário das problematizações, nas quais o aluno é protagonista de seu processo de aprender (PRADO et al, 2012; BRITO et al, 2017).

Desde os primórdios da educação histórico-crítica sugere-se a ativação da conscientização do aluno sobre seu papel frente a sua realidade, bem como, a reatividade a ela para transformá-la. As diretrizes curriculares para os cursos de

graduação em Enfermagem determinam que as universidades invistam na inovação e qualidade dos seus projetos políticos-pedagógicos, por meio da articulação entre ensino, pesquisa e assistência. Assim, torna-se um desafio a aproximação da práxis educativa do que se denomina de Metodologias Ativas, pois passa então a ser necessário experiências vividas, as quais possam servir de referência aos docentes para essas estratégias de ensino (SANTOS, 2018).

Nesse viés de reconstrução das práticas de ensino, onde o professor deixa de ocupar um lugar hierárquico de chefia e passa a compor uma equipe, destaca-se a ferramenta de Briggs-Myers (1998). O instrumento o Myers Briggs Type Indicator (MBTI) é utilizado para identificar as preferências de cada pessoa, possibilitando previsões da qualidade de execução de tarefas com base nas formas de consciência. A ferramenta permite traçar de forma mais adequada um perfil para os integrantes dos grupos de trabalho, para que trabalhem com fluidez, minorando os conflitos de grupo ao dar base para construção de um corpo de trabalho mais flexível e espontâneo na execução de suas funções. Líderes que dominam seu perfil, equivalente no instrumento, tendem a gerir de forma criativa e adaptável (COUTO, 2016; ROSA, 2019; PORTO, 2020).

Outra forma de contribuir com a inovação da práxis pedagógica desses preceptores é tornar conhecida a noção corporativa de “feedback”, pois é comprovada sua relação com as dimensões afetivas, cognitivas e motivacionais. No contexto de ensino, o “feedback” promove uma autorregulação do processo de aprendizagem, o que vai ao encontro da proposta de metodologia ativa no que tange a autonomia do aluno (DE AGUIAR, 2019).

Aos preceptores de enfermagem, cabe orientar os acadêmicos em ocasiões para praticarem ações de trabalho constantemente vividas na atenção básica, secundária ou terciária. Como orientadores melhor capacitados, esses profissionais preparam o aluno de maneira mais completa, com enfoque em situações individuais ou coletivas, promovendo ações de prevenção ou práticas curativas as quais são linha de frente no Sistema Único de Saúde (SUS). Levando-se em conta a humanização desses futuros profissionais na prática da enfermagem, é preciso fomentar sua qualificação, valorizar sua individualidade, minimizar as falhas de suas formações para melhoria posterior da assistência à saúde. Oportunizar situações em que alunos/docentes reflitam e reconstruam suas práticas pedagógicas aprimora a experiência do ensino superior (MAGALHÃES et al, 2020).

Portanto, delimita-se como objetivo relatar o desenvolvimento de formações do ciclo de capacitação em métodos ativos para preceptores do curso de graduação em Enfermagem da UNEMAT em diversos campus nos anos de 2019 e 2020 e compartilhar repercussões no processo de ensino-aprendizagem dos preceptores e estudantes, a fim de contribuir com a formação dos profissionais de saúde e fomentar o interesse em ações de melhorias no ensino superior público.

2. METODOLOGIA

Houve a formação em 2019/1 e 2019/2 e 2020/1. Sendo que, em 2019 as capacitações ocorreram nos campus de Tangará da Serra, Cáceres e Diamantino. Em 2020 não houve formação em Tangará, no entanto em 2019/1 foi ministrada uma série de palestras distribuídas em 4 encontros, visando a incorporação de métodos ativos de ensino na prática dos docentes e preceptores. Participaram 15 preceptores e 6 docentes em três encontros. O quarto encontro foi destinado à formação dos estudantes sobre a inserção no cenário de prática. As temáticas abordadas foram: A interprofissionalidade e sua importância no cenário de prática;

Liderança e Relações interpessoais; Feedback como princípio de avaliação processual. Para interprofissionalidade foi ministrada uma fala teórica sobre o histórico do tema no mundo e no Brasil e sua importância para formação permanente dos profissionais de saúde.

Na sequência, os participantes construíram modelos didáticos para esquematizar e discutir a interprofissionalidade utilizando dados do relatório de Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Os grupos/esquipes sempre foram reorganizados para cada atividade. Os grupos elaboraram a confecção de um protótipo de líder, enfatizando com os materiais de papelaria as características de um bom preceptor, um bom aluno e um bom docente. Para tanto, dinâmicas foram aplicadas, os cartões de respostas com reflexões dos professores foram usados como base para montagem da nuvem de palavras-chave para, posteriormente, serem apresentadas aos professores como resultado imediato de suas reflexões.

No quarto encontro, realizado somente com alunos, houve a aplicação do teste de personalidade MBTI (do inglês, Myers-Briggs Type Indicator) disponível na versão gratuita no site <<https://www.16personalities.com/br/teste-de-personalidade>>. Com o resultado em mãos, cada aluno preencheu sua tipologia num quadro da turma, buscando, em grupo, discutir as potencialidades de cada um e suas fragilidades e como o trabalho em grupo pode ser potencializado com foco nas relações interpessoais e na execução de tarefas. Os dados foram apresentados e dialogados com os docentes coordenadores da preceptoria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2019, conforme o andamento das oficinas, foi possível constatar o engajamento dos professores, os quais tinham oportunidade de expor abertamente suas reflexões. Além do mais, a proposta de metodologia ativa permitiu que refletissem concomitantemente às produções propostas, tornando o momento de ministração também de estudo e assimilação. No último encontro, houve a recepção de alunos da graduação em Enfermagem, os quais compartilharam a experiência de estarem sendo acompanhados dentro do cenário de prática profissional, vivenciando a rotina em que almejam trabalhar, com suas demandas de problemas e raciocínios, o que é compatível o com método PBL do inglês Problem Based Learning, que representa a Aprendizagem Baseada em Problemas. Alguns dos professores presentes puderam compartilhar a eficácia ao aplicar de forma mais assertiva o “feedback”. Em 2020 não houve capacitações presenciais nos meses de recesso devido à pandemia de Covid19.

4. CONCLUSÕES

O uso de métodos ativos de ensino durante as capacitações foi fundamental para potencializar o envolvimento dos participantes. Possibilitou aqueles preceptores que tiveram sua formação inicial conduzida essencialmente por métodos unilaterais, conhecerem as potencialidades do uso de métodos ativos. Como o preceptor é o “espelho” do graduando, essa aproximação e planejamento compartilhados fortalecem a interação ensino-serviço-comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, L.S., Ribeiro LS, Ulisses LO, Ortiz MFA, Whitaker COM. Experiência de discentes de enfermagem em metodologias ativas na atividade de ensino docente. **Rev**

baiana enferm. 2017;31(3):e21715. Disponível em:
<<https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/21715/15029>>. Acesso em
03 set. 2020.

COUTO, Gleiber; BARTHOLOMEU, Daniel; MONTIEL, José Maria. Estrutura interna do Myers Briggs Type Indicator (MBTI): evidência de validade. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 15, n. 1, p. 41-48, abr. 2016. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 03 set. 2020.

DE AGUIAR, Andson Braga; OYADOMARI, José Carlos Tiomatsu; ZARO, Cláudio Soerger. Escolhas Intertemporais: O Papel da Frequência de Feedback e Momento de Remuneração. **Rev. bras. gest. neg.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 274-290, June 2019. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-48922019000200274&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 03 Set. 2020. Epub Aug 26, 2019. <http://dx.doi.org/10.7819/rbgn.v21i2.3974>.

MAGALHÃES, M. dos S. C., Sousa, Âdrea C. de, Azevedo, G. M. (2020). Contributions of Nursing Preceptorship in the context of Primary Health Care from the perspective of active methodologies. **Research, Society and Development**, 9(7), e270973681. Disponível em:
<<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3681/3430>>. Acesso: 03 Set. 2020. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3681>.

PORTO, Larissa A. Alexandrino de Azevedo. **Inventário de estilos de temperamento de adultos: evidências de validade**. 2020. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Disponível em:
<<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1331>>

PRADO, Marta Lenise do et al. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 172-177, Mar. 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100023&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Set 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000100023>.

ROSA, Gabriela Ferreira de Camargos et al. O MBTI na Educação Médica: uma Estratégia Potente para Aprimorar o Trabalho em Equipe. **Rev. bras. educ. med.** Brasília, v. 43, n. 4, p. 15-25, Dec. 2019. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022019000400015&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 03 Sept. 2020. Epub Oct 14, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v43n4rb20180265>.

SANTOS, José Luís Guedes dos et al. Estratégias didáticas no processo de ensino-aprendizagem de gestão em enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e1980016, 2018. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072018000200500&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Set. 2020. Epub May 03, 2018. <https://doi.org/10.1590/0104-070720180001980016>.

SOUZA, Elaine Fernanda Dornelas de; SILVA, Amanda Gaspar; SILVA, Ariana Ieda Lima Ferreira da. Active methodologies for graduation in nursing: focus on the health care of older adults. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 71, supl. 2, p. 920-924, 2018. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672018000800920&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Set. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0150>.

REINVENTANDO UMA EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA NA PANDEMIA DA COVID-19: SAÚDE MENTAL NA ESCOLA

LUIZA MAINARDI RIBAS¹; BEATRIZ FLORIAM FOLTRAN²; ISABELA SANTIAGO ROSA PIZANI³; BRUNO BEZERRA SILVA⁴; FELIPE BARBOSA BUTZE⁵; DINARTE ALEXANDRE PRIETTO BALLESTER⁶

¹Universidade Católica de Pelotas – luahribas@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – beatriz.f.foltran@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – isapizani1@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – brunobezerra7399@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – felipebutze@yahoo.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – ballester.dinarte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão “Saúde Mental na Escola: uma ação entre professores e alunos do Ensino Fundamental” da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) vinha sendo desenvolvido presencialmente desde seu início, com encontros no campus do curso de Medicina da UFPEl, e atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Círculo Operário Pelotense, mas, pelo cenário de isolamento social devido ao coronavírus, foi reformulado para se manter ativo.

O projeto esteve paralisado por vários meses, pelo fechamento da nossa Faculdade e o da Escola Círculo Operário. Até que por iniciativa de um dos colegas o grupo resolveu reiniciar os encontros, desta vez de modo virtual, através da plataforma GoogleMeet. As reuniões passaram a ocorrer semanalmente durante a pandemia, fomentando discussões acerca das futuras atividades com as crianças da escola, planejando práticas e estudando meios de atingir a promoção da saúde mental no ambiente escolar.

No ano anterior havíamos começado um curso de atualização em saúde mental para as professoras da Escola, suscitando bastante interesse e participação, e estávamos em vias de recomeçar as atividades quando a pandemia impôs a interrupção. Após a nossa retomada, entramos em contato com a coordenação pedagógica da escola, a fim de verificar a viabilidade de retomar as atividades com as professoras e com os alunos de forma remota, fazendo uso da internet. No entanto, a Escola estava concentrando seus esforços na adaptação à nova realidade, com dificuldades para comunicar-se com todos os alunos, e por isso os encontros permaneceram apenas entre os acadêmicos e o professor orientador.

Anteriormente, desde o início do projeto em 2019, os encontros presenciais no departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da UFPEl eram baseados em discussões sobre os materiais estudados pelos alunos previamente, e no planejamento das atividades na escola municipal. No caso dos encontros remotos em 2020, as conversas tomaram um aspecto mais amplo e dialogado, talvez devido aos encontros mais regulares em comparação ao cenário anterior, e também pela busca de novas referências para o nosso trabalho.

Tendo em vista o objetivo do projeto: a promoção da saúde mental no ambiente escolar, seja identificando sinais de transtornos precocemente, incitando bons relacionamentos interpessoais, provocando a comunicação sadia sobre sentimentos e emoções ou outras várias ações educativas possíveis de serem estimuladas, o grupo do projeto buscou inspirações na literatura brasileira e

mundial. Uma referência importante, além de um parceiro do projeto, vem do Canadá, onde o Prof. Stan Kutcher e colaboradores vem desenvolvendo ações de educação em saúde mental em várias regiões desse país e do mundo (WEI & KUTCHER, 2012).

A pandemia, que inicialmente paralisou o trabalho em andamento, terminou por oferecer tempo para reflexão. Em busca de algumas referências para embasar as atividades do projeto, encontrou-se inspiração na experiência italiana do “Ateliê” (GANDINI, 2019), nas crianças produtores de textos (CALKINS, HARTMAN & WHITE, 2008) e em Paulo Freire, especialmente na sua Pedagogia da autonomia (FREIRE, 2002). É preciso dizer que estas leituras possibilitaram uma viagem a um universo diferente da literatura biomédica à qual os acadêmicos estão acostumados na formação médica.

2. METODOLOGIA

Além de nos aventurarmos por novos campos do conhecimento, a nossa metodologia para o trabalho de campo, ancorada na observação participante e na pesquisa-ação, tem sido uma nova descoberta. Os encontros de reflexão sobre os referenciais pedagógicos foram realizados sob a forma de seminários, com leitura e discussão dos textos, buscando as possíveis aplicações no contexto da Escola Círculo Operário Pelotense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se a pandemia interrompeu a nossa trajetória, também nos tem dado a oportunidade de criar novas alternativas. Uma inversão benéfica foi a iniciativa do grupo de estudantes do projeto na retomada das atividades, que no início partiram do professor orientador. Deste modo, passamos a vivenciar no próprio grupo o que encontrávamos nas nossas leituras: autonomia, participação, interatividade, construção compartilhada do conhecimento.

Ainda que contemos com a experiência das professoras que convivem com as crianças e adolescentes da Escola Círculo Operário Pelotense, para nos orientarem na condução das atividades, poderemos experimentar esse jeito de aprender faz com que não nos sintamos de mãos vazias para o encontro com os alunos.

No entanto, enquanto ensaiamos essas palavras, o futuro ainda é incerto; não sabemos nem quando poderemos voltar à Escola! E o que esperar do retorno, voltaremos ao “normal”?

Para Boaventura Santos (2020), a pandemia não se contrapõe a uma situação anterior de ‘normalidade’. A pandemia vem agravar uma situação de crise permanente pela qual a sociedade tem estado sujeita há mais tempo, sobretudo em decorrência dos efeitos do aprofundamento da economia neoliberal e do capitalismo financeiro nos últimos 40 anos. Assim, com a pandemia, emerge uma nova preocupação, e a forma como vamos interpretá-la e avaliá-la será primordial para o futuro da humanidade. Para ele, a pandemia do novo coronavírus vem a acentuar e tornar visíveis uma série de problemas sociais estruturais causados pelo capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, dentre eles a divisão de classes, a devastação ambiental, a exclusão social, a discriminação e a extrema pobreza.

O pensador espanhol Vicenç Navarro (2020) aponta no mesmo sentido, denunciando a desigualdade e a deterioração da democracia, com a redução do bem estar e da qualidade de vida das populações, inclusive em países europeus e nos Estados Unidos. Ele vincula a pandemia à crise climática, afirmando que esta podia ter sido prevista e também pode ser controlada, mas não vê desejo político de países e organismos internacionais, controlados por forças econômicas. Para ele, o futuro que nos espera oscila entre a barbárie e o bem comum.

De acordo com Byung-Chul Han (2020), hoje vivemos uma biopolítica digital, acompanhada por uma psicopolítica digital, que controla ativamente as pessoas e empodera os detentores de dados. Na visão do filósofo coreano, o vírus não trará a mudança, ele apenas nos isola e individualiza, sem gerar nenhum sentimento coletivo mais intenso. Portanto, somos nós, pessoas dotadas de razão, que devemos repensar radicalmente esse sistema destrutivo, para salvarmos a nós mesmos e ao planeta.

Segundo a Carta Final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena, “em tempos de pandemia, a luta e a solidariedade coletiva que reacendeu no mundo só será completa com os povos indígenas, pois a cura estará não apenas no princípio ativo, mas no ativar de nossos princípios humanos” (APIB, 2020).

4. CONCLUSÕES

Para concluir, uma ideia de Ailton Krenak (2020), pensador e escritor: nesta pandemia, a Terra teve de parar, para ele, esta é uma oportunidade para reprogramar o futuro da Humanidade. Essa gigantesca tarefa vai muito além dos limites do nosso modesto, talvez pretensioso projeto. No momento, o que nos importa é ter saído da imobilidade, do medo paralisante, e prosseguir criando possibilidades para que as crianças e os adolescentes, que vivem conosco em meio a essa névoa que assola o planeta, possam viver com saúde.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APIB. **Articulação dos Povos Indígenas do Brasil**. Carta Final da Assembleia Nacional da Resistência Indígena. Disponível em: <https://apib.info/2020/05/10/carta-final-da-assembleia-de-resistencia-indigena/>, acessado em 16 de agosto de 2020.

BYUNG-CHUL, Han. **La emergencia viral y el mundo de mañana**. Ediciones El País. 22 março 2020.

CALKINS, L.; HARTMAN, A.; WHITE, Z. **Crianças produtoras de texto: A arte de interagir em sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 240 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165 p. (Coleção Leitura). ISBN 85-219-0243-3.

GANDINI, L.; et al. **O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia**. 2. ed. Brasil: Penso, 2019. p. 1-224.

KRENAK, Ailton. **O mundo está chapado de tanto consumo**. Carta Capital. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ailton-krenak-o-mundo-esta-chapado-de-tanto-consumo/>, acessado em 26/08/2020.



- NAVARRO, Vicenç. **Lo que se está ocultando en el debate sobre la pandemia.** Disponível em: <https://blogs.publico.es/vicenc-navarro/2020/03/24/lo-que-se-esta-ocultando-en-el-debate-sobre-la-pandemia/>. Acesso em: 9 set. 2020.
- SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus.** 1. ed. Portugal: Boitempo Editorial, 2020. p. 1-50.
- WEI, Yifeng; KUTCHER, Stan. **International School Mental Health: Global Approaches, Global Challenges, and Global Opportunities.** Child Adolesc Psychiatr Clin N Am, Canada, v. 21, n. 1, p. 11-27, jan./2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1056499311000940?via%3Dihub>. Acesso em: 9 set. 2020.

OFICINAS EXPRESSIVAS NO CAPS: ARTE COMO METODOLOGIA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL

HIZABELLA DE ANDRADE BARROS CRUZ¹; MARIA CLARA CARNEIRO BASTOS²; CAROLINE MARTINS BASTOS LIMA³; ROBERTA LIMA MACHADO DE SOUZA ARAÚJO⁴; AMANDA LEITE NOVAES⁵

¹Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – habcruz@hotmail.com

²Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – contatomariaclara@gmail.com

³Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – carol_martins8@live.com

⁴Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – robertamachado.psi@gmail.com

⁵Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – alnovaes@uefs.br

1. INTRODUÇÃO

O movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil se consolida como marco fundamental da política de assistência à saúde mental através da Lei nº 10.216/2001 que dispõe “sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental” (BRASIL, 2001, p.1). Esta lei se propõe a firmar um modelo de atenção aberto e de base comunitária, visando garantir a livre circulação das pessoas nos serviços, em oposição ao modelo hospitalocêntrico. Mais do que uma transformação técnica, os marcos dessa crítica epistemológica influenciam o campo social, o universo jurídico e os meios acadêmicos (BEZERRA JR, 2007).

A composição de novos equipamentos em saúde, fruto do movimento de Reforma Psiquiátrica, vem modificando a estrutura da assistência em saúde mental, convocando progressivamente a substituição do modelo manicomial (AMARANTE, 2007). Nesse ínterim, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em suas diversas modalidades são instituídos, dispondo de uma rede de assistência em consonância aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). É a partir das oficinas terapêuticas expressivas, reconhecidas como instrumentos utilizados em instituições não-hospitalares desde 1991, (CEDRAZ, 2006; CEDRAZ & DIMENSTEIN, 2005) e da utilização da arte como metodologia possível de acesso aos sujeitos e suas histórias, que o presente trabalho se desenvolve.

Ao falarmos da interlocução entre arte e saúde mental, compreendemos o processo de produção artística como uma tecnologia de cuidado que pode vir a ser fundamental na promoção da reabilitação psicossocial. Desse modo, as práticas artísticas possibilitam a criação de novas formas de comunicação para além da verbalização, assegurando aos indivíduos a expressão daquilo que por vezes é/está limitado pela comunicação via linguagem verbal. Assim, a arte “permite a expressão de conteúdos que não respeitam a ordenação lógica e temporal da linguagem.” (TAVARES, 2003, p. 37).

Partindo destes *a priori*, o trabalho objetiva suscitar reflexões a respeito da possibilidade de interlocução entre a arte e a promoção de saúde mental; tendo como base a compreensão da arte como uma estratégia possível para (re)construção singular da subjetividade de cada um. Esta atividade está vinculada ao Projeto de Extensão Psicologia e Arte: Oficinas de Arte em Dispositivos de Saúde Mental de Feira de Santana – BA, (CONSEPE Nº 090/2017), do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade (NUC/UEFS), em parceria com o Núcleo Inter/Transdisciplinar em Ensino, Pesquisa e Extensão de Educação em Saúde (NIEPEXES/UEFS).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência das atividades extensionistas realizadas em um CAPS II, localizado no município de Feira de Santana – BA, no período de outubro de 2019 a março de 2020. As ações desenvolvidas fundamentaram-se no estabelecimento de contato com a equipe atuante do dispositivo de saúde mental, reunião com a psicóloga da unidade, estudos de materiais – artigos e manuais – para o embasamento teórico das práticas, realização de cinco oficinas temáticas para os usuários do CAPS e duas práticas de sala de espera como forma de estreitamento de vínculo com os usuários e divulgação das oficinas. Assim como, para essas atividades, ocorreram supervisões e planejamento junto às orientadoras do projeto.

Por se tratar de um projeto que articula-se em três planos de trabalhos executores, as oficinas expressivas propostas dialogavam com três modalidades artísticas: artes plásticas, dança circular e teatro do oprimido.

Tabela 1. Modalidades artísticas vinculadas aos Planos de Trabalho das extensionistas e seus respectivos objetivos.

MODALIDADE ARTÍSTICA	OBJETIVOS DAS ATIVIDADES
Artes Plásticas	Livre expressão; autopercepção; autoconhecimento; criatividade e fortalecimento de vínculo.
Dança Circular	Consciência corporal; inclusão; integração; acolhimento às diversidades; exercício físico por meio do movimento; a promoção de consciência e cooperação.
Teatro do Oprimido	Improviso; consciência corporal; discussão; socialização e fortalecimento de vínculo.

Articulando-se à tais objetivos, foram propostas para cada oficina atividades de pelo menos uma das três modalidades, que desenvolvessem os aspectos do quadro anterior e os relacionassem a vivência da reabilitação psicossocial, bem como a questões subjetivas de cada usuário participante, pois compreendemos que a oficina deve ser um espaço no qual os sujeitos possam sentir-se à vontade e acolhidos em suas demandas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados preliminares, podemos citar o vínculo formado com profissionais da equipe do dispositivo de saúde mental e, desse modo, o contato com a dinâmica de funcionamento do dispositivo da rede de atenção psicossocial. Contato este que se dá a partir da promoção, nesse local, de mais uma possibilidade de espaço terapêutico o qual forneceu práticas de cuidado considerando a singularidade dos sujeitos.

Além disso, a atuação na unidade, por meio das oficinas, possibilitou também o contato com alguns dos desafios que envolvem a prática nesses locais, tal como, por exemplo, a dificuldade em estimular a presença dos usuários nas oficinas de modo constante, deslocando a centralidade da reabilitação psicossocial do viés apenas psiquiátrico. Apesar disso, conseguimos realizar práticas nas quais os

participantes se mostraram abertos às propostas de atividades que sugeríamos e, para além da elaboração artística dos exercícios e dinâmicas, alcançamos como resultado também o desenvolvimento de um ambiente dialógico, em que as demandas suscitadas durante as atividades foram socializadas. Sendo então a arte a ferramenta suscitadora, os participantes utilizaram os materiais presentes para comunicar algo sobre si e, a partir disso, pudemos acessar suas narrativas sobre suas histórias de vida, seus modos singulares de lidar com a vivência do sofrimento psíquico e as práticas possíveis de autocuidado.

Desse modo, os recursos artísticos utilizados nas oficinas expressivas funcionaram como ferramenta para estimular e mediar a manifestação de emoções, sentimentos, dores e desejos que os sujeitos necessitavam comunicar naqueles momentos (TAVARES, 2003). Tais manifestações junto às elaborações conjuntas sobre as questões comunicadas reafirmou a construção do vínculo entre asicineiras com os usuários da oficina, bem como dos participantes entre si, que se sentiam seguros em partilhar suas histórias de vida e seus modos singulares de enfrentamento às angústias. Vale ressaltar, que as narrativas demonstravam o caráter social que também há nos processos patológicos contemporâneos.

Este trabalho serve também como um reforçador da divulgação da arte como meio auxiliar ao tratamento desses usuários, se levarmos em consideração que a saúde vai além do tratamento medicamentoso. Assim, atividades de lazer, apoio e atenção facilitam o desenvolvimento do potencial criativo dos participantes e dessa forma, a realização das oficinas de arte incentiva a captação de novas habilidades e melhorando a qualidade de vida (SIQUEIRA & BARJA, 2009).

4. CONCLUSÕES

As experiências das oficinas terapêuticas expressivas aqui relatadas reafirmam a possibilidade de interlocução entre as metodologias artísticas e a saúde mental como forma de mobilizar afetos, viabilizar a expressão e criar, conjuntamente, estratégias de cuidado nas quais os sujeitos possuam um papel ativo. Essas experiências funcionam não somente como processo de intervenção com os usuários do serviço de saúde mental, mas também como processo transformador para as estudantes participantes do mesmo e que conduziram as práticas, pois o contato com as vivências e o conhecimento proporcionam o desenvolvimento de formação humana e autonomia.

A realização das oficinas traz a possibilidade de atuação prática dos pressupostos teóricos acerca do sofrimento psíquico, permitido desenvolver a escuta ativa dos sujeitos e a identificação de suas demandas. Dessa forma, afastando-se de uma perspectiva focada na patologia, a proposta das oficinas terapêuticas artísticas no CAPS reforça a promoção de um cuidado humanizado, preventivo e integral aos sujeitos, no qual as práticas, para além de resultar em um produto artístico, sejam meio de manifestações de suas construções subjetivas.

Para além disso, estar em contato com dispositivos substitutivos de saúde mental reafirma a luta antimanicomial, assim como sublinha a importância da atuação nesses espaços para uma formação profissional ética e de qualidade, fortalecendo o objetivo da extensão de ligação entre a universidade e a comunidade externa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz. 2007.

BRASIL. Lei 10.216, de 06 de Abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras e transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

CEDRAZ, Ariadne. Nem tudo que reluz é ouro: oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica. Natal, RN, 2006. Monografia (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CEDRAZ, Ariadne; DIMENSTEIN, Magda. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não? Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza v. V, N. 2. Set. 2005. p. 300 – 327

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PEROVANO, D. G. Manual de Metodologia Científica para a Segurança Pública e Defesa Social. Ed. JURUA, 1. ed., 2014.

SIQUEIRA, A. C. M. B.; BARJA, A. M. Um novo olhar para os pacientes psicóticos: intervenções de terapia ocupacional, 2009. Trabalho apresentado ao XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0962_0536_01.pdf.

TAVARES, C. M. M. O papel das artes nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS. **Rev. Bras Enferm**, Brasília (DF), v56, n1, p. 35-39, 2003.

AÇÕES FORMATIVAS INTEGRADAS: O HISTÓRICO DO PROGRAMA NO MUNICÍPIO DE PATOS DE MINAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE

HELEN SOARES VALENÇA FERREIRA¹; FÁBIO SILVA BORGES²; SABRINA
NUNES VIEIRA³

¹IBTEC – Universidade Federal de Uberlândia, UFU – helensvalenca@gmail.com

²FEELT – Universidade Federal de Uberlândia, UFU – fabio.silva.borges@gmail.com

³IQUFU – Universidade Federal de Uberlândia, UFU – sabrina@ufu.br

1. INTRODUÇÃO

Considerando o impacto de sua atuação nas esferas social, econômica e intelectual, é notória a importância da universidade pública como um espaço relevante para produção, concentração e disseminação de conhecimentos. Fundamentando-se em três grandes pilares sólidos e inter-relacionados: Ensino, Pesquisa e Extensão, a universidade pública propõe-se a atender às demandas sociais, tornando-se em vista disso, uma universidade socialmente responsável, que dialoga com os diversos setores da sociedade e que defende a formação e produção de conhecimento de acordo com as necessidades sociais (SOUSA et al., 2019).

Com respeito às ações da universidade voltadas à comunidade, destaca-se, dentre os três grandes pilares, a extensão universitária. A Extensão Universitária refere-se à ação da universidade junto à comunidade, que possibilita o compartilhamento do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição (FREIRE, 1983). É o emprego do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa às demandas da comunidade, na qual a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social. A Extensão Universitária é, portanto, uma das funções sociais da universidade, cujo o objetivo é promover o desenvolvimento social, fomentando projetos e programas de extensão que levam em conta os saberes e práticas populares, garantindo valores democráticos de igualdade de direitos, respeito à pessoa e sustentabilidade ambiental e social (GONÇALVES, 2015).

Nesse contexto, o Programa Institucional de Ensino e Extensão “Ações Formativas Integradas” (Afin) foi criado em meados de 2015 pela Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, cuja implementação no município de Patos de Minas ocorreu em agosto de 2016. O público-alvo do programa são os estudantes do 3º ano do ensino médio e egressos da rede pública de ensino, mas também, estudantes matriculados na última etapa da Educação de Jovens e Adultos – EJA, bolsistas integrais da rede particular, quilombolas, indígenas ou refugiados. Aulas presenciais das disciplinas abordadas em vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) são disponibilizadas aos cursistas por meio do programa. A implementação do Programa Afin, no município de Patos de Minas, teve como objetivos: aumentar a visibilidade da UFU no município, realizar eventos para a divulgação dos cursos de graduação ofertados pela universidade e, majoritariamente, preparar jovens e adultos para a realização de vestibulares e do Enem. Com isso, mostrando-se efetivo e trazendo benefícios para a universidade e para a sociedade (VIEIRA et al., 2019).

Isso posto, o objetivo do presente trabalho é demonstrar, por meio dos resultados obtidos ao longo das últimas edições do programa, a sua importância

para a sociedade, ressaltando as contribuições resultantes de sua implementação.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho seguiu uma abordagem predominantemente qualitativa, uma vez que a coleta de dados foi realizada a partir de formulários *on-line*, disponibilizados na plataforma de gerenciamento de pesquisas *Google Forms*, contendo questões discursivas acerca do Programa Afin e também, por meio dos relatórios elaborados ao longo das atividades realizadas e dos resultados alcançados pelo programa. O universo amostral do presente trabalho foi composto por 88 participantes, sendo 15 discentes bolsistas e 73 cursistas, todos integrantes da edição do ano de 2019. Os discentes bolsistas relataram suas experiências, abordando as contribuições obtidas no programa, por meio dos formulários disponibilizados ao longo da execução das atividades propostas. Em sua maioria, as avaliações foram muito positivas. De maneira similar, os cursistas descreveram suas experiências, e também as contribuições do Programa Afin à formação dos mesmos. Analogamente aos relatos dos discentes bolsistas, as avaliações dos cursistas também foram muito positivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa Ações Formativas Integradas se desenvolveu, no município de Patos de Minas, no *Campus* avançado da Universidade Federal de Uberlândia. Em sua primeira edição, entre o período de agosto a novembro de 2016, 12 discentes foram selecionados como bolsistas dentre os alunos de graduação dos cursos de Biotecnologia, Engenharia de Alimentos e Engenharia Eletrônica e de Telecomunicações, que correspondem aos cursos ofertados pela UFU Patos de Minas. Destes, 11 alunos(as) bolsistas foram responsáveis por lecionar as disciplinas, e 1 aluno(a) bolsista foi responsável pela secretaria e auxílio na coordenação do programa. As disciplinas ofertadas foram: Português, Literatura, Inglês, Matemática, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Química, Física e Biologia.

Em sua primeira edição, o programa teve 182 inscritos, dos quais 90 alunos(as) cursistas foram selecionados e divididos em duas turmas: 45 alunos(as) no turno vespertino e 45 alunos(as) no turno noturno. As aulas foram ministradas de segunda à sexta-feira, compreendendo quatro horários de 1 (uma) hora para cada disciplina. A seleção dos cursistas foi realizada segundo critérios socioeconômicos, avaliados de acordo com o edital de seleção. Desta forma, o programa procurou atender a população de baixa renda (com rendimento familiar *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo) com o desejo de ingressar em uma universidade pública. Diante dos resultados alcançados em sua primeira edição, o Programa Afin garantiu a sua continuidade nos anos seguintes: 2017, 2018 e 2019.

As edições de 2017 a 2019 do programa contaram com 15 (quinze) alunos(as) bolsistas e 135 cursistas, sendo que o número de inscritos aumentou progressivamente de uma edição para outra, tendo 287 inscritos em 2017, 337 em 2018 e 582 em 2019, o que evidencia o aumento da notoriedade do programa perante a sociedade, o que ressalta a sua importância para a mesma. Dos 15 alunos(as) bolsistas, 13 atuaram como professores, ministrando os diversos conteúdos abordados no Enem, e 2 atuaram como secretários do projeto, os quais foram os responsáveis pelo setor administrativo, apoio em práticas e

técnicas pedagógicas, além de auxiliarem na coordenação do programa. Visando abranger uma quantidade maior de estudantes, o programa contou, a partir do ano de 2017, com 135 cursistas divididos em três turmas: 45 estudantes no turno vespertino e 90 estudantes no turno noturno, divididos em duas turmas. Diante da grande quantidade de conteúdo a ser abordado e revisado, o período em que seriam administradas as aulas foi revisto a partir da segunda edição do programa, passando a ser compreendido entre os meses de abril a novembro, compreendendo 8 (oito) meses de duração.

Durante o seu desenvolvimento, o Programa Afin atuou em múltiplas dimensões formativas. Uma dessas atuações refere-se ao processo de formação dos bolsistas e dos cursistas. Em depoimentos coletados a partir de formulários, tanto os bolsistas quanto os cursistas relataram a importância do programa para o seu desempenho. Os bolsistas abordaram principalmente a questão da disciplina, devido a necessidade de conciliar os horários das aulas e atividades da graduação com as realizadas pelo programa, e isso contribuiu para que se tornassem mais organizados e disciplinados na execução de suas tarefas. Outro ponto importante destacado nos depoimentos dos bolsistas refere-se à prática docente. Após a aprovação no processo seletivo, os bolsistas se deparam com um novo desafio, se portar como professor. Inevitavelmente o discente precisa mudar a sua postura em diversos âmbitos, ele sairá da posição de educando, avaliado e assumirá a posição de educador, avaliador. Diversas perspectivas devem ser analisadas, tais como: flexibilidade ao se deparar com os desafios propostos pelos cursistas, os métodos de ensino, cobrança e as relações interpessoais, pois o professor lida com jovens e adultos de diferentes realidades, com costumes conservadores e/ou liberais, ou seja, culturas distintas. Segundo os depoimentos dos bolsistas, esse contexto desafiador, inerente ao ambiente em sala de aula, contribuiu de forma significativa, tanto para formação acadêmica dos mesmos quanto para suas relações interpessoais.

Analogamente aos depoimentos dos bolsistas, os cursistas também destacaram a contribuição do Programa Afin para o seu desempenho acadêmico, tanto na escola (para aqueles que ainda estavam cursando o 3º ano do ensino médio) quanto no próprio programa. Segundo esses depoimentos, o incentivo proporcionado pelos professores bolsistas, e o fato desses professores também serem alunos (graduandos), contribuiu para os cursistas entenderem a importância de se dedicarem ao programa, acreditarem mais em suas capacidades e disporem maior empenho aos estudos, aumentando, dessa forma, as chances dos mesmos de obterem uma maior pontuação nos vestibulares e/ou Enem, contribuindo para o seu ingresso no ensino superior.

Nesse contexto, destaca-se a atuação formativa do Programa Afin, relativa à instrução, quanto aos aspectos mais relevantes que norteiam o ingresso na universidade. Durante o desenvolvimento do programa, foram realizadas palestras com o objetivo de orientar os cursistas quanto às formas de ingresso no ensino superior (Sisu, Prouni, Fies e vestibulares), às inscrições para os processos seletivos, às principais características das universidades públicas e privadas, bem como os programas de assistência estudantil oferecidos pelas universidades públicas. Observou-se que a apresentação dessas palestras foi essencial, pois muitos cursistas relataram dificuldades quanto à realização de suas inscrições para os vestibulares e/ou Enem, além da maioria dos cursistas desconhecer como operavam os programas de bolsas e assistência estudantil das diversas instituições.

Isso posto, a atuação formativa do Programa Afin de maior relevância refere-se ao número de aprovações, aspecto que possui impacto direto na vida dos

cursistas. Nesse trabalho, destacamos o número de aprovações referentes às edições de 2018 e 2019, uma vez que nessas edições, os integrantes do programa que atuaram como apoio pedagógico, entraram em contato com todos os cursistas, individualmente, para coletarem as informações acerca das aprovações dos mesmos. E de modo a comprovar a veracidade das informações recebidas, foram consultadas as listas de aprovados disponibilizadas pelas instituições.

Na edição de 2018 do Programa Afin, foi possível quantificar as aprovações dos cursistas, entre o período de dezembro de 2018 a abril de 2019. No tocante aos resultados, cabe destacar que foram obtidas, ao todo, 100 aprovações. Dentre elas, 51 aprovações foram em universidades privadas, 39 aprovações em universidades públicas e 10 aprovações, com a concessão de bolsas integrais, em universidades privadas. Já na edição de 2019 do Programa Afin, foi possível quantificar as aprovações dos cursistas, entre o período de dezembro de 2019 a abril de 2020. Em relação aos resultados, cabe destacar que foram obtidas, ao todo, 117 aprovações. Dentre elas, 46 aprovações foram em universidades privadas locais, 53 aprovações em universidades públicas e 18 aprovações, com a concessão de bolsas integrais, em universidades privadas.

4. CONCLUSÕES

Por meio do número de aprovações, depoimentos e experiências destacados pelos alunos bolsistas e cursistas, conclui-se que o Programa Afin obteve resultado satisfatório no que diz respeito à evolução e atuação do programa na sociedade. Por meio dele foi possível oferecer à comunidade um cursinho preparatório para o Enem e vestibulares, totalmente gratuito, cujo público-alvo são os estudantes e egressos de escolas públicas, de forma a aumentar as chances desses jovens a ingressarem no ensino superior. Ademais, contribuiu também para a formação do discente bolsista, uma vez que os alunos dos cursos de graduação tiveram a oportunidade de atuarem na docência e também proporcionou o aumento da visibilidade da Universidade Federal de Uberlândia, na cidade de Patos de Minas, ressaltando o papel da universidade na sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 7ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**. Florianópolis, v.33, n.3, p.1229-1256, set./dez. 2015.

SOUSA, P. R. D. et al. Indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão no ensino superior. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.32, n.32, p.1-6, 7 out. 2019.

VIEIRA, S. N. et al. Projeto de Extensão “Ações Formativas Integradas”: Relato de Experiência do Impacto sobre Graduandos da Universidade Federal de Uberlândia em Patos de Minas. **Interfaces – Revista de Extensão da UFMG**. Belo Horizonte, v.7, n.1, p.160-169, jan./jun. 2019.

EVOLUÇÃO DO BOLETIM DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL CONSERVAÇÃO E RESTAURO – PET-CR

ANA CAROLINA FERNANDES DA SILVA¹; CLARA RIBEIRO DO VALE
TEIXEIRA²; FREDERICO SAMPAIO³; RENATA ALMEIDA TELES⁴; DANIELE
BALTZ DA FONSECA⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas – ana.cherry.ac@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – clara_ribeiro124@yahoo.com

³ Universidade Federal de Pelotas – freed10@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – renatatteles@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas – danielefonseca1980@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O curso de Bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) foi fundado no ano de 2008, e tem como objetivo formar profissionais qualificados para atuarem na área de preservação do patrimônio histórico e cultural. Após muitos esforços, em 2010, deu-se início ao Programa de Educação Tutorial Conservação e Restauro (PET-CR), programa este de concepção do Ministério da Educação (MEC) que visa oferecer suporte aos alunos de graduação em sua jornada acadêmica a partir da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Dentre as atividades desenvolvidas pelo grupo PET-CR, destaca-se o projeto Boletim do PET-CR, uma atividade de caráter extensionista, com duas publicações anuais disponibilizadas de forma física e virtual, que busca apresentar as ações do grupo e questões referentes a temas que permeiam a área da Conservação e da Restauração. Entendendo que o Boletim passou por diversas modificações para trazer melhorias e inovações aos seus leitores, o presente trabalho se propõe a colocar em evidência tais transformações e a sua evolução ao longo dos anos.

2. METODOLOGIA

Este trabalho consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa, através da qual se buscou avaliar a produção dos 10 boletins publicados pelo grupo PET-CR desde 2014. Por meio de pesquisa documental, realizada diretamente sobre o acervo dos exemplares publicados, foram analisados os conteúdos para que verificassem categorias dos principais assuntos abordados nestas publicações. Uma avaliação inicial permitiu a definição de seis categorias: textos informativos; notícias sobre eventos do curso; entrevistas; relatos de experiências; crônicas; e resenhas. A avaliação qualitativa dos resultados encontrados se deu em reuniões, através de debates informais entre autores de textos e a equipe que executa a atividade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde a sua criação, o Boletim do PET-CR tem o intuito de promover e registrar experiências acadêmicas por meio de artigos, resenhas, relatos de eventos e notícias referentes a fatos ocorridos dentro do curso, estimulando a produção da linguagem escrita através do desenvolvimento de textos voltados à divulgação das ações de ensino, pesquisa e extensão no curso. Seu objetivo

principal é estimular e aprimorar a escrita dos discentes integrantes do PET-CR, visando o desenvolvimento da capacidade criativa, do discurso e das habilidades linguísticas, além de promover a informação sobre diferentes temáticas e divulgação das atividades do PET-CR entre a comunidade acadêmica da UFPEL, estudantes de conservação e restauração de outras universidades e da comunidade em geral.

Além de conter em seu propósito a disseminação dos conteúdos produzidos pelos petianos semestralmente entre os graduandos do curso da UFPEL, os boletins são disponibilizados na plataforma digital do próprio PET, e também são enviados via e-mail às secretarias dos outros cursos de Conservação e Restauração do país, assim fornecendo acesso à informações relevantes do campo, visto a escassez e defasagem de locais de busca para a área em questão.

O Boletim PET-CR foi criado em 2014, sendo a sua primeira publicação feita em novembro deste mesmo ano. Até o momento, foram contabilizados 10 boletins publicados e as modificações observadas em cada publicação foram mais estéticas, observando algumas mudanças na forma como as informações são dispostas. Abaixo, podemos visualizar algumas das alterações sofridas pelo Boletim ao longo dos anos através de algumas edições como a edição 1 publicada em 2014, a edição 5 em 2017 e a edição 8 em 2019 (figura 1).



Figura 1: Edições 1, 5 e 8 do Boletim do PET-CR. Fonte: Arquivo do PET-CR, 2020.

Visando uma contextualização geral acerca dos tipos de informações contidos em todas as edições do Boletim, foram elencadas seis categorias que definem os tipos de textos geralmente apresentados no boletim. A partir de uma simples contagem dos textos classificados em cada categoria, chegou-se ao seguinte resultado: 7 textos informativos (16%), 2 textos de notícias vinculadas a eventos do curso (5%), 8 entrevistas (18%), 4 crônicas (9%), 22 relatos de experiência (50%) e 1 resenha literária (2%).

Um breve debate entre a equipe que tem realizado o boletim do PET-CR semestralmente e autores de texto concluiu que a preferência pela divulgação de relatos de experiências se dá em função da liberdade de escolha do formato de texto que será escrito e da familiaridade dos petianos com o assunto que escolhem para escrever. Os relatos de experiência costumam trazer informações

sobre os estágios ou sobre a participação dos petianos em projetos de ensino, pesquisa e extensão.

Outro formato de texto que tem bastante aceitação são as entrevistas que visam conhecer aspectos profissionais através do perfil profissional de pessoas que de alguma forma trabalham com a preservação do patrimônio cultural.

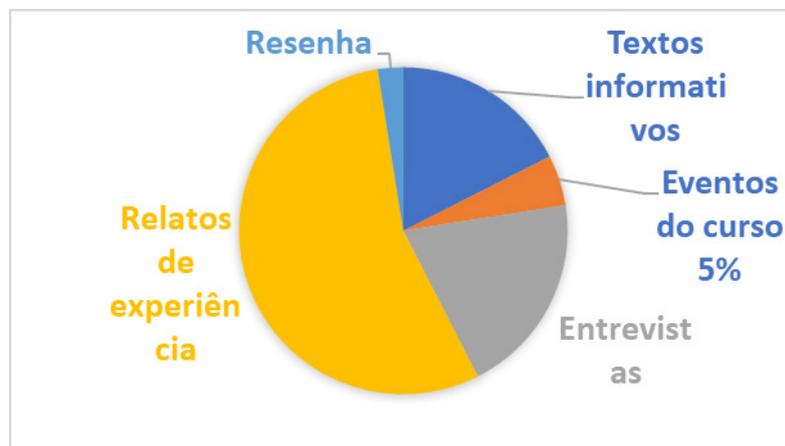


Figura 2: Gráfico que apresenta o percentual dos principais tipos de conteúdo divulgados no boletim do PET-CR.

Fonte: dos autores, 2020.

O Boletim do PET-CR vem passando por modificações ao longo dos anos e desde o seu lançamento, visando adaptar-se às necessidades dos alunos que estão envolvidos na sua criação bem como buscar encontrar os nichos de interesse de leitura da comunidade acadêmica em geral. As próximas edições apontam para a necessidade de temáticas específicas, estimulando a coleta de textos que aprofundem sobre um determinado assunto. Uma mudança importante que ocorre no Boletim é a abertura para publicações de alunos de todo o curso de Conservação e Restauração da UFPEL, não sendo mais voltado somente para os integrantes do PET-CR, entendendo a necessidade da participação ativa de todos os alunos do curso para a construção e difusão do conhecimento sobre questões referentes a preservação do patrimônio histórico e cultural. Além disso, também foi criado um Manual do Boletim, um documento que disponibiliza informações sobre a metodologia e a cronologia do Boletim PET-CR.

4. CONCLUSÕES

Para o profissional conservador-restaurador a necessidade de se manter em contato aos estudos acerca do patrimônio cultural e ao desenvolvimento de habilidades essenciais ligadas ao fazer acadêmico é de extrema importância para a obtenção de uma formação de qualidade, formação esta que está diretamente ligada com a interdisciplinaridade deste campo de atuação. A partir do que foi apresentado, o presente trabalho buscou compreender o perfil da atividade do Boletim PET-CR e a sua contribuição na formação dos alunos do curso de Conservação e Restauração.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO A, C.; CABETE, E.; Boletim semestral do PET Conservação e Restauro. In: **XXI SULPET, O PET COMO AGENTE TRANSFORMADOR SOCIAL**, 2018, Curitiba-PR.

UFPel. **PET C e R**. site do PET Conservação e Restauro, Pelotas, 10 mar. 2019. Especiais. Acessado em 10 mar. 2019. Online. Disponível em: <http://conservacaoerestauo.wixsite.com/pet-cr>

RELATÓRIO anual PET-CR. **Site do PET Conservação e restauração**, 2017. Disponível

em:http://docs.wixstatic.com/ugd/2ad5c5_afeb896eb53c4fbcaa7e2e92ad97842b.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

RELATÓRIO anual PET-CR. **Site do PET Conservação e restauração**, 2015. Disponível

em:http://docs.wixstatic.com/ugd/2ad5c5_5c4a42dc07f24683a84e5fb445312d70pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

RELATÓRIO anual PET-CR. **Site do PET Conservação e restauração**, 2014. Disponível

em:http://docs.wixstatic.com/ugd/2ad5c5_0bfa19248c234dfbb9e1f7ac50e632e4.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

Projetos Integradores CENG

LETÍCIA BRANDÃO CALDAS¹; LARISSA ALDRIGHI DA SILVA²; LISMARA CARVALHO MARQUES³; DENISE DOS SANTOS VIEIRA⁴; DIULIANA LEANDRO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – leticia.lbc@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas 2 – larissa.aldrighi@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas 3 – lismaracmarques@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas 4 – denisevieira2503@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas 5 – diuliana.leandro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A relação mais direta entre universidade e comunidade é ofertada pela extensão universitária, entendida como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político, que, sob o princípio da indissociabilidade, promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2010). As atividades desenvolvidas pela extensão universitária como o elemento de associação entre as instituições de ensino superior e os demais setores da sociedade (GURGEL, 1986). A pesquisa também possui relação com a comunidade, por meio da descoberta de remédios, vacinas, tratamentos, desenvolvimento de novas tecnologias e produtos, além de propor soluções para os problemas que afetam a sociedade. E o ensino, por sua vez, também permite uma maior qualificação dos sujeitos, qualificando-os para as lutas sociais e decorrentes transformações da comunidade.

A extensão possibilita ao acadêmico a experiência de vivências significativas que lhe proporciona reflexões acerca dos grandes assuntos da atualidade e, com base na experiência e nos conhecimentos realizados e acumulados, o desenvolvimento de uma formação compromissada com as necessidades nacionais, regionais e locais, considerando-se a realidade brasileira. Os três fundamentos da universidade são o ensino, pesquisa e extensão, que proporcionam experiências a discentes e docentes, fazendo a extensão como associação paralela imediata entre o conhecimento científico e o popular (SARAIVA, 2007)

O presente projeto intitulado como “ Projetos Integradores CENG” tem como objetivo atender a Política Nacional de Extensão Universitária de forma ampla e participativa dentro dos cursos do Centro de Engenharias da UFPEL, através de proposições de atividades de extensão oriundas do seu corpo discente, as quais deem a oportunidade da comunidade acadêmica conceber, registrar e participar de ações extensionistas que permitam melhoria das condições de vida da comunidade, organizações e sociedade geral, promovendo o desenvolvimento regional.

O objetivo deste trabalho é apresentar o Projetos Integradores do CENG, o qual tem como objetivo permitir que ações extensionistas propostas pelos estudantes dos diferentes cursos do Centro de Engenharias possam ser registradas adequadamente junto a instituição e desenvolvidas.

2. METODOLOGIA

A metodologia para o desenvolvimento do projeto é baseada nas seguintes etapas, algumas já finalizadas.

Etapa 1 - O coordenador e coordenador adjunto do projeto publicaram um edital contínuo aberto a comunidade discente do CENG que possibilitou a proposta de ações extensionistas.

Etapa 2 - As propostas podem ser apresentadas por estudantes dos cursos do Centro de Engenharias, individualmente ou em grupos com outros colegas. Podem ser estudantes de qualquer semestre e podem ser grupos de estudantes de semestres diferentes. Podem participar das propostas estudantes de outras unidades acadêmicas.

Etapa 3 - As propostas são avaliadas a partir de critérios previamente estabelecidos e divulgados aos estudantes, por uma comissão composta pelos representantes da Câmara de Extensão do CENG, sendo que são considerados principalmente a caracterização da ação extensionistas, a interação com os cursos do CENG e a viabilidade de execução. E as ações devem seguir as diretrizes da extensão universitária adotada pela UFPel.

Etapa 4 - As propostas viáveis são cadastradas como uma ação extensionistas dentro do projeto pelo coordenador ou coordenador adjunto.

Etapa 5 - O coordenador ou coordenador adjunto ou professor indicado pela Câmara de Extensão acompanha o desenvolvimento da ação, a qual pode ser de forma presencial ou não.

Etapa 6 - O preponente da ação ao finalizá-la apresenta um relatório da ação juntamente com outros documentos comprobatórios como: fotos, relato de participantes, etc.

A divulgação do projeto é online através de redes sociais como Instagram e Facebook, assim como através de conversas com a comunidade acadêmica, e as ações já realizadas são utilizadas em vídeos de publicitação que mostram ações já ocorridas dentro do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A principal função da extensão é conectar as universidades com as comunidades, desenvolvendo projetos e as beneficiando diretamente. Sendo que assim, os alunos têm a oportunidade de explorar e desenvolver na prática o que aprendem no curso, entrando em contato direto com a comunidade, aprendendo a atuar fora do círculo universitário, o que trará uma grande experiência.

A extensão mostra que de maneira prática os alunos contribuem para a comunidade. Na Tabela 1 é apresentado ações realizadas pelo projeto, contendo eventos e ações extensionistas.

Tabela 1: Projetos de ações.

Ações	Status
Desafio do lixo UFPel 2019/2	Concluído - encerrado
Desafio do lixo UFPel 2020/1	Ativo – em execução
Apoio técnico em eletrônica para o projeto Biblioteca escolar: Espaço urbano de formação do leitor	Concluído - encerrado
Apoio técnico em questões de construção civil, elétrica, restauração de móveis e educação ambiental para o projeto Biblioteca escolar: Espaço urbano de formação do leitor	Ativo – em execução
Ciclo de palestras em Geoprocessamento – CPGEO – Batimetria	Concluído - encerrado

em reservatórios e corpos d'água	
Ciclo de palestras em Geoprocessamento - CPGEO – Palestra 2	Concluído - encerrado
Ciclo de palestras em Geoprocessamento - CPGEO – Palestra 3	Ativo – em execução
I Ciclo de debates: Meio ambiente em pauta	Ativo – em execução

Visando incentivar que mais ações surjam entre a comunidade do Centro de Engenharias, foram produzidos vídeos publicitários demonstrando a opinião de alunos que tiveram seus projetos executados, no quais se realiza o convite aos demais alunos do centro de engenharias a colocarem suas propostas e ideias em prática através do projeto, esses são localizados no YouTube no Canal do Centro de Engenharias (<https://www.youtube.com/channel/UCJ408-qUQGDpxXFD2E-LVvA/videos>) (Figura 1).

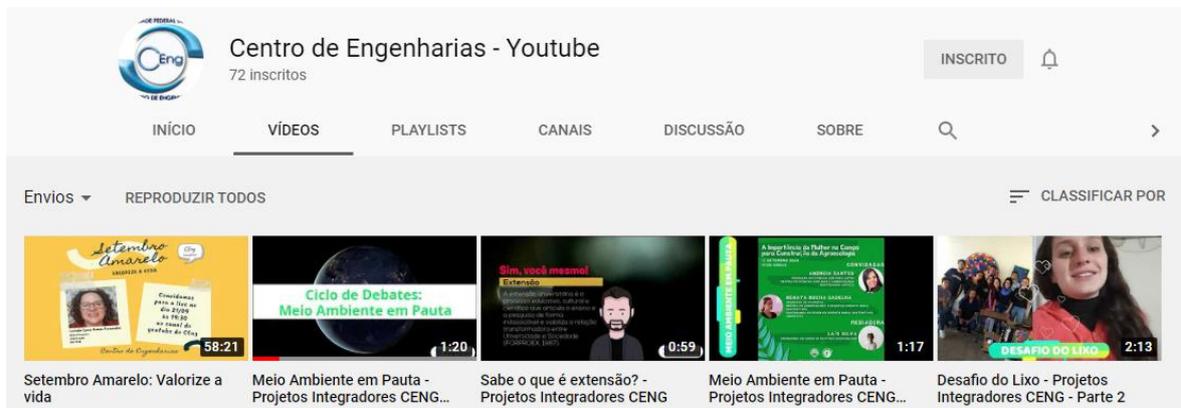


Figura 1: Vídeos de incentivo as atividades de extensão.

Nas figuras 2,3,4 e 5 são apresentadas algumas ações já realizadas pelo projeto. Como o Desafio do Lixo, ação que promove eventos para limpar uma área específica da cidade e atua também na educação ambiental em escolas da comunidade. E no momento de pandemia outra ação que vem se destacando é o I Ciclo de debates: Meio ambiente em pauta que visa manter alunos da Engenharia Ambiental e Sanitária engajados em difundir temas ambientais e sanitários para a comunidade, apresentando temas complexos de forma mais acessível e com acesso a todos os interessados através da internet.



Figura 2: Ciclo de debates.



Figura 3: Programação.



Figura 4: Desafio do Lixo integrantes.



Figura 5: Desafio do lixo.

4. CONCLUSÕES

É fundamental contar com um bom currículo para conseguir um estágio, e a participação em projetos de extensão garante mais destaque ao aluno. Isto porque, além de demonstrar eficiência, um estudante que desenvolve as suas habilidades pessoais e têm mais capacidade para a atuação profissional.

A extensão universitária possui uma função crucial no ensino superior, tanto para o aprimoramento tanto dos discentes, quanto para o processo de formação continuada dos docentes, para que ambos busquem uma maior integralização com os demais setores da sociedade, como melhorias na qualidade de vida dos moradores das comunidades e contribuindo também para a o conhecimento dos alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SARAIVA, J. L. **Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores**. *Brasília Médica*, Brasília, v. 44, n. 3, p. 220-225, 2007.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX, 2010, Belo Horizonte. *Extensão Universitária: organização e sistematização*. Belo Horizonte: COOPMED, 2010.
- GURGEL, R. M. *Extensão Universitária: Comunicação ou domesticação?* São Paulo: Cortez, 1986.
- FERNANDES, M.C.; SILVA, L.M.S. da; MACHADO, L.G.; MOREIRA, T.M.M. **universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas**. *Educação em revista*, v. 28, n. 4, Belo Horizonte, 2012.

PROJETO DE EXTENSÃO VEM SER RUGBY EM 2020: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

CIANA ALVES GOICOCHEA¹; CAMILA BORGES MULLER²; AMANDA FRANCO DA SILVA³; VIVIAN HERNANDEZ BOTELHO⁴; ERALDO DOS SANTOS PINHEIRO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – cianagoicochea@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – camilaborges1210@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mandfsilva@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – vivianhbotelho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – esppoa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Programas de desenvolvimento esportivo com crianças e adolescentes são fundamentais para o progresso das modalidades esportivas (MÜLLER, 2018), e os programas de desenvolvimento de crianças e jovens com altas habilidades motoras representam um papel importante no desenvolvimento de atletas à longo prazo para o alto rendimento e são essenciais para o sucesso esportivo (GAYA et al., 2016). Dessa maneira, é fundamental iniciar um trabalho de desenvolvimento de atletas de rendimento com jovens que apresentam padrão motor elevado em capacidades físicas essenciais para a modalidade possibilitando o aumento na quantidade de jovens para a elite do esporte no futuro. Entretanto, ainda é notável a diferença na participação e na permanência no esporte entre homens e mulheres, uma vez que incentivos, apoios, patrocínios e premiações continuam sendo desiguais (MOURA et al., 2017).

Na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SMED) da Prefeitura Municipal de Pelotas, criou-se o programa Vem Ser Pelotas (VSP), com o objetivo de identificar escolares que apresentem altas habilidades motoras e, posteriormente, desenvolver o esporte de rendimento a partir das qualidades físicas as quais foram identificadas (MÜLLER, 2018). A seleção para a participação nos projetos oriundos do VSP ocorrem através de um sistema de avaliação de aptidão física relacionada à saúde e ao desempenho esportivo, aplicados em crianças e adolescentes do quinto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, nas escolas da rede municipal de ensino de Pelotas-RS.

Deste modo, o projeto Vem Ser Rugby (VSR) foi desenvolvido oriundo do VSP, com seleção de adolescentes do sexo feminino com faixa etária entre 13 e 15 anos, que apresentam percentil 80 nos testes para potência de membros inferiores, agilidade e velocidade, para compor a equipe de desenvolvimento na modalidade o Rugby. Além das atletas, o VSR possui uma comissão técnica multidisciplinar, a qual fazem parte estudantes de graduação, pós-graduação, bem como profissionais formados nas áreas de Educação Física (9), Psicologia (2), Fisioterapia (3), Nutrição (6), que estão sob orientação de um professor supervisor da Escola Superior de Educação Física da UFPEl. O VSR teve início em 2017, e no período de 3 anos, o projeto disputou diversas competições a nível regional, estadual, nacional e até mesmo internacional. Logo, a equipe apresenta um calendário competitivo de, pelo menos, seis campeonatos juvenis por ano.

Frente às oportunidades e adversidades do ano de 2020, o projeto Vem Ser Rugby, precisou organizar-se e reinventar-se para dar continuidade ao trabalho desenvolvido com as atletas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar

as possibilidades e desafios enfrentados pelo projeto de extensão VSR no ano de 2020.

2. METODOLOGIA

Participam atualmente do projeto, 18 atletas entre 15 e 17 anos de idade, com, no mínimo, um ano de experiência no rugby e que participaram de pelo menos três competições.

No contexto normal, o VSR ocorre nas dependências da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. O projeto fornece às atletas três encontros semanais, sendo dois encontros voltados ao treinamento tático-técnico e um de treinamento físico, tendo em torno de 1h30min de duração. Além disso, as atletas ainda participam uma vez por semana de um encontro em grupo, que tem duração de 1h com as profissionais da psicologia, com debates voltados à psicologia do esporte. Já as profissionais da fisioterapia acompanham os treinos e atendem às atletas conforme às necessidades e demandas das mesmas. Por fim, a equipe de nutrição fornece suporte nutricional às atletas, através de oficinas e encontros mensais.

Diante da pandemia da COVID-19, o planejamento do projeto teve de se adaptar e se reinventar no que se refere ao desenvolvimento de atletas a longo prazo. Portanto, os treinos físicos ocorrem em formato virtual, por meio das plataformas digitais *Zoom* e *Google Meet*. Desta forma, às atletas contam com 4 sessões semanais de treinamento físico, com aproximadamente 40 minutos de duração, supervisionadas por treinadores, e 2 encontros semanais multidisciplinares, distribuídos em um cronograma em forma de circuito, alternando conteúdos relacionados a: conhecimento técnico de rugby, fisioterapia, nutrição e psicologia.

Diante disso, a seção de resultados deste trabalho abordará a descrição dos desafios enfrentados e as oportunidades aproveitadas pelo projeto VSR durante o ano de 2020.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo no início do ano, em janeiro, o projeto que estava em recesso, teve que retomar suas atividades diante da notícia de que a Confederação Brasileira de Rugby (CBRu) divulgou o Campeonato Brasileiro de Sevens Juvenil que se realizaria em fevereiro. Considerando que esta competição é disputada por seleções estaduais, 11 atletas do Vem Ser Rugby foram convocadas para representar a Seleção Gaúcha na categoria até 16 anos (M16). Assim, treinos físicos e técnicos foram realizados durante o período de preparação. Na competição, realizada em Taubaté/SP, a Seleção Gaúcha M16 conquistou o terceiro lugar, com direito à bolsa atleta para as atletas do VSR convocadas.

Posteriormente ao evento nacional, o projeto entrou em um recesso de duas semanas. Ao retornar, em menos de um mês, a pandemia interrompeu o trabalho presencial do projeto. No entanto, a CBRu iniciou um projeto de sistema de identificação e formação de talentos (SIFT), no qual oportunizou encontros multidisciplinares com membros da comissão técnica e atletas da seleção brasileira aberto e direcionado para atletas juvenis. Paralelamente, a CBRu criou a Academia

Virtual de Alto Rendimento (AVAR), onde solicitou à Federação Gaúcha de Rugby (FGR) indicações de atletas do sexo feminino em potencial de rendimento para compor a seleção brasileira juvenil. Assim, 7 atletas do VSR foram indicadas pela FGR, e compõem atualmente o grupo da AVAR, com reuniões e monitoramento semanal da CBRu para a possibilidade de convocação para a seleção brasileira juvenil.

Ainda em situação de isolamento social causada pela pandemia, a comissão técnica do VSR organizou um cronograma de encontros e treinos remotos para manutenção das atividades do projeto e, principalmente, voltados à preocupação em manter as meninas fisicamente ativas e mentalmente saudáveis, além de proporcionar conhecimento teórico-prático acerca de diferentes dimensões relacionadas desempenho esportivo. Já foram conduzidos 56 sessões de treinamento físico oferecida em dois horários distintos durante cada dia de treino. Além disso, até o momento, foram proporcionados 28 encontros multidisciplinares, sendo 2 encontros por semana, com conteúdos variados e alternados em temas relacionados ao conhecimento técnico de rugby, fisioterapia, nutrição e psicologia, como apresenta a Tabela 1.

Tabela 1. Conteúdos abordados nos encontros multidisciplinares.

Técnico e conhecimento de rugby	Fisioterapia	Nutrição	Psicologia
Regras e fundamentos;	Liberação miofascial;	Oficinas de culinária;	Roda de conversa;
Arbitragem;	Alongamento;	Preparação de alimentos;	Sentimentos em contexto de pandemia.
Valores do rugby;	Estabilidade;	Quando consumir;	
Fomas de comunicação;	Mobilidade.	Nutrição de atletas; Receitas saudáveis	
Habilidades individuais.			

4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, o VSR vivenciou momentos importantes quanto à visibilidade do projeto em âmbito nacional, conquistando terceiro lugar em campeonato brasileiro, e 7 atletas sendo indicadas e introduzidas na academia de alto rendimento da CBRu. Além disso, o VSR empregou um cronograma prático em formato remoto, considerando o cancelamento das atividades presenciais durante a pandemia, onde o trabalho de uma equipe multidisciplinar se fez fortemente necessário no auxílio às atletas, bem como contribuiu na formação dos recursos humanos através de encontros ministrados por estudantes de graduação da UFPEL.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOURA, G. X.; STAREPRAVO, F. A.; ROJO, J. R.; TEIXEIRA, D.; SILVA, M. M. Mulher e esporte: o preconceito com atletas de rugby da cidade de Maringá-Pr. **Motrivivência**, vol. 29, n. 50, p. 17-30.2020.

MÜLLER, C. B. **Efeitos em parâmetros neuromusculares de um programa de treinamento tático-técnico e físico e comportamento da maturidade em escolares do sexo feminino com altas habilidades motoras para o rugby: Programa Vem Ser Pelotas**. 2018. 86f. Dissertação – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

GAYA, A.; CARDOSO, V. D.; GAYA, A. R.; FILHO, A. R. R. Talento esportivo: teoria e prática. **Anais do 5º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. Belo Horizonte, vol. 5, p. 411-436, 2015.

HISTÓRICO DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA DO MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR/RS UM ESTUDO DE CASO

THAÍS NOBLE RODRIGUES¹; Marcos Kommling Centeno²; Henrique Peglow da Silva³; João Gabriel Ruppenthal⁴; Thalia Strellov⁵; Prof. Dr. Maurizio Silveira Quadro⁶

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – thaisnoble21@gmail.com

² UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – mcenteno35@gmail.com

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – henrique.peglow96@gmail.com

⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – joaogabrielrup@gmail.com

⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – thalia.strellov@gmail.com

⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – mausq@hormail.com

1. INTRODUÇÃO

O Município de Santa Vitória do Palmar se caracteriza por ser um município fronteiriço do Estado do Rio Grande do Sul, onde se localiza no extremo sul do Brasil, juntamente com a fronteira do Uruguai.

Santa Vitória do Palmar junto com o município de Rio Grande, abrigam em conjunto uma das mais importantes reservas ecológicas do Rio Grande do Sul e uma das mais importantes do país, que é a Estação Ecológica do Taim. E juntamente com o município do Chuí, possui o maior complexo para geração de energia eólica da América Latina, o Complexo Eólico Campos Neutrais.

A prestação de Serviços de Abastecimento de Água Pública é de total responsabilidade da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN). A empresa ela é uma Sociedade de economia mista juntamente com a administração pública. A CORSAN foi criada em 21 de dezembro de 1965 e sua fundação foi oficializada em 28 de março de 1966.

O histórico dos serviços de saneamento para o município de Santa Vitória do Palmar inicia em:

1954: assinado em 19 de agosto, contrato de concessão do abastecimento de água e do sistema de esgotos à SOP por 20 anos, renováveis por cinco anos.

1958: inauguração, em 18 de maio, do sistema de abastecimento de água.

1968: assinado em 13 de setembro, contrato de concessão do abastecimento de água à CORSAN por 20 anos, renováveis pelo mesmo período.

1998: instalado o Conselho de Consumidores em 18 de maio.

2009: assinado contrato de concessão do abastecimento de água e esgotamento sanitário junto a CORSAN

2. METODOLOGIA

O objetivo do contrato do município estudado com a CORSAN “é à outorga da prestação dos serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário, o que se compreende a: exploração, execução de obras, ampliações e melhorias das redes de distribuição de água, com a obrigatoriedade de implementar, fazer/ ampliar, melhorar, explorar e administrar, com exclusividade, os serviços de abastecimento de água potável e esgotamento sanitário, na área urbana e áreas contínuas, incluindo junto a captação, adução de água bruta, tratamento, adução

de água tratada, distribuição e medição do consumo de água, bem como a sua coleta, transporte, tratamento e destino final do esgoto já tratado de forma ambientalmente correto, o faturamento e entrega das contas de água e esgoto cloacal, sua cobrança e sua respectiva arrecadação, atendimento ao público usuário dos sistemas tanto de forma presencial como através dos seus canais de comunicação, o controle de qualidade da água segundo a Lei 11.447 e o cadastro de consumidores, atendidos os princípios da conveniência social, ambiental, técnica e econômica e, ainda, a Política Estadual de Saneamento”.

O sistema de abastecimento de água do município de Santa Vitória do Palmar apresenta captação de água, condução, tratamento, recalque, reservação e rede de distribuição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

- **Captação:** água subterrânea através de uma bateria de poços;
- **Tratamento:** Direto dos Poços de Captação;
- **Recalque:** uma estação elevatória junto aos Poços para atender o reservatório, com vazões de 250 a 500 m³/h e altura manométrica total (AMT) de 45 m;
- **Reservação:** um reservatório elevado de 300 m³, instalado no mesmo local, que atende toda a zona urbana do município, Praia do Hermenegildo e Barra do Chuí, as Agrovilas possuem cada uma delas um reservatório próprio;
- **Rede de distribuição:** aproximadamente 10 km de rede com diâmetro entre 50 e 175 mm, com tubulações de PVC e fibrocimento.

Descrição do SAA – Tratamento

Os sistemas de abastecimento de água são feitos por poços, existe muito espaço físico para se concentrar em 1 estação de ETA para se tratar a água, por isso é feito o tratamento nos poços. A vazão de cada Poço depende da localidade onde estão instalados, a água captada pelos poços são tratadas com Cloro, Correção do pH.

O levantamento de dados foi elaborado a partir do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento - SNIS, onde atualmente é administrado pelo Governo Federal no âmbito da Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental (SNSA) vinculado ao Ministério das Cidades (MCID), permitindo não somente o planejamento e execução de políticas públicas mas também a orientação das aplicações dos recursos, como também o exercício do controle ambiental/social.

A CORSAN desde a sua instalação no município ela realiza o controle periódico da qualidade da água, utilizando os parâmetros de cloro residual livre, cor, pH, turbidez, coliformes totais e coliforme termotolerantes como indicadores de qualidade. Os valores obtidos através das análises devem atender aos padrões previstas na Portaria 2914/2011 do Ministério da Saúde.

O abastecimento de água na zona rural do município de Santa Vitória do Palmar é realizado através de poços administrados pela Prefeitura. As análises da qualidade da água são realizadas pela Vigilância Ambiental num período de 6 meses a 1 ano, através do programa Vigiágua nas residências rurais de forma aleatória. De acordo com informações da Vigilância Ambiental, os parâmetros analisados estão de acordo com os padrões estabelecidos pela legislação.

4. CONCLUSÕES

Pode-se concluir que o município Santa Vitória do Palmar apresenta um histórico de tratamento de águas através de contrato ativo com a CORSAN onde



em seu contrato licitatório abrange tanto o município estudado como suas agrovilas. Contudo, pode-se perceber que os Poços de captação de água não possuem o mesmo padrão, os Poços de captação de água de Santa Vitória do Palmar, Barra do Chuí e Hermenegildo todos são Poços padronizados pela CORSAN, já os Poços das Agrovilas possuem outro formato, contudo esses mesmos poços das Agrovilas estão começando a ser padronizados igualmente com o do município estudado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO DA SILVA TEIXEIRA, 1., 2019, Pelotas. **MAPEAMENTO DAS ÁGUAS SUBTERRÂNEAS LOCALIZADAS NO MUNICÍPIO DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR ATRAVÉS DO MÉTODO GOD.** Pelotas: Anais do VI Congresso de Extensão e Cultura da Ufpel, 2019. 145 p.

LAZZARETTI, Luciana. SANEAMENTO BÁSICO E SUA INFLUÊNCIA SOBRE A SAÚDE DA POPULAÇÃO. 2012. 26 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização Gestão em Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Ufrgs, Porto Alegre, 2012. Cap. 1.

BRUM, Bruno Ramos; OLIVEIRA, Naira de Resende; REIS, Hélen Cristina Oliveira dos; LIMA, Zoraidy Marques de; MORAIS, Eduardo Beraldo de. QUALIDADE DAS ÁGUAS DE POÇOS RASOS EM ÁREA COM DÉFICIT DE SANEAMENTO BÁSICO EM CUIABÁ, MT: avaliação microbiológica, físico-química e fatores de risco à saúde. *Holos*, [S.L.], v. 2, p. 179, 20 abr. 2016. Instituto Federal de Educacao, Ciencia e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). <http://dx.doi.org/10.15628/holos.2016.2714>.

AFETIVO E ACOLHEDOR: O PÁTIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA

VALDOIR SIMÕES CAMPELO¹;
CHAYANE SILVA,
MARTA GASTAL
ESTEFÂNIA KONRAD²;
CRISTINA MARIA ROSA³

¹ Universidade Federal de Pelotas 1 – simoesvaldoir852@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – chayanea@outlook.com

Universidade Federal de Pelotas – martulines@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – estefaniakonrad@hotmail.com ²

³ Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No trabalho, revelo como um grupo de estudantes entreviu no espaço escolar durante a realização de uma disciplina da Licenciatura em Pedagogia da FaE/UFPEL. O foco foi observar a gestão escolar, identificar pontos de intervenção e, em diálogo com a equipe da escola, resolver. O local em que ocorreu tal intervenção foi a Escola Estadual de Ensino Médio Fernando Treptow, que se localiza na periferia urbana da cidade de Pelotas - RS.

Ao contatar o ambiente escolar e observar as relações que ali se desenvolviam, tivemos o desejo de revitalizar o pátio, um dos locais mais apreciados pelas crianças e adolescentes que ali estudavam. Pretendíamos, com isso, intervir positivamente nas relações sociais entre todos.

De acordo com PARO (2016, p.37), é a “persistência do modelo hierarquizado e em desacordo com uma concepção democrática de prática pedagógica” que produz um descompasso com o “desenvolvimento histórico em outras áreas”. Nesse caso, de acordo com o pesquisador, a manutenção da hierarquia,

[...] parece denunciar precisamente a persistência também de um tipo de prática educativa que não logra realizar os objetivos de formação de personalidades humano históricas à altura do desenvolvimento histórico-cultural da sociedade (PARO, 2016, p.37).

METODOLOGIA

Para o trabalho realizado na escola, nos fundamentamos em alguns pressupostos da pesquisa-ação. Muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, de acordo com Thiollent (2002, p. 75), com a “orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em

condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria “condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola”.

O aspecto inovador da pesquisa-ação se, deve principalmente a três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social, de acordo com Jennifer Fogaça (s/d). Na matéria publicada sobre o termo, a autora recorreu a estudos de Adriana Nunes Vieira (2014), para quem, a Pesquisa-ação é

[...] uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa (VIEIRA, 2014, p.9).

No trabalho aqui selecionado, evidencio os procedimentos por nós adotados no Pré-Estágio e Estágio. Eles foram: **a)** visitas à escola; **b)** proposição de compartilhamento de nosso olhar sobre o observado; **c)** oficinas para revitalizar o espaço; **d)** realização do projeto, divisão do muro; **e)** avaliação do realizado. Para o trabalho endereçado à SIIPE, escolhemos: 1. Rever o realizado; 2. Considerar dentro da estrutura de um trabalho de extensão; 3. Escrever o resumo; 4. Submeter ao evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da realização de oficinas para revitalizar o espaço do pátio, por meio de atividades coletivas entre estudantes, Escola e Universidade, um grupo de intervenções ocorreu. Inicialmente, com o objetivo de observar e analisar qual o meio no qual aquela escola estava inserida e como essa realidade repercutia nas relações ali estabelecidas. Assim, demos início ao projeto. Com o apoio da Direção, que disponibilizou tempo e material para as oficinas, a revitalização extrapolou a estrutura física. Para revitalizar o espaço, foi estipulado um cronograma: dois semestres. Um seria empregado para conhecimento da escola e da comunidade além da escrita do projeto. O outro, para a atuação. Ambos, com oito encontros cada.

Em “oficinas de desenho técnico” – uma forma encontrada para que os adolescentes aderissem ao projeto – foram produzidos desenhos que, posteriormente “tomaram” o espaço do pátio. Ministradas pelo estudante Emanuel Santos, Licenciando em Artes Visuais (ILA/UFPEL) – os adolescentes primeiro criaram e, depois, escolheram o muro lateral onde ocorre a entrada e saída dos estudantes na escola para a “aplicação” do projeto. O muro foi dividido em quatro partes, tendo, entre cada pintura, uma coluna. Na primeira, a pintura ficou voltada para a expressão AMIZADE e, nela, desenharam o ser humano e, harmonia com o meio ambiente. O segundo espaço foi ilustrado com logo da escola. O terceiro espaço foi ilustrado com o resultado da discussão e o aprendizado sobre MACHISMO. Nele, meninas e meninos, juntos, pintaram FORA MACHISTAS!, com as meninas pintando a escrita e os meninos na colaboração com as diferentes formas de letra e no quarto espaço ficou expressado a gratidão com uma pintura trabalhado em uma grade onde cada estudante pintou um quadro e escolheu uma cor para seu colega dando-o uma qualidade.

Percebemos, durante o desenvolvimento do projeto, que os estudantes passaram a se interessar mais pelo ambiente escolar. Ao término de cada oficina, realizamos escritas avaliativas, com foco em pontos positivos, negativos e sugestões. Ao discutirem sobre a comunidade e a cidade em que vivem, expressaram sua indignação com o descaso e abandono da comunidade. Relataram que a forma de viver, se vestir e o gosto por certos gêneros musicais os levaram a sofrer preconceito, repreensão policial e assédio. No muro interno dessa escola, hoje deixaram marcas gráficas indicando que amam a arte, a rua, a liberdade. E que almejam ser não apenas “mais um da vila”. O desejo por ser médica, ator, desenhista, entre muitas outras profissões, foi enunciado.

Durante uma das oficinas, na fase da expressão no papel, uma das estudantes, desenhou a seguinte frase, “FORA MACHISTAS”. Ao ver o desenho, uma das estagiárias questionou-a. A partir desse momento, não só ela, mas toda a turma ali presente pôde construir e passar a ter uma visão mais crítica de suas ações não só ali na escola, mas no cotidiano. Foi interessante como isso poderia afetar as relações com os demais presentes no dia a dia.

4. CONCLUSÕES

As oficinas de desenho, ministradas dentro do projeto de revitalização de um dos espaços da escola, ultrapassaram as expectativas de nosso grupo. O foco

do projeto foi observar e intervir em um espaço da escola utilizando o grafite como forma cultural, uma vez que ele é muito presente na comunidade na qual o educandário está situado. Porém, as discussões, as investigações e o diálogo que ocorreram durante, se tornaram base principal para a realização do projeto.

Na proposição, descobrimos estudantes sonhadores, com vontade de viver, prontos a não aceitarem a repressão social. Compreendemos que podem usufruir do espaço revitalizado para uma melhor formação como seres humanos e sociais.

Como avaliação consideramos, à época, o desenvolvimento dos diálogos, a convivência do grupo, a frequência e as sugestões apresentadas por eles. Um dos adolescentes expressou assim o momento: “Gosto de estar aqui. Pena que só tenho aula de manhã... Se tivesse outros projetos, daria mais vontade de vir para cá”.

Nesse relato ele enalteceu a importância de haver outros projetos para que possam desenvolver suas habilidades cognitivas, emocionais e sócio-afetivas. Melhor relacionando entre si para que possam a partir desse e de outros projetos se descobrirem como seres pensantes e capazes de se desenvolverem em uma melhor relação entre a arte e o Meio Ambiente.

Compreendemos, hoje, que a escola é um espaço de aprendizagem para além de seus muros. E, a extensão universitária, um caminho para aprender mais, além do currículo de formação da Licenciatura em Pedagogia.

Encerrando afirmo que: são estudantes que tem algo a dizer.

5. REFERÊNCIAS

PARO, Vitor. Crítica da Estrutura da Escola. São Paulo: Cortez, 2016.

FOGAÇA, Jennifer. Trabalho Docente: Pesquisa Ação. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/pesquisa-acao.htm>

THIOLLENT, Michel. Metodologia a pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985.

VIEIRA, Adriana Silva da Silveira Nunes Vieira. Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto escolar. ANPED Sul. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arg_pdf/1400-0.pdf